

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ANA CRISTINA LOBO SOUSA

**A VIOLÊNCIA NA LINGUAGEM EM ATOS DE FALA
SOBRE O *IMPEACHMENT* DE 2016 NO *FACEBOOK***

**Uberlândia
2018**

ANA CRISTINA LOBO SOUSA

**A VIOLÊNCIA NA LINGUAGEM EM ATOS DE FALA
SOBRE O *IMPEACHMENT* DE 2016 NO *FACEBOOK***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, Curso de Doutorado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso
Orientadora: Professora Dra. Alice Cunha de Freitas

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) Sistema de
Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S725v Sousa, Ana Cristina Lobo, 1977-
2018 A violência na linguagem em atos de fala sobre o impeachment de
2016 no Facebook [recurso eletrônico] / Ana Cristina Lobo Sousa. - 2018.

Orientadora: Alice Cunha de Freitas.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.626>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. 2. Atos de fala (Linguística). 3. Linguagem - Violência.
4. Redes sociais on-line - Linguagem. I. Freitas, Alice Cunha de (Orient.)
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós- Graduação em
Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408

A VIOLÊNCIA NA LINGUAGEM EM ATOS DE FALA
SOBRE O *IMPEACHMENT* DE 2016 NO *FACEBOOK*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Cursos de Mestrado e Doutorado, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso

Banca Examinadora

Professor Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo - UFU

Professor Dr. Waldenor Barros Moraes Filho - UFU

Professora Dr(a). Maria Isabel Borges - UEL

Professora Dr(a). Letícia Fraga/UEPG

Orientadora: Professora Dra. Alice Cunha de Freitas - UFU

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Cursos de Mestrado e Doutorado, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

APROVADA EM ____/07/2018.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Dr(a). Alice Cunha de Freitas
Universidade Federal de Uberlândia

Examinador: Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo
Universidade Federal de Uberlândia

Examinador: Dr. Waldenor Barros Moraes
Universidade Federal de Uberlândia

Examinadora: Dr(a). Letícia Fraga/UEPG
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Examinadora: Dr(a). Maria Isabel Borges
Universidade Estadual de Londrina

A meu pai, que me permitiu estudar!

AGRADECIMENTOS

Gratidão

A Deus, por essa existência tão rica de aprendizado!

A meus pais, Francisco Rocha de Sousa e Maria Vanda Lobo Sousa, por me permitirem chegar onde os estudos conseguem me levar.

A meus irmãos, especialmente, à irmã Silvia Cristina Lobo Sousa, pela lembrança constante do cumprimento do propósito, e à irmã Silvia Helena Lobo Sousa, pela empatia que nos une em cada momento de angústia partilhado e seguido de mensagem de encorajamento.

A meu companheiro Flávio Ananias Gomes, pelo suporte em momentos decisivos para a realização deste projeto de vida e pelo incentivo constante para que eu me tornasse Doutora.

Ao corpo docente e aos técnicos do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pela acolhida no programa. Um agradecimento especial à professora Dr(a). Maria de Fátima Fonseca Guilherme, pela inspiração que consegue provocar com sua sabedoria e amorosidade e à secretária, Dra. Maria Virgínia Dias de Ávila, com quem partilhei angústias e encontrei conforto, desde suas palavras a sua moradia.

A minha orientadora, a professora Dr(a). Alice Cunha de Freitas, pela “adoção” de uma orientanda que não acreditava que poderia; por me apresentar uma “teoria desconstrutora” que me possibilitou novos caminhos na pesquisa e, finalmente, pelo zelo com que procedeu em cada correção e em cada contribuição ao longo do processo.

Aos professores Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo e Dr. Waldenor Barros Moraes Filhos, pela leitura e contribuições valiosas por ocasião da qualificação da tese de Doutorado.

Ao colega de Doutorado, Lauro Luiz Pereira Silva, que se tornou amigo imprescindível e ofereceu seu lar para inspirar muitas das linhas escritas nesta tese durante minha jornada em Uberlândia.

Às professoras Dr(a). Ana Célia Clementino Moura (UFC), pelo apoio material e psicológico no início de minha jornada acadêmica na UFU (a mesma professora que anos antes havia sido inspiração para que eu me tornasse docente na universidade); e à professora Dr(a). Ana Maria Pereira Lima (UECE), com quem pude contar na apreciação de meu trabalho de área complementar.

A meu professor orientador de trabalho de área complementar, Professor Dr. Dánie Marcelo de Jesus (UFMT), o qual me apresentou obras que seriam decisivas para a definição de meu objeto de estudo neste Doutorado.

A meus colegas de trabalho do Departamento de Letras e aos discentes da Universidade Federal de Mato Grosso, os quais me motivaram (e motivam) a cursar este Doutorado. Agradecimento especial à professora Dr(a). Maria Aparecida dos Santos, sem a qual eu não teria obtido licença de um ano para estudar em Minas Gerais.

RESUMO

O processo de *impeachment* sofrido pela presidente Dilma Vana Rousseff, em 2016, no Brasil, provocou a manifestação de comentários bastante exaltados nas redes sociais, especialmente no *Facebook*. Nesses comentários, ao lado da defesa de posicionamentos políticos, predomina o que se convencionou chamar de discurso de intolerância. Esse fato permitiu-nos pressupor que a linguagem estava sendo usada para ferir e, diante disso, propusemos como objeto de estudo a “violência na linguagem em atos de fala do *Facebook*”. Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo analisar o funcionamento da violência com/na/pela linguagem em atos de fala publicados no *Facebook* acerca do *impeachment*, especificamente nas páginas Movimento Brasil Livre (MBL) e Frente Brasil Popular (FBP), tomando como base as escolhas linguísticas e a força ilocucionária desses proferimentos. Nossa investigação é conduzida por uma concepção de linguagem como ação, com base epistemológica na filosofia austiniana (AUSTIN, 1990), e por uma perspectiva de leitura desconstrutora dos atos de fala à luz da Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2003, 2010, 2014). Esse aporte teórico permite-nos questionar a oposição classicamente estabelecida na Filosofia Tradicional entre fato/valor e nomeação/predicação e demonstrar que ao dizer também fazemos. Para o alcance de nosso objetivo, selecionamos 11 postagens seguidas de 1.842 comentários publicadas no mural de notícias das páginas MBL e FBP atualizadas no período de abril de 2016 a agosto de 2017, cujo critério básico fosse o de remeter direta ou indiretamente ao *impeachment* de Dilma Rousseff. A partir disso, enfocamos os comentários publicados em cada uma dessas postagens e, em função do volume de atos de fala, extraímos uma amostra desse *corpus* para a análise. A natureza dos atos de fala permitiu classificações como desrespeito, agressão, insulto e injúria a partir da identificação dos atos ilocucionários como performativamente violentos. Foi possível demonstrar ainda como as escolhas linguísticas utilizadas para nomeação se valem de substantivos como epítetos para demonstrar posicionamentos político-ideológicos e, conseqüentemente, desvelar políticas de representação que desqualificam o outro que se posiciona em lado oposto.

PALAVRAS-CHAVE: Atos de fala. Força ilocucionária. Linguagem performativa. Violência na linguagem. Políticas de representação.

ABSTRACT

The President Dilma Vana Rousseff's impeachment process, in 2016, in Brazil, provoked the highly manifestation of exalted comments on social networks, especially on Facebook. On these comments, alongside the defense of political positions, that is, commonly, known intolerance discourse. This fact allowed us to presuppose that the language has being used to injure and, on this, we proposed as study object the "language violence in Facebook speech acts". This research objective was to analyze the influence of the violence in language speech acts published on Facebook about impeachment, specifically on pages Movimento Brasil Livre (MBL) and Frente Brasil Popular (FBP) based on linguistics choices and the illocutionary force. Our research is driven by a conception of language as action, with an epistemological basis in philosophy (AUSTIN, 1990) and by a perspective of deconstructive reading of speech acts of the New Pragmatics (RAJAGOPALAN, 2003, 2010, 2014). In order to do that we selected 11 posts followed by their comments published on the MBL and FBP pages updated from April 2016 to August 2017. One of comments' selection criteria was to refer directly or indirectly to Dilma Rousseff's impeachment. From this, we extracted a sample from the comments published in each of these posts that were our corpus for the analysis. There are several intolerant discourses on the samples: disrespect, aggression, insult and injury from the identification of illocutionary acts as performatively violent. It was also possible to demonstrate how the linguistic choices used for naming use nouns as epithets to demonstrate political-ideological positions and, consequently, to unveil policies of representation that disqualify the other that stands on the opposite side.

KEYWORDS: Acts of speech. Ilocutionary force. Performative language. Violence in language. Representation policies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Página inicial da <i>fan page</i> Facebook Brasil.....	66
Figura 02 – Página inicial da <i>fan page</i> MBL.....	69
Figura 03 - Página inicial da <i>fan page</i> FBP.....	71
Figura 04 – Publicação da <i>fan page</i> Facebook Brasil.....	71
Figura 05 - Comentários da <i>fan page</i> do Facebook Brasil.....	73
Figura 06 – Mecanismo de busca de uma <i>fan page</i>	74
Figura 07 - Número inicial de comentários.....	79
Figura 08 - Número final de comentários.....	80

LISTA DE POSTAGENS

Postagem 01 - Agosto de 2017 MBL.....	85
Postagem 02 – Agosto de 2016 MBL.....	90
Postagem 03 – Agosto de 2017 FBP.....	92
Postagem 04 – Maio de 2016 FBP.....	93
Postagem 05 – Abril de 2016 FBP.....	104
Postagem 06 – Maio de 2016 MBL.....	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Dados coletados.....	77
Quadro 02 – Relação de postagens e comentários da <i>fan page</i> MBL.....	80

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1	ASPECTOS TEÓRICOS.....	30
	1.1 A concepção de linguagem performativa.....	30
	1.2 Relações entre linguagem e violência.....	40
	1.3 Movimentos sociais e ativismo político <i>on-line</i>	47
	1.4 Atos de designação e políticas de representação.....	58
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	64
	2.1 Natureza e delimitação do universo da pesquisa.....	64
	2.2 Montagem e organização do <i>corpus</i> de estudo.....	76
	2.3 Procedimentos de análise dos dados.....	81
3	ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DIZERES.....	83
	3.1 “ <i>Impeachment</i> ” ou “golpe”: imbricações entre fato e valor.....	83
	3.2 Petistas <i>versus</i> tucanos: designações que predicam.....	97
	3.3 “ <i>Tchau, querida!</i> ” e “ <i>Fica, Dilma!</i> ”: designações de uma presidente.....	109
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
	REFERÊNCIAS	122
	ANEXO A- AMOSTRA DE <i>CORPUS</i>	127

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A crise política que marcou o primeiro governo presidencial da ex-presidente Dilma Vana Rousseff, no período compreendido entre 2011 e 2014, configurou, especialmente com a reeleição presidencial de 2015, um momento marcante na história das redes sociais, quando manifestações de intolerância puderam ser vistas no *Facebook*, a rede social mais popular no Brasil. Nela, “amigos” excluía “amigos” cujas posições políticas eram contrárias, em meio a comentários agressivos, ofensivos e eivados de desinformação acerca de conteúdo político.

Ao mesmo tempo em que se viam interações de pessoas com posicionamentos políticos antagônicos, viu-se a criação de bolhas nas quais cada pessoa interagia apenas com quem partilhava dos mesmos posicionamentos políticos. Fora da bolha, as interações ganhavam dia a dia conotações mais agressivas e, por que não, violentas, já que carregadas de desrespeito contra o outro. Em defesa de uma suposta liberdade de expressão e na defesa de suas convicções político-partidárias, as pessoas, em ambiente *on-line*, agrupavam-se entre defensores e opositores do *impeachment*.

O *Facebook* tanto servia (e continua a servir) como plataforma de organização dos movimentos nas ruas, quanto para manifestações de clamor de toda ordem, tais como: “contra a corrupção”, “fora PT”, “aqui não é a Venezuela”, “Xô, comunistas”, “o gigante acordou”, “padrão fifa”, entre tantas outras. Manifestações anti-governo federal ocorridas desde 2013 no Brasil acabaram por apresentar algo que nos chamou a atenção: a violência contra o outro expressa na linguagem de comentários de páginas no *Facebook*. Insultos eram proferidos por todos contra todos em designações que não apenas nomeiam, mas também predicam, delineando um ódio que se torna virulento nas redes sociais.

Com efeito, as redes sociais já haviam sido utilizadas para propagar mensagens ofensivas, a exemplo do que ocorreu na primeira eleição de Dilma Rousseff, quando, em 2010, a estudante de direito Mayara Penteado Petruso sofrera processo instaurado pela Ordem dos Advogados do Brasil, Seção Pernambuco, por crime de racismo e de incitação pública ao crime de homicídio. Naquela ocasião, Mayara havia postado mensagens em suas contas do *Twitter* e *Facebook* manifestando ódio contra os nordestinos que, em sua opinião, teriam eleito Dilma, candidata do PT à presidência da república. A postagem no

Twitter foi analisada por Silva e Alencar (2013) como exemplo de violência no uso da linguagem à luz da perspectiva de estudos da Pragmática:

numa visada pragmática, chamamos de violentos os usos linguísticos que, ao posicionarem o outro – especialmente aquele que representa a raça, o gênero, a sexualidade e o território que não se quer habitar – num lugar vulnerável, acabam por insultar, injuriar ou violar a sua condição. Entendemos ser este um fato situado, em que certos recursos da língua são empregados para ferir. Dito de outro modo, quando um sujeito ou grupo de sujeitos usa a língua para diminuir, depreciar, desdenhar ou abominar um grupo social ou um indivíduo específico, ele ou ela está usando a língua violentamente, i.e., está afetando uma estrutura de afetos que se sustenta na linguagem (SILVA; ALENCAR (2013, p. 136-137).

Além do uso individual violento que se possa fazer a partir de uma rede social, os usos coletivos, especialmente no tocante à manifestação de assuntos políticos, têm se ampliado em organizações, comunidades e grupos que constituem extensões do que ocorre nas ruas em momentos mais pontuais. No Brasil, em 2013, as Jornadas de junho nas ruas foram inicialmente organizadas pelo “Movimento Passe Livre” contra o aumento da tarifa do transporte público que aconteceria no mês de junho daquele ano pelo governo de São Paulo. De acordo com Gohn (2014), referência nacional importante no estudo dos movimentos sociais contemporâneos, movimentos de massa registrados na história do Brasil, como os ocorridos em junho de 2013, encontram paralelo apenas no *impeachment* do ex-presidente Collor de Melo, em 1984; no “Movimento das Diretas Já”; no período do regime militar e nos atos de 1960; nas greves e nas paralisações pré-Golpe Militar de 1964.

Esses movimentos “mostram-se como modos e formas de agir coletivo, especialmente adquirido/construído via redes sociais e telefonia móvel, e advêm de ondas globais, internacionais” (GOHN, 2014, p. 9). Eles constituem os chamados movimentos em rede, definidos por Castells (2013), sociólogo espanhol que analisou movimentos sociais na era da internet, como uma nova espécie em seu gênero, novos tipos de movimento democrático que têm na internet suas principais formas de comunicação até ocupar os espaços urbanos. São movimentos sociais voltados para a mudança dos valores da sociedade, e também podem ser movimentos de opinião pública, com consequências eleitorais. Eles diferem dos protestos porque “são essencialmente movimentos culturais, que conectam as demandas de hoje com os projetos de amanhã” (CASTELLS, 2013, p. 171).

A nosso ver, os movimentos iniciados no Brasil em 2013 têm continuidade com as manifestações ocorridas em 2015 e em 2016, as quais se organizaram em redes sociais e levaram às ruas milhões¹ de pessoas em diversas cidades no país e culminaram com o processo de *impeachment* contra a ex-presidente Dilma Rousseff, em agosto de 2016. Tais protestos constituem importante evento que pode ilustrar o funcionamento da linguagem no ativismo político em ambiente digital a partir dos dizeres de internautas em atos de fala que permitem identificar palavras que agridem. Esses atos de fala (AUSTIN, 1990) publicados em comentários da rede social *Facebook* por ocasião do *impeachment* de 2016 permitem-nos observar, com Silva e Alencar (2013, p. 136), que “a mesma linguagem que fere oferece possibilidades de existência linguística ao sujeito. Assim, a violência na linguagem pode ser vista como algo que não só destrói a identidade do sujeito e a própria significação, mas também as constitui”, no sentido de que a linguagem injuriosa pode colocar o sujeito em um “lugar” diferente do que ele conhece.

Não é exagero afirmar que ocorreu, nas redes sociais em geral, uma rivalidade acirrada entre defensores do Partido dos Trabalhadores (PT) e defensores do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), os dois principais partidos da disputa eleitoral de 2014, independentemente das coligações que uniam cada um desses partidos. Especialmente no *Facebook*, pôde-se conferir os posicionamentos de quem estava a favor do *impeachment* e contra ele, conclamando-se “de esquerda” e “de direita” e, nos limites da tolerância, provocando um movimento entre “amigos” no *Facebook* que separa, de um lado, “petralhas” e, de outro, “coxinhas”, em um clima de tensão que já ultrapassa os limites da violência simbólica, no sentido dado por Bourdieu (1989).

A falta de clareza sobre o que os internautas estariam designando com os termos “direita” e “esquerda”, bem como a ofensa irresponsável em meio a reivindicações tão diversas, aliada a uma aparente necessidade de se juntar ao grito das multidões, chamou inicialmente nossa atenção. Essas práticas nos alertam para os usos que estão sendo feitos com a linguagem, especialmente porque “ser de direita” ou “ser de esquerda” no país passa a ser alvo de inúmeras nomeações/predicações desprovidas de maiores esclarecimentos do que se possa estar dizendo com isso.

É fato que, nos dias de hoje, a distinção direita *versus* esquerda no que se refere

¹ Uma cronologia dos protestos ocorridos nesse período seguido dos números de participantes pode ser conferida em <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,cronologia-protestos-2015-a-2016,12157,0.htm>>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

a partidos políticos se apresenta confusa, o que é facilmente observado em comentários encontrados em redes sociais. De acordo com Madeira e Tarouco (2011, p. 4), “o surgimento das questões pós-materialistas, a queda do muro de Berlim e o colapso da União Soviética impactam profundamente o cenário político internacional, contribuindo com uma sensação crescente de indiferenciação dos partidos políticos”. No Brasil, acrescentam os autores, “se identifica claramente esta sensação de crescente indiferenciação ideológica entre os principais partidos políticos, tanto no nível do senso comum e no discurso dos próprios políticos, quanto nos discursos jornalísticos” (MADEIRA; TAROUCO, 2011, p. 4).

Ademais, temos que considerar, no contexto brasileiro, o conflito de classes, o qual é, segundo Boito Jr. (2016), um conflito distributivo na busca de apropriação da riqueza que envolve interesses variados e complexos, permitindo o surgimento de alianças que configuram sucessivas mutações no quadro político. Por esses motivos, talvez seja preferível utilizar as expressões “de situação” ou “de oposição”, já que a consideração de critérios mais claros para assegurar uma distinção político-ideológica entre partidos não se nos afigura segura. No Brasil, é comum a mudança de partidos entre líderes políticos e também a mudança de nomes de siglas partidárias, o que causa no eleitor alguma dificuldade para que se identifique a tendência ideológica de cada legenda².

Considerando que a nomeação não é desprovida de predicação (AUSTIN, 1990; RAJAGOPALAN, 2003), é preciso refletir sobre as designações que insultam o outro e considerá-las também um ato eminentemente político, uma vez que acarretam escolhas e consequências. Essa postura entende que a nomeação ou a designação³ carregam atributos que contribuem para interpretações mais ou menos favoráveis acerca de pessoas. Assim, as escolhas linguísticas que designam indivíduos ou a eles se referem precisam ser estudados à luz de uma política de representação que considere as consequências éticas e políticas do ato de nomear/predicar o outro em função de, por exemplo, suas posições político-ideológicas em posições antagônicas.

² Sobre a posição de partidos políticos no tocante à ideologia, ver reportagem contida em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41058120>>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

³ Neste trabalho, usaremos os termos “nomeação” e “designação” como sinônimos, uma vez que entendemos o ato de designar como incluindo o ato de nomear, conforme Rajagopalan (2003) e também balizado em dicionário, como o de Caldas Aulete, no qual encontramos, entre as acepções para o verbete designação, a “nomeação” e também a “ação ou resultado de designar” (CALDAS AULETE, *on-line*).

Sem dúvida, já tivemos outros momentos de polarização política na história brasileira. A esse respeito, Karnal (2017, p. 9) observa que a grande política é baseada em dualidade: “os getulistas e os lacerdistas, Arena e MDB, PT e PSDB”. A novidade, desta vez, é que

as redes sociais empoderaram pessoas, que passaram a se achar agentes políticos. Hoje o discurso de politização é maior do que há cem anos. Mais gente discute política. Mais gente, de fato, pensa politicamente e expressa a sua opinião. As redes sociais são um fato novo. Tudo é divulgado, incluindo, [...] coisas verdadeiras e coisas falsas. Muita gente dá opinião, e essa opinião é imediata e forte (KARNAL, 2017, p. 124).

Como afirma Ferreira (2010, p. 51), “tendo a representação propriedade simbólica, esta pode alcançar efeitos de fala para além daqueles que estariam sendo representados”. Pessoas parecem impelidas a opinar em ambiente virtual e, desse modo, são organizados os novos movimentos sociais, um novo ativismo político *on-line* que se organiza no ambiente virtual e sai às ruas:

De forma confusa, raivosa e otimista, foi surgindo por sua vez essa consciência de milhares de pessoas que eram ao mesmo tempo indivíduos e um coletivo, pois estavam – e estão sempre conectadas em rede e enredadas na rua, mão na mão, tuítes a tuítes, post a post, imagem a imagem (CASTELLS, 2013, p. 183).

No caso do *Facebook*, trata-se de uma rede social criada em fevereiro de 2004 que alcançou mais de dois bilhões de usuários no início do ano de 2018⁴, razão pela qual é considerada até hoje a maior rede social do mundo. Em sua interface, vale o registro de que se gostou de algo lido por meio de “curtidas”, ou reações expressas por *emoticons*⁵, em uma interface que precisa ser conhecida pelo usuário. Longe de ser um espaço apenas para o entretenimento, tal como previsto em sua criação, a plataforma ganha cada vez mais visibilidade quando o assunto é política.

Nessa rede social, atos de fala em rede, longe de serem previsíveis, irrompem,

⁴ Dados obtidos em <<https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-chega-a-2-13-bilhoes-de-usuarios-em-todo-o-mundo,70002173062>>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

⁵ *Emoticons* (contração das palavras *emotion* e *icon*) são recursos digitais semióticos de linguagem [em geral com recursos tipográficos] que servem para simular emoções, afetividade e gestos físicos durante uma interação em um ambiente virtual ou não, afirma Júlio Araújo, professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (JANSEN, 2002, *on-line*).

em uma conversação que tanto pode corroborar expectativas, de maneira consensual, quanto rompê-las, de maneira mais agressiva. Além disso, é importante considerar que não há garantia do sentido a ser conferido pelo outro após o proferimento, ou seja, o que é significado por um ouvinte pode ser algo bastante diverso do que foi pretendido pelo falante. Afinal, como postulado por Derrida (1985), o sentido se completa no ouvido do outro. Isso significa que o enunciador não tem controle sobre o sentido daquilo que enuncia, já que seu interlocutor irá apreender o proferimento conforme um conjunto de pressupostos que faz parte de seu próprio sistema de crenças, valorações, repertório, e também de seus posicionamentos.

Assim, independentemente das posições ideológicas de um grupo social identificado em uma página do *Facebook* assumidamente anti-*impeachment*, é possível encontrar tanto comentários favoráveis às causas a serem defendidas por aquela comunidade de usuários, quanto contrários. Ainda assim, escolhemos olhar o evento *impeachment* de 2016 por meio de duas páginas que se colocam em posições contrárias para ver os modos de apreensão de seus usuários acerca do mesmo evento político. Escolhemos páginas que vêm sendo protagonistas nas manifestações de rua: o Movimento Brasil Livre (<https://www.facebook.com/mblivre/>) e o Frente Brasil Popular (<https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/>). O primeiro representa uma página de fãs que apoiou o *impeachment* e o segundo, uma página contra o *impeachment*. As práticas de linguagem neles reunidas permitem-nos perceber de maneira mais equilibrada os modos de ver por ângulos que se opõem.

Essas páginas, dada sua estrutura hipertextual, contêm postagens publicadas que são expandidas, ou são esquecidas, podendo também ser excluídas. Quando expandidas, podem difundir-se rapidamente, de maneira viral, por meio de imagens e atos de fala que serão curtidos, compartilhados e/ou comentados. Essas são formas de interação em ambiente virtual.

O interesse por práticas de linguagem em ambiente digital encontra-se presente em minha atividade acadêmica desde o mestrado, mas àquela altura, entre os anos de 2007 e 2009, eu me via em meio ao dilema de diferenciar o que havia no papel e nas telas de maneira a confrontar as diferenças e semelhanças entre texto e hipertexto. Assim, essa investigação tratou de uma categoria, o hipertexto, na defesa de que ele, em função do suporte, apresentava características impossíveis para as dimensões do papel. O intuito de analisar um exemplar de hipertexto prototípico, com interações *on-line*, foi sugerido como

lacuna de pesquisa em nossa dissertação de mestrado. De lá para cá, muita coisa mudou. As práticas de linguagem se ampliaram, particularizando usos da linguagem em função de gêneros textuais diversos que podem ser mapeados no ambiente digital.

Esse ponto de vista vai ao encontro do que localizamos em Castells (2013, p. 15), ao entender que “a contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança”. O autor conclui que “a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significado e, portanto, a produção de relações de poder” (*ibidem*). Nesse sentido,

a atividade mais importante hoje se dá por meio dos sites de rede social [...] e estes se tornam plataformas para todos os tipos de atividade, não apenas para amizades ou bate-papos pessoais, mas para marketing, e-commerce, educação, criatividade cultural, distribuição de mídia e entretenimento, aplicações de saúde e, sim, ativismo sociopolítico (CASTELLS, 2013, p. 173).

De nossa sorte, corroboramos o pensamento de Pinto e Fabrício (2013, p. 12) ao afirmarem que “ao investigarmos ações linguísticas em diferentes contextos interacionais, estamos produzindo conhecimento não apenas sobre práticas de significação e os sujeitos sociais nela envolvidos, mas também sobre a sociedade que as produz”. É preciso considerar as formas de apropriação que as pessoas utilizam para manifestar seus posicionamentos políticos em ambientes virtual, a fim de compreender o funcionamento da linguagem nesse espaço.

E não se trata de uma sociedade puramente virtual” (CASTELLS, 2013, p. 173). Segundo Castells (2013), com quem concordamos, redes virtuais e redes fora do ambiente digital estão intimamente conectadas. Não é à toa que alguns dos *slogans* utilizados nas manifestações de rua, como as que aconteceram em 2013, no Brasil, com o intuito inicial de protestar contra o aumento de tarifas de ônibus em São Paulo, são oriundos da publicidade e mesclam características dos modos de funcionamento de redes *on-line*. Exemplo disso pode ser conferido com a *hashtag* “#vemprarua” que, inicialmente apresentada em anúncio publicitário da marca Fiat, tornou-se o *slogan* de chamamento às manifestações. Outra construção que ilustra práticas *on-line/off-line* sem serem dicotômicas, é a expressão “Sai do *CandyCrush* e #vemprarua”, por meio da qual não apenas convida para as ruas com um localizador nas redes sociais, como também faz menção a um aplicativo de jogo de redes sociais: o *Candy Crush Saga*.

Com isso, queremos enfatizar que, embora nossos dados sejam encontrados na rede social virtual, eles se encontram em relação estreita com os fatos da vida *off-line*, aos quais precisamos recorrer se quisermos compreender de maneira mais aprofundada como certos atos de linguagem se constituem nas redes. Assim, os contextos social, histórico, político e ideológico precisam ser recuperados se quisermos entender como determinadas escolhas linguísticas provocam, em determinados usos, efeitos agressivos contra o outro.

Os atos de fala proferidos por manifestantes/internautas em ambiente digital acerca do *impeachment* indicam maneiras de participação política que carecem de melhor compreensão na medida em que lançam, ao invés de análises, adjetivos que insultam e atacam. Isso nos faz ir de encontro ao otimismo de Castells (2013), ao caracterizar os novos movimentos sociais como auto reflexivos, não violentos, sem liderança e espontâneos em sua origem.

Para o sociólogo, esses movimentos da era da internet têm origem em uma crise econômica estrutural e de legitimidade, e constituem movimentos descentralizados, sem organização política, que têm na internet e na comunicação sem fio a base para a mobilização de sua indignação. Questionamos especialmente por desconfiarmos de que, nesse lugar de enunciação, as pessoas, protegidas por um distanciamento do eu físico, são levadas a abrir mão de sua autonomia em redes sociais cujas vozes mais influentes arrebatam seguidores e, muitas vezes, manipulam. Assim, grupos se formam e decidem quem amar e quem odiar, quem proteger e quem atacar em páginas do *Facebook*.⁶

Páginas do *Facebook* já foram objetos de investigação em inúmeras pesquisas. Especificamente no tocante a movimentos sociais, destacamos o trabalho de Kawanishi (2016) acerca de autoria dos dizeres sobre as manifestações de junho de 2013 na *fanpage* “Anonymous Brasil”. Kawanishi (2016), em sua dissertação de mestrado sobre estudos da linguagem, investigou, à luz do pensamento foucaultiano, como a função autor era exercida e como os dizeres sobre as manifestações, eram legitimados, além de questionar se a tecnologia digital teve algum papel nas relações discursivas ali presentes. Nosso trabalho se aproxima deste ao analisar comentários em uma perspectiva discursiva cujo contexto virtual produz efeitos, porém distancia-se ao enfatizar os atos de fala em uma análise genuinamente pragmática, ou seja, enfatizando a noção de linguagem como ação,

⁶ Não queremos com isso sugerir que no ambiente virtual pessoas são mais facilmente influenciadas por outras e formam grupos a partir de interesses comuns. Somos conhecedores de que isso se dá dentro e fora do ambiente virtual. Nosso olhar é para o funcionamento da linguagem nesses grupos.

explicitando a força ilocucionária desses atos (AUSTIN, 1990; MARCONDES, 2010).

Também na perspectiva discursiva, Melo (2014) analisa enunciados propagados em redes sociais durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil que fazem referência às manifestações. Partindo do pressuposto de que uma compreensão das manifestações precisa associar o que é dito e escrito ao momento histórico e às condições de produção discursivas, o autor analisou as frases – “O Gigante acordou”, “Vem pra rua” e “Sai do *Facebook*”. O autor concluiu que há discursos aos quais as pessoas se associam para marcar uma posição social e histórica, estejam elas submetidas a uma hierarquia ou acreditando que são donas de seus próprios atos e dizeres.

O artigo de Melo (2014) interessa-nos especialmente por mostrar que os usuários da internet realizam um movimento de bastante adesão ao discurso do outro. Isso porque defendemos que o tema política esteja sendo mais discutido nos últimos anos, especialmente nas redes sociais. Entretanto, a garantia de liberdade de expressão e mesmo a adesão genuína a discursos correntes tem constituído um pano de fundo para insultar figuras públicas e/ou eleitores de partidos adversários.

Parece destacar-se a adesão a um discurso corrente de agressividade, em lugar de discussões de pautas políticas, ainda que a agressão possa constituir discursos políticos. Cogitamos que grande parte dos internautas adere à forma de participação *on-line* movida por um sentimento de pertencimento nas redes sociais. Nesse contexto, os internautas pouco demonstram conhecer conteúdos básicos ligados à política, como a ideologia de partidos que estaria por trás do que se denomina ser liberal ou neoliberal, por exemplo.

Vale esclarecer que defendemos que “a linguagem é política⁷” (JOSEPH, 2004, p. 17) e que, portanto, não haveria um uso da linguagem que não fosse político. Quando afirmamos, porém, que internautas se valem de uso violento com as palavras em vez de conteúdos políticos, referimo-nos especificamente ao sentido político-partidário, ainda que esse uso da linguagem mais agressivo também constitua a interdiscursividade de discursos políticos. O predomínio de um uso da linguagem violento nesse contexto é o que nos leva a cogitar que essa saliência ganha relevo quando o assunto tem conteúdo

⁷ Tradução nossa de “Language is politics from top to bottom” (JOSEPH, 2004, p. 17).

político-partidário em ambiente virtual.

Balocco (2016) também nos dá uma boa mostra de como analisar violência verbal em mídia digital, a partir da categoria analítica de impolidez na linguagem e no discurso, ao se inscrever na perspectiva dos trabalhos em estudo do discurso. Seu trabalho centra no conceito de *flaming*, uma rotina interacional usada para delimitar diferentes posições discursivas no âmbito do discurso polêmico, o que, de alguma maneira, nos aproxima quanto ao lugar de análise. O procedimento metodológico, no entanto, marca o léxico marcadamente valorativo em expressão cuja função é injuriar, ou ofensa à honra, na identificação da linguagem agressiva e hostil, o que se distancia daquilo que pretendemos: uma análise dos atos de fala enquanto unidades de análise.

Essas constatações nos levaram a supor que seria possível encontrar, em meio a atos de fala constantes em páginas de movimento social, atos de linguagem voltados exclusivamente à interação para marcar presença e/ou posição sem maior compreensão das questões abrangidas pelo evento político vivido em questão, tampouco sem responsabilidade pelas consequências de dizer/fazer no ambiente *on-line*. A nosso ver, lidar com a força ilocucionária dos atos de fala em páginas de movimentos sociais nos coloca diante de uma tarefa bastante complexa: a de compreender insulto, injúria, intolerância, xingamento e desrespeito contra o outro no quadro de uma política de representação para desqualificar o outro. Essa tarefa nos coloca teoricamente no âmbito dos estudos da Pragmática por entender que ao dizer fazemos coisas com a linguagem.

Até o presente momento dos estudos linguísticos em Pragmática, importantes pesquisas têm se dedicado à análise e discussão sobre as identidades de gênero, sexualidade e raça (LOPES, 2010; COSTA, 2012; COSTA, 2014, para citar alguns). Inspiradas em Austin (1990), Felman (1980) e Butler (1990, 1993 e 1997) defendem que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas performativos, dado que são produzidos em “condições apropriadas”, ou seja, segundo matrizes de poder que delimitam sua inteligibilidade (SILVA; VERAS, 2016).

Costa (2014), por exemplo, insere-se em uma Pragmática cultural e elege a etnografia como método para estudar o grupo Tambores de Safo, no intuito de compreender a (re)construção e (re)afirmação performativa das identidades de gênero e raça das integrantes desse grupo em seus jogos de linguagem. Seu *corpus*, tanto oral quanto escrito, permitiu, na análise dos atos de fala das integrantes, compreender que as

identidades de gênero e, principalmente, as identidades de raça, ritualizadas a partir dos modos de se vestir e da cor da pele, são, antes de tudo, um posicionamento político. Além disso, permitiu compreender o cenário de violência que atravessa a vida das integrantes do grupo, uma violência de muitas faces, em diversos espaços. Esse trabalho, sem dúvida, não negligencia os sujeitos agentes, nem a sociedade da qual fazem parte, o que para nós constitui um bom exemplo de como fazer pragmática em uma perspectiva crítica.

Apesar de pautado em categorias de identidade de gênero e de raça, este trabalho permitiu-nos um primeiro vislumbre de como a violência pode se realizar de diferentes maneiras, inclusive quando vozes são silenciadas ou esquecidas. Carecíamos, contudo, de uma análise cujo *corpus* se encontrasse em ambiente digital *on-line* e pudesse evidenciar formas de violência.

O trabalho de Martins (2013) parte da categoria (im)polidez linguística por meio da qual realiza uma análise pragmático-discursiva em postagens e comentários de *blogs*. A autora constata que, apesar do caráter lúdico que assumem as postagens impolidas, os atos de fala proferidos instauram ofensas contra as mulheres interagentes dos *blogs* investigados. Tais ofensas, segundo a autora, constituem e são constituídas em modos de naturalização de ideologias patriarcais e colonizadoras do gênero feminino, as quais reafirmam modos hegemônicos de ser “mulher”. Nosso trabalho se aproxima deste por considerar a violência linguística em atos de fala pejorativos, jocosos, irônicos, ofensivos e injuriosos.

Ampliando o contexto para o cenário de ativismo político, esperamos justificar a relevância de nossa proposta, no sentido de compreender o funcionamento da violência na linguagem em contexto político, especialmente quando seu efeito pode ser considerado violento. Afinal, sendo a linguagem uma forma de ação, a violência é uma dessas que se apresenta bastante saliente, como defendido por Silva (2010) ao analisar as formas simbólicas (violentas) por meio das quais o Nordeste é representado pela mídia hegemônica do país.

Moreira (2016) analisa a ocorrência da (des)cortesia/violência linguística no discurso publicitário a partir do *uptake* (apreensão) austiniano e da crítica à noção de intencionalidade (individual) nos atos de fala apresentados pelas ideologias da propaganda institucional e mercadológica aos seus públicos de interesse. Pautado na categoria de comunidade de prática (des)cortês, além de estudos da Face e da (Im)Polidez

linguística, o autor chega à conclusão de que pela iterabilidade (conceito derridiano) e pela noção crítica de apreensão (*uptake*) dos (co-con) textos e seus (co)autores, os anunciantes e as agências de publicidade e propaganda, ao performatizarem/(re)produzirem e ao divulgarem atos descorteses, aproximam-se de uma possível pertença a uma comunidade de prática descortês.

A dissertação de Moreira (2016) tem como *corpus* anúncios publicitários vinculados ao *site* do CONAR que, sem qualquer preocupação com a preservação de faces por parte dos anunciantes, verbalizam insultos vários sob o pretexto de se posicionarem politicamente. O trabalho de Moreira, ainda que do ponto de vista teórico esteja inscrito na Nova Pragmática, vale-se, em sua análise, prioritariamente de categorias ligadas à ideologia, discurso e comunidades de prática, desconsiderando a natureza desses atos à luz de Austin (1990).

Desse modo, filiamo-nos a trabalhos que concebem uma nova leitura para a teoria dos atos de fala, denominada Nova Pragmática, a qual será discutida com mais detalhes em nosso capítulo teórico. Essa perspectiva pressupõe “o estudo da linguagem em uso, num determinado contexto, com fins determinados e a partir de determinadas convenções” (FERREIRA, 2005, p. 43). Trata-se de uma leitura pragmática do legado austiniano (RAJAGOPALAN, 1990; 2003; 2010; 2014). É por considerarmos que, com a linguagem, fazemos coisas, que este trabalho não pode conceber a linguagem senão como ação (AUSTIN, 1990). Trata-se de uma concepção de linguagem como performatividade que se dá em atos de fala inseridos em jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 2009), aporte teórico que já vem sendo recorrente em muitos trabalhos no Brasil.

Para se ter uma amostra da produtividade desses estudos, a revista Delta, importante periódico da área de Linguística no Brasil, publicou, no final de 2016, um número temático especial, organizado por Nascimento e Silva (UFRJ) e Veras (Unicamp), resultado do evento “Meio século de teoria dos atos de fala: Austin e seus leitores”. Nessa ocasião, o linguista Kanavillil Rajagopalan, leitor crítico de Austin, também foi homenageado por sua relevante produção acadêmica. O evento foi promovido pelo Departamento de Linguística Aplicada da Unicamp, realizado em seu Instituto de Estudos da Linguagem em novembro de 2012, e contou com trabalhos de pesquisadores de todo o país voltados ao campo da Pragmática Linguística. Os quinze artigos publicados exploram o potencial crítico e problematizador de Austin e a contribuição de Rajagopalan

para essa compreensão, destacando as ligações do filósofo com Nietzsche e Wittgenstein e a primazia da ação.

A visão performativa de linguagem, segundo a qual dizer é fazer, parece-nos adequada para a análise do *corpus* aqui pretendido por acreditarmos que “ao falar uma língua, ao nos engajarmos na atividade linguística, estaríamos, todos nós, nos comprometendo politicamente e participando de uma atividade eminentemente política (RAJAGOPALAN, 2003, p. 32). Ao voltarmos nosso olhar para as postagens e comentários publicados em páginas de movimentos sociais no *Facebook*, temos a oportunidade de observar o funcionamento da violência na linguagem em um contexto de ativismo político *on-line*.

Como defendido por Ottoni (2002, p. 137), cujo trabalho se baseia nos postulados de Austin (1990), acreditamos que “o que vai importar não é o que o enunciado ou as palavras significam, mas as circunstâncias de sua enunciação, a ‘força’ que ela tem e o ‘efeito’ que ela provoca.” A reeleição presidencial de 2015, encerrada por um processo de *impeachment*, dá-nos a oportunidade de verificar as tensões de classe no Brasil em uma narrativa trágica acerca dos eventos políticos nessa época que, em um violento discurso de ódio, mascara o alvo da violência sob o fantasma da corrupção (FERREIRA, *no prelo*).

Feitas essas considerações iniciais, buscamos compreender como a linguagem funciona a partir de atos de fala que denotam violência em uma rede social da internet. Especificamente, intentamos *discutir o funcionamento da violência na linguagem em atos de fala de internautas nas fan pages “Movimento Brasil Livre” e “Frente Brasil Popular” por ocasião do impeachment de 2016 no Brasil*.

Como objetivos específicos, pretendemos:

- 1) Descrever as escolhas linguísticas presentes em atos de fala realizados por internautas em *fan pages* por ocasião do processo de *impeachment*;
- 2) Identificar as forças ilocucionárias das principais escolhas linguísticas relacionadas ao *impeachment*, seus principais agentes e a interação entre seus interlocutores;

- 3) Classificar expressões nomeadoras-predicativas⁸ que se permitam categorizar como violentas a partir de sua força(s) ilocucionária(s);
- 4) Estabelecer relações entre o suporte virtual e os atos consensuais e conflitantes, considerando as dimensões ética e política da linguagem;
- 5) Refletir sobre a violência expressa no uso da linguagem, considerando as representações que ela evoca no quadro de uma política de representação.

Acreditamos que os dizeres de internautas permitem-nos analisar a força ilocucionária neles presentes, de modo a relacionar a natureza desses atos de fala em um contexto tecnológico e compreender, à luz dos construtos teóricos da Nova Pragmática, o funcionamento da violência na linguagem em contexto político.

Dessa maneira, será importante considerar a interação que acontece entre pessoas nas páginas “Movimento Brasil Livre” e “Frente Brasil Popular”, especialmente em comentários proferidos por internautas em resposta às postagens das páginas. Será a conversação, por escrito, entre pessoas dispostas em espaços diversos, que nos permitirá compreender a significação que tais atos de fala assumem, considerando o contexto político no qual se inserem tais atos.

Feitas essas observações, nossos objetivos baseiam-se nas seguintes hipóteses:

- ✓ A violência expressa em atos de fala proferidos por usuários das *fan pages* “Movimento Brasil Livre” e “Frente Brasil Popular” relacionados ao *impeachment* de 2016 parece maximizar-se no ambiente digital pelo fato de os internautas não encontrarem maiores restrições para manifestar seus posicionamentos, sejam eles quais forem. Isto porque, a despeito de aplicação de legislação brasileira contra crimes da internet⁹, parece faltar ainda alguma memória de responsabilização pelo que se diz em ambiente digital. Além disso,

⁸ Utilizamos a expressão “nomeadora-predicativa” por entendermos, consoante a teoria de Austin (1990), que os atos de nomeação e de predicação não se distinguem, antes são imbricados. Assim, diferentemente do que é preconizado pela Gramática Tradicional, substantivos, ao mesmo tempo em que nomeiam, também predicam, pois expressam alguma valoração em relação ao que é nomeado.

⁹ Apesar de crimes cometidos via internet constituírem desafio ainda ao ordenamento jurídico brasileiro, como na dificuldade de tipificação deles ou na atribuição de competências a quem possa julgá-los, eles são passíveis de punição mediante a legislação vigente, como o Código Penal Brasileiro, Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Além disso, há leis mais específicas, como a lei Carolina Dieckmann (lei 12.737/2012) e a do Marco civil da internet (lei 12.965/14).

a Web 2.0¹⁰, que permite maior interatividade e produção de conteúdo por quaisquer usuários, possibilita acesso facilitado nas redes sociais, sem muito controle ou filtros e sem exigência de conhecimentos técnicos de informática. Por outro lado, ela também permite, por meio de sua interface, a proteção física das faces desses mesmos usuários, o que talvez justifique, embora não explique a quantidade significativa de enunciados violentos no espaço *on-line*.

✓ No tocante ao funcionamento da linguagem ligada a conteúdo político, é ainda recente a oportunidade de se manifestar com liberdade, se considerarmos o contexto brasileiro, com o Estado Democrático de Direito assegurado na Constituição de 1988, após os anos de ditadura vividos entre 1964 e 1985. Isso talvez explique o fato de haver certa desinformação quanto às designações (e seus efeitos) utilizadas na nomeação de eleitores e de partidos. Em ambiente virtual, a despeito de haver condutas previstas para o uso da internet e a possibilidade de responsabilização criminal, não há contenção no uso agressivo contra o outro, haja vista a constante multiplicação disso nas redes.

Diante disso, indagamos:

- 1) De que maneira a violência pode ser percebida em atos de fala proferidos por internautas no *Facebook* por ocasião do *impeachment* de 2016?
- 2) Que atos de fala, implícitos ou não, podem ser classificados como atos de fala violentos e que representações eles criam nas *fan pages* Movimento Brasil Livre e Frente Brasil Popular?
- 3) Quais as forças ilocucionárias que estão por trás das escolhas linguísticas e dos atos de fala que se permitem classificar como violentos nas *fan pages* Movimento Brasil Livre e Frente Brasil Popular?
- 4) Que escolhas linguísticas permitem observar a nomeação enquanto ato de valoração, pejorativo ou não, que demonstrem carga avaliativa e, ao mesmo tempo, podem ser considerados como atos de fala violentos?
- 5) Que verbos performativos explícitos são os mais utilizados em atos de fala violentos pelos internautas das páginas Movimento Brasil Livre e Frente Brasil Popular?

¹⁰ Classificação encontrada em Primo; Recuero (2006) para o estágio em que se encontra a internet. Para os autores, Web 2.0 é um termo que busca descrever o atual período da rede cuja ênfase passa da publicação para a colaboração.

Para o alcance de nossos objetivos, a organização retórica desta tese delineou-se em três capítulos. O primeiro capítulo, seguido desta introdução, é dedicado aos teóricos aos quais nos filiamos para nosso exercício analítico. Assim, estabelecemos inicialmente as diferenças entre uma proposta clássica de Pragmática e a denominada Nova Pragmática, na esteira da leitura de Austin (1999) por estudiosos como Ottoni (1997; 2002), Rajagopalan (2003; 2005; 2010) e Derrida (1985). Na sequência, delimitamos os construtos teóricos necessários à análise dos dados: atos de fala, força ilocucionária e violência na linguagem. Além desses, julgamos necessário discutir o que estamos denominando de novos movimentos sociais, ativismo *on-line* e redes sociais.

O segundo capítulo é dedicado ao percurso metodológico da pesquisa, momento em que descrevemos os procedimentos adotados para o tratamento de nossos *corpora*. Nesse capítulo, descrevemos o lugar de onde extraímos os dados, os procedimentos adotados para a coleta e os procedimentos adotados para a análise dos dados, bem como os autores que nos inspiram a realizar tais percursos.

Finalmente, no terceiro capítulo, apresentamos a análise de nossos dados consoante o arcabouço teórico escolhido. Nele, mostramos exemplos de imbricações entre fato e valor e nomeações que predicam em diferentes atos de fala no quadro de políticas de representação que agridem o outro. A partir dessa análise, encerramos a tese com a síntese desta pesquisa e, cientes de nossas limitações, apresentando lacunas remanescentes.

Pretendemos, com Melo (2016, p. 750), destacar que “é necessário (re)afirmar que fazer linguística, apresentar teorias sobre a língua(gem), ou mesmo ensinar a língua não são ações justapostas a meras palavras: representam, antes, modos particularmente performativos de linguistas ou professores(as) assumirem papéis na sociedade.” Desse modo, não podemos negar que nossa escolha enquanto cientista pode implicar muitos efeitos, entre os quais denunciar o modo como se tem agido “politicamente” em relação ao outro no ambiente virtual.

Pretendemos, com este trabalho, ter contribuído para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito da Nova Pragmática, ampliando análises em textos oriundos de contextos políticos cujos atos de fala se encontrem em ambiente *on-line*, lugar de dizer/fazer hoje.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS TEÓRICOS

Inserido em uma linha de pesquisa baseada nos estudos da Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2005; 2010; 2014), nosso trabalho busca contribuir para a área dos estudos do Texto e do Discurso, ao propor uma análise das forças ilocucionárias presentes em atos de fala (AUSTIN, 1990) do ativismo político *on-line* de duas *fan pages*. Mais especificamente, busca compreender o funcionamento da violência na linguagem (SILVA; ALENCAR, 2013) em um contexto de movimento social em rede digital.

Para entender os construtos teóricos da Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010), discorreremos, neste capítulo, sobre o modo de conceber a Pragmática em uma versão denominada Pragmática Clássica, contrapondo-a ao que se denomina Nova Pragmática. Na sequência, damos destaque aos construtos teóricos necessários à nossa análise, como as noções de atos de fala, força ilocucionária, violência e intolerância. Ao final, discutimos propriedades do suporte tecnológico, com as definições de movimentos sociais em rede, ativismo *on-line* e redes sociais, a fim de fornecer subsídios ao escopo da análise.

1.1 A concepção de linguagem performativa e a Nova Pragmática

De acordo com Pinto (2009), apesar de a história da constituição da Pragmática ser bastante heterogênea, em meio a diferentes perspectivas, tem-se, como pressupostos em comum, o uso concreto da linguagem com a consideração de seus usuários e as condições que governam essa prática linguística. Ela destaca que o conceito de linguagem ganha relevo em detrimento ao de língua, dado que os fenômenos linguísticos não são puramente convencionais, mas são também elementos criativos e inovadores, que se alteram durante a interação.

A autora esclarece que a Pragmática apresenta, desde suas origens, influência da Filosofia porque é fruto de um movimento em direção aos problemas relativos ao uso da linguagem por filósofos que discutiam e descreviam nossa representação do mundo. Esses filósofos, acrescenta Pinto (2009), pertenciam a uma variante da filosofia kantiana

ocorrida no final do século XIX que defendiam a representação como linguística, e não mental.

Essa influência da Filosofia pode ser sentida especialmente na seleção de objetos e métodos utilizados pelos primeiros pragmaticistas. De acordo com Marcondes (2010), a Filosofia da Linguagem contemporânea vale-se da divisão do estudo da linguagem ou dos signos em geral que coloca, de um lado, a Semiótica e, de outro, a Linguística. Essa, por sua vez, divide-se em Sintaxe, Semântica e Pragmática; uma formulação que, segundo Marcondes (2010), é tributária do filósofo Charles William Morris (1901-1979), da Universidade de Chicago, em seu texto *Foundations of a Theory of Signs*.

Segundo Pinto (2009) e Marcondes (2010), Morris teria sido influenciado por Charles S. Peirce, primeiro autor a utilizar a palavra *pragmatics*, ao propor a tríade pragmática: a relação entre signo, objeto e interpretante. Segundo os autores, Peirce discutiu sobre a natureza e a função dos signos, destacando a importância do uso e enfatizando o papel do interpretante na relação entre o signo e aquilo que esse designa. Marcondes (2010) deixa claro, contudo, que não se pode confundir o Pragmatismo de Peirce com a Pragmática enquanto dimensão do estudo da linguagem e do processo de significação, uma vez que aquele Pragmatismo é uma corrente filosófica mais ampla, que estabelece como critério de validade de proposições científicas, suas consequências e resultados.

De acordo com a definição tradicional em Filosofia da Linguagem, explica Marcondes (2010), a Sintaxe estuda as relações formais dos signos, a Semântica estuda as relações dos signos com os objetos que designam e a Pragmática estuda a relação dos signos com seus intérpretes. Desse modo, é a Morris (1938) que se atribui a invenção do termo *pragmatics* enquanto “dimensão do estudo da linguagem e do processo de significação” (MARCONDES, 2010, p. 2) a partir de uma tríade estabelecida peirceana, a qual ficou conhecida por Sintaxe-Semântica-Pragmática.

Marcondes (2010) parte dessa tríade do estudo da linguagem para esclarecer que há basicamente três modos de se entender a relação entre Sintaxe, Semântica e Pragmática. O primeiro considera os três componentes da tríade como dimensões autônomas e complementares do estudo da linguagem. O segundo modo considera que a Pragmática não pode ser um campo autônomo de estudo da linguagem, uma vez que supõe necessariamente uma redução, ou abstração, em direção à semântica, para a

determinação do significado dos signos utilizados, e ainda da Semântica para a Sintaxe, de modo a estabelecer as regras de combinação correta dos signos. O terceiro e último modo de apreender essa tríade considera a Pragmática como a realidade mesma da linguagem, enquanto a Semântica e a Sintaxe seriam construções teóricas.

Essa terceira concepção é a que nos interessa, uma vez que corresponde à leitura desconstrutora de Austin (1990), o que Rajagopalan (2010) denomina como Nova Pragmática. A designação Nova Pragmática, cunhada por Rajagopalan (2010; 2014) se contrapõe à leitura da obra de Austin (1990) por Searle (1969) por este apagar o potencial crítico e problematizador das ideias do filósofo de Oxford, sobretudo a superação da oposição constativo/performativo. Segundo Rajagopalan (2010; 2014), o tratamento conferido por Austin (1990) ao enunciado performativo rejeita que esse enunciado possa ser analisado dentro de uma lógica de verdade como espelho da natureza e defende que ele passe a ser analisado dentro de uma lógica consistente com a ética da ação humana.

Segundo Oliveira (1996), as bases epistemológicas da nova Pragmática podem ser creditadas à reação contra a teoria platônica da linguagem, segundo a qual haveria correspondência fundamental entre linguagem e ser, ou contra uma Semântica realista, para a qual haveria correspondência entre estruturas gramaticais e estruturas ontológicas, uma afinidade entre sons e qualidades. Essa compreensão, atribuída a uma Pragmática Clássica, reduziria a linguagem a puro instrumento, ou seja, “para saber qual é a significação de uma palavra qualquer, temos de saber o que por ela é designado” (OLIVEIRA, 1996, p. 119), uma vez que o conhecimento seria, segundo essa compreensão, atingido sem a mediação linguística.

A significação, construto caro a qualquer teoria da linguagem, pressupõe, em uma versão clássica que, diante de um conteúdo proposicional, chega-se ao conteúdo primário e invisível da significação. Trata-se de uma forma de conceber o significado a partir de inferências que o falante precisa fazer diante do que não é dito/enunciado. Por esse motivo, o significado passa a depender da manifestação da intenção do falante.

Uma crítica a esse modo de conceber a significação é apresentada por Silva, Ferreira e Alencar (2014, p. 22) ao afirmarem que “a tarefa clássica atribuída ao pragmaticista de fato explica um conjunto de disjunções entre o assim chamado significado literal de certas expressões e o significado do falante”. Os autores não negam a existência das inferências, mas se contrapõem ao “quadro geral de racionalidade que

subjaz ao cálculo dessas inferências” (*ibidem*). Para ilustrar tal assertiva, os autores oferecem a análise de um exemplo que poderia ser proferido por um professor em uma sala de aula e dirigido a seus alunos:

(1) Está quente na sala.

Consoante explicação dos autores, diante do exemplo 1, o pragmaticista tentaria responder a questões como essa indagando sobre a intenção do falante, o que permitiria ao ouvinte interpretar que, por exemplo, o professor estaria pedindo que alguém ligasse o aparelho de ar condicionado da sala. Os autores prosseguem lembrando que o procedimento analítico encontra no princípio griceano a terminologia necessária à explicação. De acordo com Grice (1982), o professor do exemplo implicou, ou seja, ofereceu alguma evidência linguística de sua intenção. Essa visão clássica pressupõe um significado da sentença e um significado do falante. O primeiro seria o conteúdo proposicional ou seu sentido literal, o segundo, a intenção do falante.

Esse significado do falante obedece a quatro máximas conversacionais: máxima da quantidade, que diz respeito ao grau de informatividade; máxima da qualidade, que pressupõe a verdade sobre o que se diz; máxima da relação, ligada à relevância; e máxima do modo, que se relaciona com a clareza e brevidade do dizer. A teoria de Grice (1982) é bastante popular entre os trabalhos de Pragmática, chegando, por vezes, a se confundir com o próprio campo de estudos para muitos. Entretanto, o princípio de cooperação que subjaz às máximas conversacionais é, segundo Silva, Ferreira e Alencar (2014, p. 22), um princípio racional da ação humana baseado numa visão de mundo particular, a filosofia liberal anglo-americana. No entendimento dos autores, o princípio cooperativo não seria universal, mas produto de uma ideologia linguística liberal.

Uma abordagem comunicacional, por sua vez, defende que a construção do significado se dá a partir da aplicação de regras possibilitadas pela língua e pela cultura. O foco são as ações sociais, pois querer dizer, intencionar e significar (WITGENSTEIN, 2009) não são processos mentais, mas ações que acontecem em nossas práticas comunicativas, continuamente reformuladas no tempo e no espaço.

Além disso, a significação, porque parte da prática, só pode ser compreendida na interação entre a situação dos usuários na sociedade e os recursos disponíveis. Um contraexemplo, que poderia ilustrar a diferença de interpretação em relação ao primeiro exemplo, pode ser conferido com a frase a seguir, trazida por Flora Charner (2013 *apud*

SILVA; FERREIRA; ALENCAR, 2014, p. 26):

(2) Neste ano, não choveram balas.

Com esse enunciado, explicam os autores, parte de *corpus* de um trabalho de campo em favelas pacificadas no Rio de Janeiro, seria impossível a apreensão do significado sem a consideração do contexto social e político vivido pelo enunciador do ato de fala. A sentença teria sido proferida por um morador de 51 anos da comunidade do Jacarezinho em janeiro de 2013. Vivendo em uma das favelas mais violentas do Rio de Janeiro, o morador aludia ao fato de que, naquele ano, houvera fogos de artifício em vez de balas, um alargamento *ad hoc*. O significado da sentença, então, estaria ligado às condições sociais em que vive o falante que realiza um ato de fala para demonstrar a diferença de situação vivida naquele ano em contraste com a violência a que estava acostumado.

O contraexemplo demonstra, assim, que o significado é uma propriedade emergente do relacionamento entre língua e contexto (MEY, 2014 *apud* SILVA; FERREIRA; ALENCAR, 2014, p. 26) e que a noção de intenção se liga a um fenômeno escalar ou gradual: “em várias situações, de fato, temos intenções pré-definidas e delimitadas do que vamos fazer ou dizer, mas em várias outras a intenção é definida *a posteriori*, negociada pelos participantes do evento comunicativo ou mesmo reinterpretada”. Por outras palavras, é na linguagem em uso, realizada por falantes reais, que se pode aventar o significado, considerando-se não apenas a estrutura da língua, mas também a fala e as condições que delimitam essa prática. Extrapolam-se, assim, os usos convencionais no quadro de um sistema linguístico com novas e singulares possibilidades de sentido (PINTO, 2009).

Como se vê, uma teoria tradicional de linguagem é considerada essencialmente como descritiva e se reduz a sua função designativa. Em oposição a ela, uma nova perspectiva que se oferece aos estudos linguísticos “leva em conta o caráter performativo da linguagem, seus possíveis efeitos de sentido e as consequências éticas e políticas dos atos de nomear em nossas práticas discursivas” (FREITAS, 2010, p. 7), e tem suas bases na leitura de Austin (1990).

Compreender a linguagem como ação que se realiza em determinada situação é conceber a linguagem com uma forma de viver nos diferentes jogos de linguagem, pois “falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (WITTGENSTEIN,

2009, p. 27). Assim, é necessário estabelecer relações entre o que é dito, sua força ilocucionária e o contexto no qual se inserem os dizeres.

Essa concepção de linguagem encontra-se em relação com o termo “Pragmática”, oriundo do latim “pragmaticus”, que significa “aquele que é versado em negócios ou na lei”. Do grego, “pragmátikos” também significa “versado em negócios”. Ambas as palavras, de origem latina e de origem grega, derivam dos termos “pragma”, significando “negócios civis, feito, ato” e “prassein” cujos significados são “fazer, agir e realizar”. Vê-se, então, como a disciplina Pragmática está associada, etimologicamente, a ação.

Rajagopalan (2010) e Silva *et al.* (2014) compreendem a linguagem como ação, como tendo um caráter performativo, tal como postulou Austin (1990), e buscam compreendê-la em suas dimensões social, cultural, econômica, ética e política. Essa Nova Pragmática “critica que construtos como significado, intenção e contexto sejam entidades *a priori*, bem delimitadas e circunscritas, as quais o/a pragmaticista irá meramente descobrir ou verificar na interação” (FERREIRA; ALENCAR, 2014, p. 26)).

A visada ética, alertam Silva e Veras (2016, p. 5), pode ser verificada quando Austin (1990) denuncia que uma promessa não é “um mero sinal externo e visível (...) de um ato interior e espiritual” (AUSTIN, 1962, p. 9). Os autores explicam que, para Austin (1990), uma promessa não cumprida, ou sem intenção de sê-lo, não deixa de ser uma promessa, uma vez que o proferimento determina o ato, ainda que ele falhe. Por esse motivo, Rajagopalan (2014) nos lembra que, para Austin, qualquer tentativa de ancorar a interpretação em algo que seja radicalmente independente da ação humana é fadado ao fracasso.

Austin (1990), oriundo da filosofia aristotélica e da teoria objetivista da linguagem de Wittgenstein (2009), propõe que o uso determina o sentido das palavras, considerando que toda reflexão é sempre reflexão mediada linguisticamente. Em sua proposta metodológica para o estudo do significado, “as palavras utilizadas têm de ser até certo ponto ‘explicadas’ pelo ‘contexto’ em que devem estar ou em que foram realmente faladas numa troca linguística” (AUSTIN, 1990, p. 89).

Podemos afirmar, com Oliveira (1999), que o primeiro legado de Austin é a distinção entre os diversos tipos de enunciados, separando os atos de fala constativos (e não descritivos, já que a descrição é apenas uma das funções) dos performativos. Em sua

proposta, Austin inicia suas reflexões diferenciando os atos “constativos”, que seriam os atos de fato, de pura constatação, dos “performativos”, que seriam os próprios fatos ou ações executadas a partir de um ato de fala, como quando se diz “sim”, numa cerimônia de casamento, ao juiz ou ao padre.

Otoni (2002) denomina a abordagem da linguagem de Austin de “visão performativa” pelo fato de haver nessas reflexões um espaço conflitante que põe em discussão as fronteiras entre a Filosofia e a Linguística nos estudos da linguagem. Essa visão compreende o significado como verbo no particípio passado, ou seja, aquilo que é significado ou, ainda, o efeito de sentido. A diferença está entre sentido e força. Nos exemplos (1) e (2), aqui trazidos, não se trata mais de saber o significado da sentença, mas do enunciado. Desse modo, para dar as condições de performatividade de um enunciado, Austin (1990), segundo Otoni (2002), identifica um enunciado com um “sujeito falante” para que possa praticar uma ação.

Percebendo que essa mera distinção não seria suficiente para compreender a questão da significação, Austin (1990) dirige sua atenção para a ação linguística, na tentativa de entender “que dizer algo é fazer algo, ou que, *ao* dizer algo, estamos fazendo algo, ou mesmo os casos em que, *por* dizer algo, fazemos algo” (AUSTIN, 1990, p. 85 [*destaques do autor*]). Desse modo, o autor chega à sistematização dos atos de fala, observando que, no ato de dizer algo (ato locucionário), também fazemos algo (ato ilocucionário), o que merecerá grande atenção do filósofo.

Como a linguagem tem muitas funções, cumpre indagar o que se faz, ou o que se pretende ao proferir algo. E, se o ato ilocucionário não é explícito, sua força tem de ser analisada em contexto, considerando o papel da expressão na linguagem em uso. Quando se observam os efeitos de tais expressões, têm-se os atos perlocucionários, ou seja, obtêm-se certos efeitos pelo fato de se dizer algo, e isso não é convencional, se consideramos que esse sentido se constitui no quadro de um contexto de regras, no qual se coloca o sujeito que age e fala mediante as possibilidades de um processo de sociabilidade organizado institucionalmente.

Austin (1990) esclarece que se realizam conjuntamente atos locucionários e ilocucionários. Em suas palavras, “todo ato linguístico genuíno é ambas as coisas de uma só vez” (AUSTIN, 1990, p. 121). O autor entende que declarar algo é realizar um ato ilocucionário e que as declarações também estão sujeitas à infelicidade, como os performativos, os quais não podem ser realizados apenas com base em seu valor

veriditivo, ou seja, como verdadeiros ou falsos.

Em nossa análise, consoante os ensinamentos de Austin (1990), o que é preciso examinar não é a sentença em si, ou como ela está estruturada, mas o ato de emitir um proferimento numa situação linguística, com a advertência de que declarações têm efeito, ainda que não demandem uma resposta. Isso porque, ao fazermos uma declaração, também realizamos atos perlocucionários.

Sua reflexão se encerra com a proposta de substituição da dicotomia performativo/constatativo pela ideia de que há famílias mais gerais de atos de fala relacionados e sobrepostos parcialmente, os quais são classificados, em função de sua força ilocucionária em: veriditivos, exercitivos, comissivos, comportamentais e expositivos.

Austin (1990) esclarece que os proferimentos *veriditivos* caracterizam-se por dar um veredito, emitir um juízo. Trata-se de ato judicial distinto dos atos legislativos ou executivos. Os *exercitivos* consistem no exercício de poderes para tomar uma decisão a favor ou contra determinada ação. Os *comissivos* prometem ou assumem algo, de maneira a comprometer quem o usa a determinada ação. Os *comportamentais* consistem em atitudes e comportamento social diante da conduta do outro. Por fim, os proferimentos *expositivos* esclarecem o modo como nosso proferimento é utilizado ao expressar opiniões, conduzir debates e esclarecer usos e referências.

O filósofo, ao final de suas reflexões, chega à conclusão de que mais que classificar os atos de fala, o importante mesmo é considerar o caráter performativo da linguagem, ou seja, o que se faz quando se diz algo. Além disso, para o autor, é preciso considerar as implicações éticas (de escolha) e políticas (de intervenção) de cada ato de fala. A internet, para nós, constitui-se uma ampla vitrine para os sistemas de significação, possibilitando a bricolagem de identidades múltiplas para os sujeitos, os quais agem pela linguagem ao proferirem atos de fala que revelam suas opções políticas.

Otoni (2002) esclarece a proposta austiniana alertando para uma interdependência entre os conceitos de performativo e ato de fala ilocucionário. Segundo ele, na visão performativa de linguagem, há inevitavelmente uma fusão do sujeito e do seu objeto, a fala. Marcondes (2002), por sua vez, explica que o conceito de performativo permite captar, precisamente, tanto as condições de possibilidade de realização dos atos de fala quanto seus efeitos e consequências. Essa concepção de performatividade tem se

mostrado bastante produtiva no campo dos estudos linguísticos.

O termo performativo também pode ser entendido no sentido conferido por Butler (2008) que, por sua vez, é derivado da visão performativa de linguagem de Austin (1990). Butler entende que o gênero social se denota como performativo por tratar-se de uma construção identitária, no sentido de fazer-se, simular-se. A autora lembra, por exemplo, que o médico, por ocasião do nascimento de uma criança, ao dizer “é menino” ou “é menina”, atribui uma identidade de gênero, com base em padrões rígidos com os quais a criança, e futuramente o sujeito, terá que lidar em sua construção identitária. Desse modo, os significados são produzidos em determinadas condições consoante matrizes de poder que delineiam sua inteligibilidade.

A teoria dos atos de fala, na leitura crítica de Rajagopalan (2010) e de Ottoni (2002) pressupõe, segundo Silva e Veras (2016), a impossibilidade de uma análise da linguagem fora do ambiente que motivou o seu uso, desvencilhando-se tanto de uma teoria cognitiva e individual da língua, quanto de uma visão estrutural ou de microanálise do ato de fala por meio de expressões gramaticais da língua. Sendo uma teoria da ação, explica Melo (2016), é uma teoria da performatividade e, como tal, inclui o contexto enquanto condições de produção de um enunciado.

Os autores explicam ainda que, no jogo da linguagem (WITTGENSTEIN, 2009) existe, ainda que se possa dizer o que não se quer, o ato de fala (AUSTIN, 1990), o que situa a língua em um cenário público comprometendo aquele que fala. A concepção de jogos de linguagem é, sem dúvida, bastante produtiva à perspectiva da análise dos atos de fala, uma vez que coloca os envolvidos na interação, seus lances, seus turnos de fala.

Em geral, na introdução aos estudos dos atos de fala, apresenta-se a primeira fase das reflexões de Austin (1990), a que trata da distinção entre os atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário. A ideia é ampliar o escopo de análise da teoria considerando um princípio mais amplo: “nesta teoria, as palavras, ao serem proferidas, em vez de informar, transformam – ou também comprometem quem fala com uma ação a partir das expressões linguísticas utilizadas” (MELO, 2016, p.752). Os trabalhos da denominada “Pragmática clássica” persistem em

apresentar a pragmática austiniana como uma teoria das fatias, isto é, de explicação objetivável, como o são a fonologia, a morfologia, a sintaxe, e por vezes também a semântica, busca-se explicar o ato de fala como resultado de uma teoria formulada e acabada: garantia de um

controle e uma mensuração do fenômeno linguístico quando se discute o uso da língua (MELO, 2016, p. 752).

Em decorrência disso, uma visão tradicionalista de linguagem entende que os substantivos nomeiam objetos, cada palavra tem uma significação, sendo correlata de seu significado e sendo, ela mesma, o objeto que designa. É contra essa tradição representacionista que a Nova Pragmática se insurge, com uma crítica radical ao essencialismo, fundamentadas inicialmente nos postulados de Nietzsche (2009; 2013). Trata-se então de uma crítica à filosofia que acreditava que o papel de uma declaração era apenas o de declarar ou descrever um fato.

Assim, não se busca a essência da coisa, mas o uso da palavra em contexto e, por mais assistemático que seja esse uso, defendemos, com Marcondes (2010), que é possível uma análise genuinamente pragmática. Essa análise deve compreender os usos linguísticos do discurso comum, os quais são materializados em atos de fala possíveis de serem realizados, dadas as circunstâncias de uso, ou os jogos de linguagem, indicativos do modo como se pode jogar, do modo como se pode dizer.

O que se pode, contudo, apreender a partir da leitura desse aporte teórico é que a diferença comum a todos os trabalhos inscritos em uma Nova Pragmática está na desconstrução da leitura modernista do pensamento austiniano empreendida por Searle (SILVA; VERAS, 2016). Trabalhos bastante produtivos em diversos programas de pós-graduação no Brasil, a exemplo da publicação de Araújo; Oliveira (2014), destacam as relações entre Pragmática e Discurso e, no tocante à Pragmática, apesar de reconhecer as diferenças entre as perspectivas filosófica, cognitivo-pragmática e social, suas análises estão voltadas às implicaturas conversacionais, máximas conversacionais e a violação dessas máximas, inferências e polidez, categorias que têm como base o princípio cooperativo de Grice e que, portanto, partem de uma Pragmática clássica.

Tendo em vista o conceito de performativo, é preciso abranger tanto as condições de possibilidade de realização dos atos de fala, quanto seus efeitos e consequências. Além disso, não podemos desconsiderar que essa visão performativa da linguagem implica o desaparecimento da fronteira entre os campos linguístico e filosófico (FERREIRA, 2005). Por esse motivo, também defendemos com Marcondes (2010) que a linguagem, sendo um fenômeno pragmático, presta-se a uma análise filosófica por meio de um método pragmático, cujo significado é determinado pelo uso.

1.2 Relações entre linguagem e violência

Nos trabalhos que tocam de algum modo na violência com/na/pela linguagem, é comum vermos termos como ódio e intolerância. Os limites de um e de outro, bem como as relações mantidas entre esses termos ainda não se afiguram claros. Quais as fronteiras que separariam uma força violenta, de uma força odiosa ou intolerante? Começemos explorando um pouco o conceito de intolerância.

O tema intolerância exige uma compreensão multidisciplinar e, por esse motivo, ele será abordado inicialmente no âmbito da Filosofia para, finalmente, compreendermos como ele se manifesta na linguagem. Žižek (2014), filósofo e psicanalista esloveno, em obra dedicada ao tema da violência, inicia o capítulo intitulado “A tolerância como categoria ideológica” indagando o seguinte:

por que motivo temos hoje tantos problemas percebidos como questões de intolerância, mais do que de desigualdade, exploração ou injustiça? Por que será que a tolerância é o remédio mais prescrito, mais do que a emancipação, a luta política ou até mesmo a luta armada? (ŽIŽEK, 2014, p. 95),

É o próprio autor quem responde sua indagação defendendo que a resposta a essa questão imediata reside na operação ideológica de base, liberal e multiculturalista: a “culturação da política” (ŽIŽEK, 2014, p. 95). Em sua tese, as diferenças políticas, diferenças em função de desigualdade política ou exploração econômica, são naturalizadas e neutralizadas em diferenças “culturais”, “modos de vida” diferentes, dados como inultrapassáveis. Para ele, essas diferenças podem apenas ser “toleradas”.

Žižek (2014) argumenta que a visão liberal se assenta em uma oposição traçada entre aqueles que são governados pela cultura, determinados pelo mundo em que nasceram, e aqueles que usufruem de sua cultura para assim estabelecer o seguinte paradoxo: “a origem definitiva da barbárie é a própria cultura, a nossa identificação direta com uma cultura particular que nos torna intolerantes perante as outras culturas” (ŽIŽEK, 2014, p. 96). A oposição reside entre o coletivo e o individual, uma vez que a cultura é tanto coletiva quanto particular, enquanto que o indivíduo é agora universal, mas particularizado em uma única vida. A solução para esse paradoxo está, de acordo com Žižek (2014), na necessidade de dividir o indivíduo em universal e particular, público e privado.

No liberalismo, explica o filósofo, a cultura sobrevive de forma privatizada,

sendo literalmente transubstanciada: “os mesmos conjuntos de crenças e práticas são transformados de um poder vinculativo de um coletivo em uma expressão de idiosincrasias pessoais e privadas” (ŽIŽEK, 2014, p. 96). Por outro lado, e valendo-se do pensamento kantiano, Žižek afirma que o “privado” não é uma individualidade que se opõe à comunidade, mas uma ordem comunitário-institucional que se identifica particularmente. Nesse sentido, o autor conclui que o “público” seria a universalidade transnacional do exercício da razão para expor o paradoxo segundo o qual, nessa ordem, se pensaria livremente, mas se obedeceria ao que é comum e não particular.

A partir disso, o autor defende que o problema que se coloca está na distinção entre o nível “performativo” da autoridade social e o nível do livre pensamento, acompanhado pela suspensão da performatividade, do qual cada um de nós participa na dimensão universal da esfera “pública”, precisamente enquanto indivíduo singular separado da (ou até mesmo oposto à) sua própria identificação substancial comunitária. Para Žižek (2014), ser verdadeiramente universal é ser radicalmente singular, nos interstícios das identidades comunitárias.

Esse tema ainda merece maior reflexão, uma vez que implica a compreensão do que é universal e do que é individual em um sistema que não nos oferece escolhas; ou nos rendemos ao que é local, ou aderimos ao que é universal. Além disso, é preciso considerar que, em uma sociedade na qual homem e mulher possuem ainda tarefas diferenciadas nas esferas públicas e privadas, não se pode aventar solidariedade com igual medida. Pensando no espaço da *internet*, é preciso considerar que muitos internautas ainda se familiarizam com o uso das redes sociais, o que pode interferir no modo como se posicionam politicamente a fim de “marcar presença” na rede.

Žižek (2014) ressalta que é só na moderna cultura capitalista ocidental que a autonomia e a liberdade individuais são postas acima da solidariedade coletiva, da conexão, da responsabilidade pelos outros em situação de dependentes, da obrigação de respeitar os usos da comunidade a que cada um pertence. Isto porque o próprio liberalismo privilegia uma cultura específica – a do Ocidente moderno.

Segundo o autor, no que se refere à liberdade de escolha, o liberalismo é também marcado por um pressuposto forte: é intolerante quando não é dado aos indivíduos de outras culturas a liberdade de escolha, ao mesmo tempo em que se ignoram as terríveis pressões que sofrem as mulheres de sociedades liberais a se submeterem a intervenções

cirúrgicas em nome da estética, por exemplo.

Assim, a ideia liberal de “livre escolha” não oferece saída, e permite a desqualificação de outras culturas como intolerantes ou bárbaras, dada a facilidade excessiva com que se reconhece a superioridade dos outros. Por esse motivo, a crítica pós-colonial mais extrema do liberalismo denuncia a falsa universalidade, demonstrando como uma posição que se apresenta a si própria como universal e neutra privilegia de fato certa cultura (heterossexual, masculina, cristã).

No âmbito político, o filósofo esloveno destaca que se vive hoje a política do medo: “medo de imigrantes, medo da criminalidade, medo de uma depravação sexual ímpia, medo do próprio excesso de Estado e da sua carga tributária elevada, medo da catástrofe ecológica, medo do assédio” (ŽIŽEK, 2014, p.46). Essa concepção política, destaca Ferreira (*no prelo*), que nega em princípio a própria dimensão constitutiva do político, ao considerar como única de forma de mobilização o medo, alimenta o medo do outro, que deve manter-se em uma distância relativamente segura. Para o alcance disso, vale-se de legitimação da violência, seja pela negação de diferenças e valores culturais, seja mantendo o outro em seu lugar social, o que constitui uma violência de natureza mais sistêmica em relação à primeira. No primeiro caso, impõem-se códigos culturais ao outro, no segundo casos, acolhe-se o outro, desde que ele fique em seu “devido lugar” na sociedade.

Por esse motivo, Žižek (2014) constitui fonte indispensável a este trabalho porque relaciona violência e linguagem ao afirmar que “a realidade em si própria, em sua estúpida existência, nunca é intolerável: é a linguagem (sua simbolização) que a torna intolerável” (ŽIŽEK, 2014, p, 63). Dessa maneira, o autor entende que a violência resulta da linguagem, ao condensar, construir e impor um campo simbólico. O autor defende que todo ato violento, seja ele físico ou linguístico, representa uma série de acúmulos simbólicos que explodem e têm como alvo um fantasma ou espectro. Inúmeros exemplos serviriam a uma ilustração aqui, mas gostaríamos de destacar quando isso se dá por meio da linguagem em atos de designação referentes ao 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos.

De acordo com Rajagopalan (2003), a criação de novos termos de designação para se referir às personagens novas que surgem e aos novos acontecimentos novos capturam a atenção dos leitores e permitem que o discurso jornalístico imprima o seu

ponto de vista. Assim, Osama bin Laden foi taxado de terrorista, a despeito de “[a] mesma figura enigmática, nascida na Arábia Saudita, com fortes ligações com a família real daquele país—que, convém não esquecer, serviu de importante aliado na guerra contra a ocupação soviética—transformou-se, da noite para o dia, na imagem do próprio Satanás” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 85). Osama bin Laden assume então o lugar desse outro, o espectro ou fantasma, a partir da reiteração de termos como “terrorista” e toda a simbologia do mal que possa evocada junto a essa designação.

Na esteira desse pensamento, e ainda na Filosofia, Butler (1997) afirma que o ato de fala retira sua performatividade de uma força cuja historicidade é ao mesmo tempo cumulativa e dissimuladora. Em suas palavras, o ato ilocucionário executa sua ação no momento da enunciação, sem ser nunca um momento único, ainda que ritualizado. Isso porque implica sempre uma “historicidade condensada” que ultrapassa o sujeito (BUTLER, 1997, p. 3). Para ela, “ser chamado injuriosamente não é apenas ser colocado diante de um futuro desconhecido, mas também não saber o tempo e o lugar da injúria, e sofrer a desorientação de sua própria situação como o efeito dessa fala (BUTLER, 1997, p. 4).

Em ensaio que trata da vulnerabilidade na linguagem, essa autora defende que estamos o tempo todo vulneráveis à linguagem por sermos constituídos nela. Assim, na proposta da autora, se não fôssemos seres de linguagem, a linguagem não poderia nos injuriar. Sua preocupação é compreender os efeitos violentos de certos usos linguísticos dada nossa vulnerabilidade à linguagem.

Butler (1997) explica que a primeira forma de injúria aprendida é o nome pelo qual somos chamados. Essa nomeação, que nos constitui enquanto sujeitos, cria nossa existência social e discursiva, paralisando-nos, mas também, paradoxalmente, nos permitindo a possibilidade de “uma resposta inesperada” (BUTLER, 1997, p. 2), à nomeação. A análise de uma enunciação precisa considerar sua historicidade condensada (BUTLER, 1997, p. 3), ou seja, “o efeito de invocações prévias e futuras que constituem e deixam escapar o instante de sua enunciação” (BUTLER, 1997, *ibidem*). Isso tanto é verdade que podemos resistir de uma forma ou de outra a esses enunciados, independentemente da intencionalidade com que foram produzidos.

A autora esclarece, assim, que o que confere força a um ato de fala, seja ela violenta ou não, é sua historicidade, seu passado e seu futuro que nos escapam, mas que

tentamos condensá-los no momento da enunciação. Butler (1997) aponta como uma das características fundamentais da fala injuriosa o poder de produzir naquele que é nomeado uma “perda de contexto” (BUTLER, 1997, p. 4). Para ela, “ser injuriado pela fala é não saber onde se está” (BUTLER, 1997, *ibidem*). O injuriado sente-se, então, em um não-lugar, por ocasião de uma enunciação na qual atos de fala injuriosos foram proferidos na sua vulnerabilidade física, já que “é a linguagem que sustenta o corpo” (FERREIRA, no prelo, p. 8).

No âmbito dos estudos linguísticos, a ligação entre linguagem e violência tem sido discutida em trabalhos na perspectiva de uma abordagem denominada Pragmática da Violência. Silva (2010), Lopes (2010), Santos (2012) e Melo (2016) apresentam exemplos bastante relevantes para entendermos alguns usos violentos da linguagem. Entretanto, esses trabalhos realizam suas análises em *corpora* bastante distintos do nosso. O trabalho de Silva (2010), por exemplo, procede a uma análise das formas simbólicas (violentas) por meio das quais o Nordeste é representado pela mídia hegemônica do país, nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo e na revista Veja. Lopes (2010) realiza uma pesquisa etnográfica vivenciando a prática do *funk* na cidade do Rio de Janeiro no campo de uma Pragmática das identidades, interpretando de que maneira os próprios *funkeiros* constroem suas identidades em representações encenadas que contestam as representações constitutivas do discurso hegemônico.

Santos (2012), finalmente, parte de entrevistas de militantes negros para investigar os conflitos instaurados com a injúria. Ao comparar, entretanto, as formas como o sistema judicial brasileiro e os movimentos sociais interpretam a relação entre insultar e discriminar, inspira-nos a considerar que insultar, injuriar e discriminar podem ser considerados como instâncias de violência na linguagem.

O trabalho de Melo (2016) discute a conexão escola pública e atos de fala considerando a promessa de formação humana que gira em torno do discurso institucional. Analisando o documento de Base Curricular Comum do estado de Pernambuco, ela tem como campo de análise a performatividade do discurso institucional da escola pública pernambucana no que tange à busca do paradigma da solidariedade. Essa problemática, em sua concepção, é instaurada em razão de o ato de fala prometer, via governo, uma institucionalização da solidariedade ao lado do fortalecimento superdimensionado de saberes e competências que constituem a finalidade maior do ensino e aprendizagem.

De acordo com Melo (2016), ocorre um apagamento da dimensão do conflito e do sofrimento, experiências, para ela, constitutivas da experiência humana, a partir do momento em que contextos discursivos consensuais alcançados por práticas solidárias buscam sempre a zona de conforto entre pares que “dialogam”. O trabalho de Melo fornece-nos, em seu modelo de análise, a consideração do conflito como constitutivo da experiência humana. Esse pressuposto é bastante importante para nossa análise, na medida em que nos chama a atenção para o que também pode ser constitutivo de nosso *corpus*, cujos comentários nem sempre são consensuais. O desafio será perceber quando o conflito ultrapassa o respeito ao outro, casos em que será possível perceber injúria, ofensa e intolerância, além de violência.

No escopo dos estudos linguísticos com base teórica da Análise do Discurso, Leite (2012) analisa fatos de preconceito e intolerância na linguagem da imprensa escrita de grande circulação entre os anos 1990 e 2006. Partindo da definição de tolerância do filósofo italiano Bobbio, por meio da qual se pode inferir que intolerância é a incapacidade de o indivíduo conviver com a diversidade de conceitos, crenças e opiniões, principalmente religiosas e políticas, Leite (2012) analisa o preconceito e a intolerância na linguagem em gêneros textuais diversos, como cartas de leitores, crônicas, editoriais, reportagens. Seu foco, contudo, difere do nosso, na medida em que se volta à falta de tolerância com a diversidade linguística e não com o posicionamento político do outro.

Ainda com aporte teórico da Análise do Discurso, Balloco (2016) discorre sobre a relação entre internet e atos de fala violentos, amparada no conceito de *flaming*, resultado do funcionamento discursivo da mídia digital que permite o discurso passional, regido apenas por impulsos e não pela razão. Ao lado de autores que defendem que a linguagem agressiva e polarizada não resulta da mídia digital, mas é motivada pelo discurso polêmico, a autora se contrapõe a trabalhos que acreditem na redução de recursos expressivos do ambiente virtual como justificativa ao desrespeito de normas sociais que regulariam as interações verbais e que, assim, seriam mais impolidas.

De nossa parte, acreditamos que as interações na Internet, como em qualquer outro espaço, se não reguladas, podem incorrer em consequências desagradáveis aos interagentes, razão pela qual defendemos que casos isolados de sanções punitivas pelos dizeres na internet tornam a responsabilização por esses dizeres ainda muito distante. Em nome da liberdade de expressão, sabemos que podemos opinar sobre tudo, o problema é a forma como isso é feito.

Acreditamos, com Karnal (2017, p. 107), que a internet “maximizou a expressão de ódio, de intolerância, de exacerbação de preconceitos e da violência da linguagem. Mas a internet não cria o sentimento de ódio, talvez apenas torne mais evidente aquilo que só se daria no campo do relacionamento pessoal”. Isso equivale a dizer que o espaço virtual apenas dá visibilidade, e com razoável facilidade, ao que temos para ser externado.

No âmbito dos estudos linguísticos que relacionam linguagem e violência, Ferreira (*no prelo*) analisa atos de fala violentos que caracterizam um comportamento discursivo de ódio político. O autor discute, a partir de algumas reportagens da revista *Veja*, do grupo Abril, relativas a diversos eventos políticos relacionados com corrupção e, que, no caso do Brasil e também da América latina, há certa paranoia em relação ao avanço das esquerdas. Em sua análise, esse avanço permite que o Outro, para quem há lugares historicamente destinados, tende a se aproximar após algumas conquistas sociais. Em síntese, Ferreira (*no prelo*) conclui que é contra ele, o outro que se aproxima de um nós, que os movimentos sociais proferem atos de fala violentos, sob o fantasma da corrupção. O medo seria o mais importante mecanismo de legitimação da violência dirigida ao outro.

O trabalho de Ferreira (*no prelo*) nos dá pistas importantes de como a violência linguística pode ser identificada em atos de fala contra a ex-presidente Dilma Rousseff, o ex-presidente Lula e o Partido dos Trabalhadores, destacando atos injuriosos em alguns usos linguísticos. Sua análise vê a corrupção como poderoso recurso de mobilização popular utilizado pela mídia em uma narrativa que consegue refratar diversos acúmulos simbólicos. Sua preocupação difere da nossa na medida em que seu trabalho se preocupa com as motivações, questões e alvos dessa violência em manifestações políticas recentes no país, ao passo que nosso enfoque pretende compreender a violência como efeito de sentido nos atos de fala presentes em interações de pessoas comuns que, ao interagirem via rede social, expressam seus posicionamentos políticos com/na/pela linguagem.

Articulando o conceito de atos de fala consoante a Nova Pragmática à noção de ideologia da Teoria Social Crítica, Rodrigues (2012) discute a violência linguística praticada pela revista *Veja* contra moradores de favela. Esta pesquisa concluiu que há, no discurso da *Veja*, uma tendência a construir uma imagem dos moradores da favela como seres abjetos, criminosos e não civilizados, contribuindo para a naturalização de preconceitos e a segregação social.

Esses trabalhos não só ilustram uma análise com base no conceito de linguagem performativa, como também realizam o que Rajagopalan (2014) considera como uma pesquisa política e socialmente compromissada em Pragmática. Na esteira desses estudos, Silva e Alencar (2013) defendem uma pragmática da violência nos estudos sobre a significação. Para eles, a violência não é um traço acidental no uso da língua: “a violência tanto oblitera o significado quanto gera, talvez como efeito perlocucionário, novas possibilidades de significação” (SILVA; ALENCAR, 2013, p. 129). Essa visada pragmática considera violento o uso linguístico que posiciona o outro num lugar vulnerável e se contrapõe a uma Pragmática cujo propósito primeiro é cooperar na construção de sentido pretendida pelo ouvinte.

Os autores defendem que a linguagem também é usada para causar dano e que a violência é um aspecto constitutivo da condição humana. Assim, atribuem papel central à constituição, à produção e à comunicabilidade da violência no uso da língua, empreendendo um modelo de análise da violência na linguagem. Os autores entendem que o significado, mesmo o literal, deriva de uma fusão da forma linguística com o contexto e emerge da interação entre a língua e as circunstâncias. Segundo eles, o racismo, por exemplo, quando expresso linguisticamente, é uma instanciação da violência na linguagem. Por extensão, defendemos que xingamentos, insultos e ofensas também o são.

1.3 Movimentos sociais e ativismo político *on-line*

Os movimentos sociais da *internet* têm sido estudados especialmente à luz dos estudos da Sociologia e da Psicologia Social. No Brasil, o tema dos movimentos sociais tem em Gohn (2011) a principal estudiosa. Na literatura estrangeira, nomes como os de Tarrow (1994) e de Castells (2013) também são bastante conhecidos, mas é com Gohn (2011) que apresentamos as primeiras definições.

De acordo com Gohn (2011), um dos exemplos de espaços educativos fora da escola tem sido a participação social e movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes. Esse caráter educativo dos movimentos chama-nos a atenção porque, se estamos ainda aprendendo a usar efetivamente práticas de linguagem na *internet*, os movimentos são importantes momentos em que essas práticas ganham relevo. Mas o que são movimentos sociais e que diferenças apresentam quando articulados em ambiente digital?

Movimentos sociais “são ações coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2011, p. 335). Trata-se de ação concreta que exerce pressão direta por meio de mobilizações, marchas, concentrações, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil etc. Para essa autora, na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação, como a *internet*.

Também Castells (2013) confere papel importante à internet no que se refere à atuação dos movimentos em rede. Ao estudar os movimentos sociais desde a primavera árabe, o autor conclui que esses movimentos apresentam uma série de características comuns, entre os quais a conexão em rede. “A conexão em rede como modo de vida do movimento protege-o tanto dos adversários quanto dos próprios perigos internos representados pela burocratização e pela manipulação” (CASTELLS, 2013, p. 164). Para esse sociólogo, a internet é um componente necessário, embora não seja determinante, da ação coletiva. Sua importância reside especialmente nas formas de comunicação em redes, de maneira descentralizada.

No âmbito dos estudos sociológicos, por exemplo, Castells (2013) afirma que os novos movimentos sociais conectados em rede se espalharam primeiramente no mundo árabe; começaram no sul e no norte da Tunísia e da Islândia. Com base em uma teoria fundamentada no poder, ele sugere algumas hipóteses sobre a natureza e as perspectivas dos movimentos sociais em rede, a fim de identificar os novos rumos da mudança social e de estimular um debate sobre as implicações práticas e políticas dessas hipóteses.

Em seu entendimento, as relações de poder são constitutivas da sociedade porque aqueles que detêm o poder constroem as instituições segundo seus valores e interesses. O poder seria, em sua premissa, exercido por meio da coerção e/ou pela construção de significado na mente das pessoas, mediante mecanismos de manipulação simbólica.

Na perspectiva dos estudos sociais, Castells (2013) analisa movimentos sociais na internet considerando nesses movimentos, formação, dinâmica, valores e perspectivas de transformação social. Estudando movimentos desde a primavera árabe, passando por outros na Europa e nos Estados Unidos, como o movimento *Occupy Wall Street*, o sociólogo entende que os movimentos sociais em rede exercem o contrapoder, constituindo-se, em primeiro lugar, de um processo cuja comunicação é autônoma, livre

do controle dos que detêm o poder institucional. Desconfiamos de que, ao menos no cenário brasileiro, não haja essa ausência de controle. É sabido que empresas como Facebook detêm bastante controle sobre os conteúdos de seus usuários e que, dependendo de quem enuncia no *Facebook*, as chances de ser contradito são relativizadas.

Segundo Recuero (2014), a participação em uma conversação no *Facebook* parece ter uma relação direta com a manutenção da face positiva. Isso significa que conteúdos postados por alguém possam ser “curtidos” ou “compartilhados” a fim de se legitimar o que foi postado, o que está sendo dito. Desse modo, o internauta que curte ou compartilha uma postagem não apenas preserva a sua face ao manter a face alheia, que não foi rechaçada, mas também fortalece o sentimento de confiança entre os membros de uma página ou entre os “amigos”.

Isso nos leva a cogitar que pode haver algum controle no sentido de que postagens muito curtidas possam ser cada vez mais curtidas e, uma vez que o internauta sente a necessidade de pertencimento ao grupo, acaba por aderir também ao que foi enunciado, se tantas pessoas já o fizeram. É nesse âmbito que se conjectura a compra de “curtidas” em ambiente digital. Isso, porém, seria algo para outra investigação.

Voltando aos movimentos já estudados, um dos movimentos descritos por Castells (2013) é o que ficou conhecido como “Os Indignados”, na Espanha, iniciado com um grupo no *Facebook* intitulado “Plataforma de Coordenação de Grupos Pró-Mobilização Cidadã”, no ano de 2011. Esse movimento, foco de sua pesquisa, foi contra os banqueiros e especuladores – e contra as pessoas arcarem com as consequências de uma crise financeira pela qual não foram responsáveis. Segundo o autor, “[o]s Indignados é um movimento de múltiplos e ricos discursos. Slogans criativos, frases de efeito, palavras significativas e expressões poéticas constituíam um ecossistema de linguagem indicativo de novas subjetividades” (CASTELLS, 2013, p. 103).

Castells (2013) elenca uma lista de termos-chave amplamente presentes no discurso do movimento, caracterizados cada um deles tanto pelas implicações quanto pelas supressões, como se pode conferir com uma explicação simples. Em seu estudo, a expressão *sem chefes*, por exemplo, implica *autorregulamentação*, *rede distribuída*, *pleno envolvimento de todos* (tal como a interação pela internet), *anonimato*, *alternância de responsabilidades* e *suprime atribuição de papéis sociais rígidos*, *predefinição de temas*, *comando e submissão*. Esse levantamento apontou-nos, em um primeiro momento,

para verificar o que tem sido dito e de que maneira isso tem sido dito em nossas páginas de movimentos sociais.

Na avaliação de Castells (2013), a mudança fundamental nos últimos anos foi a autocomunicação, porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada. A autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade.

Ainda de acordo com sua análise, o poder, nessa sociedade, é exercido por programadores e computadores, os quais operam as conexões em diferentes redes. O contrapoder é desempenhado reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores, e/ou rompendo-se as alternâncias predominantes, ao mesmo tempo em que se alteram as redes de resistência e mudança social.

Os atores da mudança social subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem. O sujeito ressignifica suas identidades em meio às linguagens. O meio virtual propicia as múltiplas identidades em diferentes perfis e mesmo em um só. Castells (2013) observa que espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. Para ele, os movimentos sociais são a fonte da mudança social e, portanto, da constituição da sociedade. Para nós, esses movimentos sociais em rede, com seus indivíduos interagindo na/pela linguagem, fornecem-nos o contexto necessário para se entender as expressões linguísticas utilizadas pelos usuários internautas/manifestantes para se posicionarem contra ou a favor do *impeachment*.

O trabalho de Castells (2013, p. 26) constitui leitura importante para compreender, em uma perspectiva macro, “movimentos sociais em rede” a partir dos dizeres dos próprios manifestantes, “em suas próprias palavras e por suas próprias ações”, o que nos provoca a aprofundar a análise linguística, a partir de suas forças ilocucionárias. De acordo com Austin (1990), cada enunciado possui uma força ilocucionária que pode ser um pedido, uma ordem, uma pergunta. Considerando, como sugere Silva (2010), que a violência é uma das formas mais salientes que a linguagem pode assumir, esperamos identificar a ofensa, a injúria e a difamação como forças ilocucionárias dessa violência, afinal, para muitos internautas, configurou-se uma teia de ódio e intolerância nas mais

diversas manifestações em defesa de interesses políticos.

Tendo sido feitas essas considerações acerca de movimentos sociais, resta destacar que consideramos o “Movimento Brasil Livre” e o “Frente Brasil Popular” como movimentos sociais em rede que realizam o ativismo político *on-line*. O primeiro movimento demarca uma posição identificada entre os usuários como sendo “de direita” enquanto o segundo se configura como “de esquerda”. Longe de querer resolver a questão, é preciso resgatar um mínimo de esclarecimento quanto às categorias “esquerda” e “direita”, as quais são historicamente utilizadas em diversos países do mundo como referência para demarcar espacialmente a posição de diferentes partidos políticos de um mesmo sistema partidário.

De acordo com Madeira e Tarouco (2011, p. 7), “o significado substantivo de esquerda-direita não é, necessariamente, dado a priori”. Segundo os autores, no contexto brasileiro, a definição de esquerda-direita, após o final do regime autoritário¹¹, estava ligada ao envolvimento, ou não, de partidos e grupos políticos com esse antigo regime. Assim, partidos considerados de direita (notadamente PDS/PPB/PPR/PP e PFL/DEM) o são em coerência com o grau de aproximação/distância com relação ao regime autoritário. Os autores esclarecem que

os partidos considerados de direita (PP e DEM) foram os principais apoiadores do regime, os partidos de centro (PMDB e PSDB) representam em linhas gerais a oposição (sub-dividida entre moderados e autênticos) permitida pelo regime e os principais partidos de esquerda (PDT e, claramente o PT) sendo mais representativos das forças políticas que não atuavam dentro do marco institucional montado pelo regime (sendo que parcela significativa destes grupos teve atuação na clandestinidade e se constitui em um dos principais alvos da repressão do regime militar (MADEIRA; TAROUCO, 2011, p. 8)

Desse modo, é preciso considerar sempre o contexto histórico de um país, pois a distinção original entre defesa da ordem ou da mudança, a qual correspondia a uma disposição espacial ao longo do século XIX na Europa, não só passa a ser associada com a distinção entre liberalismo e conservadorismo, como também sofre influência de uma série de temas que vão pautando, ao longo dos anos, uma agenda política. Portanto, a distinção clássica de direita/esquerda, que tem seu nascedouro no contexto francês, se considerada no Brasil e nos dias de hoje, precisa levar em conta que, com o tempo, a

¹¹ Referimo-nos, historicamente, ao Estado Novo (1937-1945) e ao período dos governos militares (1964-1985).

própria ideia de aproximação/distância de um antigo regime vai se perdendo.

Nos anos de 1990, acrescentaram-se, ao debate político/ideológico, temas como privatização, desregulamentação da economia, os quais provocaram uma mudança na distinção de direita e de esquerda no Brasil: de uma dimensão histórico-política (apoio/oposição ao regime) a uma dimensão econômica (desregulamentação/privatização). Isso nos mostra que a distinção clássica de direita e de esquerda, a qual privilegia a dimensão econômica (grau de ingerência do estado na economia, por exemplo) como critério de análise precisa ser sempre considerada em função dos critérios que se inserem na história de cada país, como no caso brasileiro, que exige a consideração do aspecto relacional frente a uma agenda política. Além disso,

este significado de esquerda e direita, entretanto, não está isento de controvérsias. Contribuem para a polêmica a distinção entre liberalismo econômico e liberalismo político, a freqüente [*sic*] confusão com a dimensão progressista-conservador, os partidos religiosos na Europa, as peculiaridades do sistema partidário norte-americano, o fundamentalismo, o fascismo, o esmorecimento das fronteiras entre as bases sociais de classe dos partidos, e mais recentemente, o neoconservadorismo e a dificuldade de enquadrar as chamadas questões pós-materialistas, tais como a questão ambiental e as questões étnicas e de nacionalidades, por exemplo. (TAROUCO; MADEIRA, 2009, p. 4 *apud* MADEIRA; TAROUCO, 2011, p. 10)

No ambiente digital, o ativismo tem sido entendido como uma ação política indireta não institucionalizada (ASSIS, 2006). Esse ativismo político costuma ser apartidário e ligado a movimentos que têm início nas redes sociais e ações pontuais nas ruas como extensão daquilo que já ocorre no ambiente virtual. Por esse motivo, julgamos ser importante discutir o que vem a ser o contexto quando pretendemos analisar atos de fala em ambiente *on-line*.

Na perspectiva dos novos movimentos sociais, essa política indireta deixa de ser exercida apenas pelos sindicatos, partidos políticos ou quaisquer outras instituições representativas de classes fixas ou coletivas. Diferentemente de atitudes como votar, trata-se de iniciativas que partem de indivíduos ou grupos, sem representações, no sentido de realizar “(...) qualquer ação positiva (fazer algo) que tenha implicações concretas, e geralmente imediatas, sobre seus alvos” (ASSIS, 2006, p. 14), tais como o boicote a marcas que se julguem merecedoras disso por fazerem uso de teste em animais, por exemplo. Na internet, vale até mesmo a postagem de indignação contra um produto ou serviço e mesmo a adesão a abaixo-assinados *on-line*.

Se isso é ou não um novo ativismo político, ainda estamos por saber. O problema da participação política mediada por tecnologias digitais é alvo de muita discussão. De acordo com Gomes (2011), em obra sobre os estudos em Comunicação e Democracia no Brasil, há quem defenda, por exemplo, que a internet contribui para o aumento da participação política de instituições e de pessoas. De outro lado, há quem prefira considerar as diferenças entre a participação fora e dentro do ambiente *on-line*, muitas vezes considerando iniciativas virtuais complementares ou instrumentais em relação a práticas tradicionais e, por fim, há os que se dedicam ao estudo da qualidade da participação *on-line*. A esse respeito, o sociólogo assim se posiciona:

evidentemente, a tecnologia não determina os movimentos sociais nem, no que nos interessa, qualquer espécie de comportamento social. Porém, as redes da internet e de telefonia celular não são apenas ferramentas, mas formas organizacionais, expressões culturais e plataformas específicas para autonomia política (CASTELLS, 2013, p. 86).

O papel conferido por Castells (2013) à tecnologia nos é importante por considerar que, mais que ferramentas, tecnologias são expressões culturais por meio das quais moldamos nosso comportamento. Isso implica a consideração de que a linguagem constitui o suporte tecnológico imprimindo novos gestos, novas formas de dizer e de fazer, no caso, relativo a movimentos sociais. Há quem entenda isso de maneira mais ampla, o que se denomina como democracia digital, ou seja,

qualquer forma de emprego de dispositivos (computadores, celulares, *smart phones, palmtops, ipads...*) aplicativos (programas) e ferramentas (fóruns, sites, redes sociais, medias sociais...) de tecnologias digitais de comunicação para suplementar, reforçar ou corrigir aspectos das práticas políticas e sociais do Estado e dos cidadãos, em benefício do teor democrático da comunidade política (GOMES, 2011, p. 27-28).

Após exemplificar com o que ele considera boas iniciativas de participação política no Brasil, como o Transparência Brasil, o autor esclarece que “participação é apenas uma das formas de ação” (GOMES, 2011, p. 37) e adverte:

Direi, portanto, o óbvio: acompanhar o noticiário político online, ler blogs de político, ver vídeos de política no Youtube, por exemplo, é ação, mas não literalmente uma participação política; já escrever um blog de política, fazer campanha online, escrever petições eletrônicas, manifestar-se num fórum eletrônico ou numa consulta orçamentária digital e postar vídeos políticos são formas de participação na vida pública e/ou no jogo político (GOMES, 2011, p. 37).

No entendimento do autor, o primeiro conjunto de ações pode orientar o

indivíduo na participação política e instrumentalizar o grupo no envolvimento da vida pública e, com isso, até produzir algum efeito de participação, mas é o segundo conjunto de ações que constitui a participação em sentido estrito.

A partir dessa leitura, estamos convencidos de que os movimentos designados por “Movimento Brasil Livre” e “Frente Brasil Popular” realizam a participação política em sentido estrito e convocam as pessoas a participarem, conforme o primeiro conjunto de ações. Os movimentos, porém, não existem sem a participação dos internautas, razão pela qual, em conjunto, estaríamos diante de um tipo de participação política mediado pelas novas tecnologias, ainda que algumas dessas pessoas apenas visitem ou “curtam” a página do movimento.

Em realidade, as formas de participação na internet são de natureza diversa e um simples clique representado por uma “curtida”, apreciação valorativa feita por um internauta, constitui elemento importante para aferir a importância de uma página, uma vez que a popularidade na internet se vale de critérios como esses para mensurar o nível de visibilidade de uma *fan page*. Não se discute, obviamente, a qualidade dessa participação e, talvez, certa mudança que esteja em curso.

De acordo com Gomes (2011),

iniciativas para a segunda década do século XXI, inclusive aquelas digitalmente mediadas, precisam levar em conta as pessoas reais desta época, pouco dispostas ao engajamento permanente, pouco interessadas na partilha coletiva de palavras-de-ordem, pouco dogmáticas e pouco ideologizadas, muito pouco dispostas a sacrificar os seus projetos, tempos e espaços individuais em nome de um *nós* qualquer (GOMES, 2011, p. 39).

Isso justifica o fato de cidadãos aderirem mais facilmente a participações do primeiro tipo, ou seja, uma participação política que difere da participação na vida pública e/ou no jogo político. Para ele, “estudos continuam a demonstrar que, genericamente tomados, os usuários de internet não são lá grandemente interessados em participação política” (GOMES, 2011, p. 39). Adiante, reconhece que “mas há sólida documentação de que esses usuários podem participar da política de modo extremamente relevante em algumas circunstâncias específicas [...]” (GOMES, *ibidem*). Esse reconhecimento nos interessa particularmente porque, assim como a eleição de Obama de 2008 e outras manifestações intermediadas via internet, os movimentos sociais no Brasil, ocorridos desde 2013, valem-se da conexão, ou são favorecidos por ela.

Nesse sentido, concordamos com Castells (2013) ao afirmar que

é essencial enfatizar o papel basilar da comunicação na formação e na prática dos movimentos sociais, [...] porque as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando sua indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprias e para a sociedade como um todo (CASTELLS, 2013, p. 170).

O autor acrescenta que, “em nossa sociedade, a forma fundamental de comunicação horizontal em grande escala baseia-se na internet e nas redes sem fio” (CASTELLS, 2013, p. 170). Diríamos que é fato que há uma participação significativa de pessoas nas redes sociais, organizando-se para ir às ruas e posicionando-se acerca de questões políticas, mas a qualidade do debate político talvez esteja distante de uma ação que leva a alguma consequência positiva no campo da política. Isto porque muitos comentários demonstram falta de informação básica sobre o papel do estado, o que é ser de direita ou ser de esquerda, para ficarmos circunscritos ao nosso *corpus*.

A esse respeito, Gomes (2011, p. 39) aponta-nos uma observação interessante: “Isso me leva à ideia de que a participação *on-line* passa por questões relacionadas ao desejo tanto quanto por questões relacionadas a meios, motivos e oportunidades de participação”. Muitas vezes, somos levados a crer que somente o desejo de pertença a uma comunidade virtual possa justificar comentários de natureza tão agressiva contra o outro.

Um esclarecimento, entretanto, se faz oportuno, a partir do trabalho de Balocco (2016). Em sua concepção, os comentários eletrônicos não são diretamente funcionais nos processos políticos, por não serem enunciados em fóruns políticos, com repercussões sobre aqueles processos. Por esse motivo, a autora considera que eles não devem ser entendidos como instanciações do discurso político, mas como parte constitutiva do discurso midiático.

Em nosso trabalho, preferimos considerar os atos de fala presentes em comentários de uma *fan page* do *Facebook* como formas de participação política, uma vez que a página de um movimento social é livremente escolhida pelo usuário para expressar sua opinião política e essa opinião, ainda que não interfira diretamente na ação política, não deixa de ser importante avanço simbólico dos modos de participação na política hoje.

Se dizer é fazer, os dizeres dos internautas em relação aos rumos da política brasileira, quando objetivamente analisados, interferem diretamente na popularidade de um candidato, por exemplo. Assim, as redes sociais têm papel decisivo na condução política, na medida em que os candidatos precisam do apoio da população na votação de medidas, ainda que sejam os seus representantes os votantes de tais medidas.

De fato, o ambiente digital propicia experiências de interação bastante diversificadas. Essas experiências são, algumas vezes, semelhantes ao que ocorre com os textos (em suporte impresso), caso, por exemplo, de textos digitalizados para serem lidos na tela, os quais podem ser lidos e destacados, comentados. Outras interações são diferentes em função da natureza do suporte, caso em que o hipertexto é produzido para o ambiente digital, com blocos de textos fragmentados e com *hiperlinkagem*, nos quais se pode inserir comentários, além de textos multi/hipermodais

Lévy (2006), ao entender comunicação como sinônimo de ação, esclarece que “o jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros”. Esse filósofo entende que o sentido emerge e se constrói no contexto e que, portanto, é sempre local, datado e transitório. Com isso, ele toma o leitor e o texto em uma acepção bem ampla para afirmar que

o objetivo de todo texto é o de provocar em seu leitor um certo grau de excitação da grande rede heterogênea de sua memória, ou então orientar sua atenção para uma certa zona de seu mundo interior, ou ainda disparar a projeção de um espetáculo multimídia na tela de sua imaginação (LÉVY, 2006, p. 24).

O contexto, define o filósofo, “longe de ser um dado estável, é algo que está em jogo, um objeto perpetuamente reconstruído e negociado” (LÉVY, 2006, p. 22). “Ele designa, portanto, a configuração de ativação de uma grande rede semântica em um dado momento” (LÉVY, 2006, p. 24). Derrida (1991) explica que devido à sua iterabilidade essencial, o contexto semiótico pode ser isolado de um sintagma escrito, no qual se apresenta, sem perder sua possibilidade de funcionamento, assim como ser inscrito em outras cadeias. Para esse autor “nenhum contexto pode fechar-se sobre si” (DERRIDA, 1991, p. 358).

Com isso, o autor esclarece que o contexto não se esgota no presente da sua inscrição, pois pode dar lugar a uma iteração na ausência e para além da presença do sujeito que o produziu. Desse modo, há uma ruptura com o conjunto de presenças da organização da escrita, mas essa ruptura seria parte da estrutura da escrita. Do “presente”

da inscrição, fazem parte “a presença do escritor que a escreveu, todo o ambiente e o horizonte da sua experiência e sobretudo a intenção, o querer-dizer, que animaria num dado momento a sua inscrição” (DERRIDA, 1991, p. 358). Assim, o que foi escrito será legível mesmo se o momento de sua produção estiver perdido e mesmo se não soubermos o que fora pretendido ou intencionado por seu produtor.

Os comentários de páginas de redes sociais são escritos em uma estrutura hipertextual. O hipertexto é, consoante Lévy (2006), uma metáfora válida para todas as esferas da realidade que lidam com significações e, nesse sentido, o hipertexto não se limita ao suporte informático. Essa observação abre espaço, se não para defender que o hipertexto seja muito diferente do texto, ao menos para considerar que novos gestos de leitura e de escritura são demandados pelo suporte digital. Não obstante, a virtualidade implica diretamente a atividade do pesquisador que intenta coletar dados da internet, uma vez que os dados são sempre passíveis de serem atualizados. Trata-se, segundo Castells (2013, p. 183), de

um mundo de virtualidade real e realidade multimodal, um mundo novo que já não é novo, mas que as gerações mais jovens veem como seu. Um mundo que a gerontocracia dominante não entende, não conhece e que não lhe interessa, por ela encarado com suspeita quando seus próprios filhos e netos se comunicam pela internet, entre si e com o mundo, e ela sente que está perdendo o controle.

O filósofo Pierre Lévy (1996, p. 15) define a virtualidade observando que ela “não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”; a mesma virtualidade real mencionada por Castells (2013). Por esse motivo, podemos afirmar que os dizeres são voláteis no sentido de poderem ser apagados, excluídos por alguém ou por uma propriedade técnica, ou mesmo pela dificuldade de serem encontrados, perdidos nas inúmeras interfaces da rede. Uma vez encontrados, não são fixos como nos suportes mais convencionais, mas “atualizados” (TÁVORA, 2008).

A violência no texto político pode ser compreendida quando estudamos o funcionamento da linguagem em ambiente virtual. Não é o caso de defender que, com a Internet, tem-se uma maior participação popular, afinal, como defendido por Castells (2013), a internet não é a responsável por uma maior mobilização social. Para ele, as redes são “ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir (CASTELLS, p. 171). Ele acredita, porém, que o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade, uma vez que cria as condições para que um movimento sem liderança

sobreviva, delibere, coordene e se expanda. Além disso, em sua análise, a internet protege o movimento da repressão que pode ocorrer nos espaços físicos e mantém a comunicação entre as pessoas do movimento e com a sociedade em geral.

É sobre essa comunicação que nosso olhar se volta, com ênfase nas consequências que os atos de designar o outro implicam, no âmbito de uma política de representação, assunto da última seção deste capítulo.

1.4 Atos de designação e políticas de representação

Para melhor compreendermos o que estamos nomeando como “políticas de representação”, iniciaremos esta seção explorando o conceito de representação. A palavra “representação” é frequentemente utilizada em diferentes contextos. Há pelo menos três acepções para entendermos este conceito.

A primeira delas, aprendida nas aulas de Literatura, liga-se a “mimese”, tal como concebida pelos filósofos da Grécia antiga (ARISTÓTELES, 2000; PLATÃO, 2004). Apesar de possuir várias interpretações, tem-se em geral a noção de “imitação”, embora, conforme o filósofo que se possa consultar, varie o entendimento do objeto a ser imitado, como a “aparência da realidade” ou os “estados da alma”. Não é essa a acepção, ligada ao campo das Artes, que nos interessa.

Uma segunda acepção diz respeito à “autorização” para falar em nome de alguém ou representá-lo. De acordo com Rajagopalan (2003), uma vez que os sujeitos ocupam posições circunscritas historicamente, passam a reivindicar identidades por meio da linguagem. Entre grupos que são considerados minorias, como o dos negros e o dos homossexuais, é comum discutir quem está autorizado a representar alguém na defesa de seus interesses. Por se ligar à questão identitária, essa segunda acepção também foge ao escopo de nosso trabalho, embora também seja realizável por meio da linguagem.

A fim de contextualizar esse uso, basta lembrarmos que vivemos, hoje, um grande problema de representação no cenário político brasileiro, se considerarmos que boa parte dos eleitores não se sente representada pelos políticos eleitos. Nesse sentido, podemos indagar: “quem está autorizado a me representar no cenário político brasileiro?”, ou “quem está autorizado a falar em meu nome?”.

A terceira maneira de compreender o conceito de representação diz respeito ao modo como representamos o mundo, de uma maneira geral, pela linguagem. Tudo o que nos rodeia – as coisas, as ações, os sentimentos, as pessoas e nós mesmos – pode ser representado por meio de palavras que nomeiam e predicam, sempre a serviço de políticas de representação. Rajagopalan (2003) lembra que a “representação”, nesta acepção, foi erroneamente concebida, por muito tempo, como uma possibilidade de espelhamento da realidade de maneira neutra e direta, sem que se levasse em consideração as questões de subjetividade implicadas na política de representação.

Diferentemente disso, entendemos que toda escolha linguística, presente no ato de nomear, está sempre inserida em uma política de representação, isto porque o sujeito que nomeia o faz a partir de seus posicionamentos e de um conjunto de crenças e valores que o constitui. Dessa maneira, explica Borges (2004), a noção de representação, no cerne da linguagem, não constitui um reflexo, mas uma atribuição/produção de sentidos por meio de atos de nomeação/predicação¹², categorias que serão problematizadas mais à frente.

Por esse motivo, e consoante à crítica de Rajagopalan (2003) sobre a tese do Representacionalismo, compreendemos que a terceira acepção é a que nos interessa neste trabalho, se considerarmos que não se trata de uma relação direta da linguagem com a realidade, como se as palavras espelhassem o mundo de forma neutra e direta. A crítica de Rajagopalan (2003) refere-se ao modo como a linguagem é concebida enquanto forma de representação, pois não há como transpor para o mundo das palavras, de maneira neutra, o que vemos ou o que pretendemos representar. Assim, o que se nega é a transparência da linguagem.

Essa visão, defendida por Austin (1990), é tributária de Nietzsche (2009; 2013) ao afirmar que não se pode negar o fato, uma vez que ele acontece, de fato. Contudo, depois do fato, esclarece o filósofo, o que existem são as várias versões desse mesmo fato. Para ilustrar este ponto de vista, podemos lembrar como alguém que ocupa o lugar de réu em um júri é representado pela acusação e pela defesa. Os que o consideram culpado o representarão de tal forma que sustente a sua culpabilidade. Os que o consideram inocente o reaperantarão de tal forma que ele pareça inocente. Assim, pelo menos duas versões se impõem ao réu: a de culpado e a de inocente. Neste contexto, culpar e inocentar vai

¹² O uso de nomeação/predicação ressalta a oposição classicamente estabelecida contra a qual nos posicionamos.

depende das políticas de nomeação (ou designação) e de representação que estarão em jogo naquele contexto.

O exemplo acima nos faz pensar que estamos acostumados a rotular pessoas, objetos e eventos sem nos darmos conta de que, ao rotularmos, imprimimos certas interpretações em cada ato de nomeação, afinal a nomeação é sempre uma questão de escolha. Nesse sentido, é preciso considerar, como postula Rajagopalan (2003), que o fenômeno de nomeação é um ato eminentemente político, uma vez que direciona nosso olhar para vermos de uma forma e não de outra aquilo/aquele que se rotulou.

Apesar disso, à medida que nos acostumamos ao rótulo, deixamos de perceber que a descrição não passa de uma opinião avaliativa e nos esquecemos de que toda opinião é passível de contestação. Diante disso, Rajagopalan (2003, p. 87) afirma que “um leitor ingênuo ou desavisado tende a confundir descrição com termo referencial, opinião com fato consumado”.

Rajagopalan (2003) explica que a possibilidade de alternativas e, portanto, de escolha, é atributo indispensável de toda representação. Por esse motivo, o autor defende que por trás de toda representação tem-se uma questão eminentemente ideológica que responde aos interesses políticos de seus defensores. Para ele, não há como escapar ao jogo da ideologia, uma vez que ela está presente em toda atividade humana, inclusive em momentos de transcendência, como na elaboração de teorias.

Dessa maneira, delinea-se o quadro do que se denomina uma política de representação, uma representação que é política, dado que se constitui em um ato de linguagem e, conseqüentemente de intervenção, ao refletir as predileções ideológicas de quem representa e, necessariamente, ao implicar o outro. Assim, é importante levarmos em conta o contexto sociopolítico que denomina eleitores de determinados partidos de um modo ou de outro e suas implicações, pois, como sugere Rajagopalan (2002, p. 86), “é através da representação que novas identidades são constantemente afirmadas e reivindicadas, razão pela qual a política da representação adquire suma importância”.

Rajagopalan (2002; 2003) destaca o papel da representação na criação de identidades, lembrando-nos da importância de desconfiarmos do que aparenta ser “verdade” e “essência”, quando não passam de uma política de representação. Enquanto usuários da língua, ensina Rajagopalan (2003), não estamos inteiramente à mercê das representações que nossa linguagem nos impõe. Ao contrário,

[ao] falar uma língua, ao nos engajarmos na atividade linguística, estaríamos, todos nós, nos comprometendo politicamente e participando de uma atividade eminentemente política. Por outro lado, e como corolário dessa mesma afirmação, toda atividade política também passaria pela questão da linguagem, seria uma atividade de ordem inescapavelmente discursiva (RAJAGOPALAN, 2003, p. 32-33).

Rajagopalan (2003) deixa claro, assim, que a representação não é algo que se dá automaticamente, pois necessariamente passa por certas escolhas conscientes. Além disso, é de suma importância a consideração de que a ética está sempre presente. Afinal, em sua concepção, ideologia é categoria subjacente à ética.

Para aprofundar a noção de representação, Rajagopalan (2002) discorre sobre o conceito de identidade. O autor lembra que identidade, seja de indivíduos, estado ou nação, objeto de estudo e análise, é sempre um construto, algo em constante processo de (re)construção. Apesar disso, o autor adverte que a crença na própria individualidade é entendida como a primeira garantia de sobrevivência e mesmo a identidade dos objetos também tende a ser entendida como algo dado de antemão, de forma alheia à vontade humana.

Diante disso, ele observa que nem todos os objetos da natureza são de existência garantida independentemente do pensamento humano. O autor exemplifica sua tese com a expressão “buraco negro” observando que essa expressão só faz sentido a partir de um conhecimento científico situado em determinado contexto histórico. Ele ressalta que a própria palavra “natureza” se revela altamente mutável. Assim, conceitos e categorias que parecem parte da própria ordem natural, como definições de língua e identidades, merecem constante revisão e questionamento.

Se, para Rajagopalan (2003), a construção da identidade do linguista passa pela questão da política de representação, uma vez que o discurso da linguística é uma prática discursiva como outra qualquer; neste sentido, não será difícil supor que a identidade do internauta eleitor de um partido ou de outro, conforme se pretenda ver a questão, não passa também de uma questão discursiva. Dessa maneira, a Linguística, enquanto ciência, também está ligada a uma política de representação. Não sem razão, Rajagopalan (2003) destaca que a gramática tradicional sempre prestigiou a forma declarativa das sentenças, arraigada à ideia de que a função principal e imprescindível da linguagem é representar o mundo de maneira neutra e direta.

No entendimento dos gramáticos tradicionais, na forma declarativa, a sentença exprime um “pensamento completo” que é cotejado com a realidade extralinguística para se saber se é verdadeiro ou não. Assim, a questão da representação fazia parte dos pressupostos de todas as discussões teóricas do campo da linguagem, desde os primeiros modelos da gramática gerativa ao modelo funcional de Halliday, quando se dá lugar de destaque à função ideacional e também quando os atos de fala de Searle privilegiam a força ilocucionária de asserção.

Não sem razão, Rajagopalan (2003) defende que a tese do representacionalismo é, ao mesmo tempo, uma lamentação e uma expressão de desejo. Em sua avaliação, ela é um gesto de lamentação porque afirma a incapacidade dos seres humanos de apreenderem o mundo numenal tal e qual (em oposição ao mundo fenomenal); a linguagem se coloca como uma barreira entre a mente humana e o mundo, dificultando qualquer apreensão deste de maneira direta. É também expressão de um desejo porque elege como condição ideal da linguagem a total transparência, qualidade que tornaria praticamente inconsequente o papel intermediador da linguagem.

Rajagopalan (2003) esclarece que a ideia da “apresentação” também foi a precursora da nossa concepção de democracia representacional, pois, na Grécia antiga, cada cidadão “representava” a si próprio, ou equivalentemente, se fazia presente, isto é, *se apresentava*, na assembleia, sem qualquer intermediação. Por esse motivo, o autor defende que há um paralelismo gigante entre o modo como pensamos a linguagem enquanto meio representacional e o modo como lamentamos com frequência que a prática democrática dos dias de hoje esteja muito aquém da “transparência”. Em suas palavras, exige-se transparência na conduta dos políticos com o mesmo espírito com que se exige o uso de uma linguagem clara, direta, literal e transparente.

Em sua concepção, a representação política e a representação linguística são apenas duas faces de uma mesma moeda. A questão linguística e a questão política seriam uma só. Em nosso trabalho as duas questões caminham juntas, pois toda escolha pressupõe a existência de uma escala de valores, sempre posicionada em uma política de representação.

A política de representação, abordada nesta seção, é importante para considerarmos que tudo o que envolve a linguagem é uma questão política e, por implicar o outro, é também uma questão ética, pois, como defendido por Borges (2004, p. 58),

“[s]e a ética implica atos de escolha, se a política pressupõe atos de intervenção e se, por trás destes atos, há a admissão da performatividade da linguagem, pode-se afirmar que, no interior de uma política de representação, há sempre um jogo ético-político”.

Tendo discutido o aporte teórico que nos permitiu a constituição de nosso objetivo de investigação, convém apresentar agora, no capítulo seguinte, nosso percurso metodológico, caminho que foi percorrido para a realização de nossa análise.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Não há dúvida de que a *internet* é um espaço privilegiado de realização de nossas práticas sociais e, por esse motivo, demanda novas formas de observação. Essas novas formas requerem que os cientistas sociais, muitas vezes, construam suas ferramentas de análise, procurando instrumentos e métodos que viabilizem “novas maneiras de enxergar” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL 2012, p. 139). Nesse sentido, entendemos que é preciso “considerar sua natureza constantemente mutável e efêmera” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 17) para aceitar que esse lugar, a *internet*, é

um universo de investigação particularmente difícil de recortar, em função de sua escala (seus componentes contam-se aos milhões e bilhões), heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os contextos) e dinamismo (todos os elementos são permanentemente passíveis de alteração e a configuração do conjunto se modifica a cada momento (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 55).

Nesse ambiente digital, alguns *corpora* são mais facilmente encontráveis do ponto de vista metodológico. Se, por exemplo, o que se pretende na *internet* é saber os últimos assuntos que têm sido discutidos pelas pessoas, há inúmeros *softwares* que facilitam a extração de dados para o pesquisador, especialmente quando, ao menos em um primeiro momento, critérios quantitativos importam.

Diante da consideração da natureza do suporte virtual e das dificuldades que isso implica, descrevemos, nas seções seguintes, o percurso metodológico adotado para o alcance de nossos objetivos.

2.1 Natureza e delimitação do universo da pesquisa

Inscrito no paradigma da pesquisa qualitativa, este trabalho privilegia a interpretação de dados pelo pesquisador. Entretanto, como o universo de nossos dados é bastante amplo, heterogêneo e fluido, é preciso que consideremos procedimentos quantitativos para delimitar o *corpus* de análise a fim de considerar a relevância dos

dados. Assim, quando encontramos mais de uma postagem que atendeu a nosso critério temático em um mesmo dia (abordar direta ou indiretamente o *impeachment*), escolhemos a que obteve o maior número de interações, incluindo “curtidas” e comentários.

Dessa forma, entendemos, conforme apontam Bauer, Gaskell e Allum (2003, p. 21-22) que, embora a pesquisa qualitativa lide com interpretações das realidades sociais, isso não significa que ela não possa se valer de dados quantitativos para atingir os objetivos da pesquisa. Essa escolha é primeiramente uma decisão sobre geração de dados e métodos de análise, e só secundariamente, uma escolha sobre o delineamento da pesquisa ou de interesses de conhecimento (BAUER, GASKELL, ALLUM, 2003).

De acordo com informação do Jornal “O Globo”, atualizada em 22 de maio de 2018¹³, o *Facebook* chegou a 2, 3 bilhões de usuários em todo o mundo. No Brasil, de acordo com dados obtidos no próprio *Facebook (on-line)*¹⁴, a média diária de pessoas ativas nessa plataforma foi de 82 milhões pessoas em novembro de 2016. Dessas, 76 milhões acessam via dispositivos móveis em novembro de 2016. Esses números nos dão uma ideia do volume de dados que podem ser encontrados nessa rede social. Não obstante, do ponto de vista técnico, esse *software* não tem ferramentas de busca eficiente que permitam encontrar dados publicados no passado com certa facilidade. A esse respeito Recuero (2016), observa que

No Facebook, a possibilidade de coleta é limitadíssima pela própria ferramenta. Atualmente se consegue coletar automaticamente pouquíssima coisa, notadamente apenas dados de páginas e grupos abertos ou alguns dados de sua própria conta. Ainda assim, também há limites para volume de dados (embora não explicitamente, eu sempre encontro o limite quando crawleio¹⁵ grandes volumes) (RECUERO, 2016, *on-line*, destaques do autor).

Analisar atos de fala em comentários *on-line*, cujo suporte tecnológico não os apresenta de maneira permanente, à semelhança do texto impresso, e podendo se transformar no momento em que são observados (podem ser editados, excluídos, respondidos) constitui dificuldade com a qual o pesquisador deverá lidar. Essa dificuldade está ligada à natureza virtual e volátil do suporte hipertexto, razão pela qual Primo (2013)

¹³ Informações encontradas em <oglobo.globo.com/economia/saiba-como-facebook-se-tornou-um-gigante-de-23-bilhoes-usuarios-22511806> Acesso em: 25 de maio de 2018.

¹⁴ Dados encontrados em <<https://br.newsroom.fb.com>>. Acesso em: 25 de março de 2018.

¹⁵ Termo usado em lugar de “rastrear”. Tradução nossa.

observa que os dados para análise poderão não existir ao final da investigação.¹⁶

Para o alcance de nosso objetivo, o qual elegia como *corpus* comentários de internautas em páginas (*fan page*) do *Facebook* a fim de que pudéssemos identificar atos de fala violentos, precisávamos considerar que os *softwares* de extração de dados se limitam ainda à busca por palavras isoladas ou expressões mais utilizadas e que a busca desses dados se dá, por ora, em algumas interfaces da internet¹⁷. O recurso de busca dessa rede consegue encontrar dados apenas até a interface¹⁸ das postagens, não alcançando a dos comentários.

Ainda sob o ponto de vista técnico, vale considerar que a quantidade de comentários a serem visualizados na tela é limitada, o que exige a tarefa ainda manual do pesquisador para buscar os comentários ocultos na hipertextualidade, contando com uma boa conexão de internet para a captura completa dos dados, sem “bug”¹⁹. Para se ter uma ideia do modo como as informações são encontradas no *Facebook*, apresentamos, a seguir, a interface²⁰ dessa rede e sua usabilidade:

Figura 01 - Página inicial da *fan page* Facebook Brasil



Fonte: <<https://www.facebook.com/FacebookBrasil/>>

¹⁶ Estamos certos de que quaisquer *corpora*, estejam em ambiente virtual ou não, poderão não existir ao final da pesquisa. Ressaltamos apenas que isso pode acontecer no exato momento da coleta, em ambiente virtual.

¹⁷ Desconhecemos, até o momento, que haja programas específicos para a coleta de comentários em páginas do *Facebook*.

¹⁸ Estamos denominando genericamente de “interface” o lugar onde ocorre a interação. Trata-se da superfície de contato que se apresenta ao usuário da internet.

¹⁹ Termo usado na área de Informática para significar algum travamento ou erro de funcionamento do *hardware* ou do *software*.

²⁰ Considerando que este trabalho foi entregue em junho de 2018 e as mudanças ao longo de dois anos desde o início da coleta foram muitas, buscamos atualizar a apresentação até o último mês das figuras, expressas sobretudo nas fotos de perfil e de capa, bem como nos números.

A figura 01 apresenta a página de fãs (*fan page*) do *Facebook* visualizada por quaisquer internautas que tenham contas cadastradas no *site* e que tenham feito *login* para acesso. Essa figura será descrita a fim de melhor delimitar nosso universo de pesquisa. Assim, essa página inicial pode ser dividida em três partes. Menu à esquerda, mural de notícias ao centro e informações sobre a página à direita. Em (1), há um menu de abas ou botões entre os quais o usuário pode escolher para mudar a apresentação do mural consoante suas preferências. Nesse menu, há “página inicial”, “sobre”, “fotos”, “vídeos” e “publicações”, ente outras opções, as quais, uma vez acionadas, ganham destaque ao centro. Dessa maneira, o usuário, ao clicar em uma das opções à esquerda no menu, seleciona o que deseja que apareça no centro da tela.

Em (2) são apresentadas as formas de interação por meio das quais o usuário pode interagir com a página. À esquerda, as opções de “curtir”, “seguir” e “compartilhar”. Além dessas, quando clicado sobre os três pontinhos ao lado de “compartilhar”, são apresentadas aos usuários as possibilidades de “sugerir edições”, “criar página”, “curtir como sua página”, “convidar amigos”, “bloquear página”, “denunciar” e “alterar região”. Algumas dessas opções podem variar de página para página, mas notamos que em geral elas se apresentam fixas. A opção “salvar”, por exemplo, é disponibilizada na página do MBL, ao passo que não apresenta a opção “alterar região” como presente na página do *Facebook* demonstrada na figura 01. À direita de (2), há a opção de envio de mensagem.

Em (3), no centro da página, temos o mural de notícias (*news feed*), onde se pode publicar fotos, textos e vídeos. Essa é a parte mais dinâmica da página, graças à forma gráfica e linear denominada linha do tempo (*timeline*) que apresenta as últimas publicações postadas pelo administrador da página. Diferentemente de contas pessoais, que podem ser configuradas para que os “amigos” da rede possam também publicar, em uma página, os que a visitam podem interagir por meio de curtidas e comentários mediante as postagens ali existentes.

Cumpramos esclarecer que a linha do tempo ou *timeline* é a organização cronológica das publicações em plataformas sociais *on-line* mostrando sempre as últimas publicações/atualizações feitas, conforme a interação dos usuários. Ela é realizada desde a foto de perfil até a foto de capa na página inicial do *Facebook* até o mural de notícias, o qual traz textos contendo imagens (estáticas ou animadas), vídeos e *links* para outros textos, principalmente. Este é, para nós, o lugar mais importante, uma vez que é exatamente de onde são retirados nossos dados.

Em (4), tem-se as informações sobre a página, além de outras opções, como as páginas curtidas e a disponibilização de enquetes, conforme configuração do responsável pela página. Como blocos de informação fixos, temos, na parte superior, onde se lê “comunidade”, o número de pessoas que curtiram a página e o número de seguidores. Na parte inferior, onde se lê “sobre”, tem-se um link (ou quando acionado o botão “ver tudo” à direita do *link* “Sobre”), pode-se verificar a natureza da página, sua data de criação e contatos, como *e-mail* e endereço de *site*.

A figura 01 teve 210.100.353 pessoas que curtiram ao lado de 210.179.089 seguidores na data de acesso de 20 de junho de 2018. Uma das vantagens de uma página em relação ao perfil (pessoal) de usuário é que os perfis só podem ser visualizados na íntegra por “amigos”, pessoas que enviaram convite de amizade na rede. Páginas ou *fan pages* não contam com amigos, mas com seguidores que se identificam com a proposta da página.

Nesse sentido, página de fãs é diferente de perfil. Enquanto o perfil é de caráter pessoal e conta com um número limitado de amigos (até 5.000), uma página é de caráter comercial e não possui restrições de seguidores. Ser fã, por sua vez, não se assemelha a ser “amigo” na rede social. Para ser “fã” é suficiente “curtir” a página ou segui-la, enquanto que para ser amigo é preciso convidar (solicitar a amizade) ou ser convidado. A vantagem de ser fã é a maior liberdade para interagir com páginas, pois se pode marcar o produto ou a marca, inserir comentários, interagir “curtindo” ou “compartilhando” uma publicação. Para realizar as mesmas ações no perfil de alguém, é necessário ser “amigo” desse alguém. Pode-se, contudo, ver as publicações de quem não se é amigo, desde que elas não tenham sido configuradas com restrições de privacidade.

Uma página pode ser bastante personalizada, conforme os interesses profissionais de quem a administra, uma vez que permite que sejam editadas abas cujos conteúdos sejam variados e que se coloquem fotos, vídeos, fóruns, eventos, enquetes, além de avaliação de usuários. Ademais, há um serviço ofertado pelo *Facebook*, em sua página oficial, intitulado *business*, um gerenciador de negócios sempre aberto a sugestões e disposto a melhorar os recursos em termos de ferramentas e aplicativos.

A administração de uma página pode ser composta por administrador, editor, moderador, anunciante e analista. Ela tem acesso a um relatório com o perfil de seus fãs e à divulgação das publicações de maneira detalhada. Usuários, como eu, na função de

pesquisadora, não têm como visualizar essas informações. Trata-se, enfim, de uma página padrão destinada a fins comerciais ou promocionais com uma ferramenta de análise. Como esses dados não são acessíveis a seus usuários, se se pretende adotar o critério de maior popularidade de uma página, pode-se considerar o número de seguidores que ela recebe, o número de curtidas, seguidos do número de compartilhamentos e de comentários inseridos nas postagens publicadas, dados acessíveis a quem não administra a página e públicos.

Como o evento para o qual convergem nossos dados é o *impeachment* de 2016, escolhemos duas páginas: uma favorável e outra contrária a esse acontecimento político. A primeira página escolhida para análise é a “Movimento Brasil Livre”. Trata-se de uma página *pró-impeachment*, criada em 1º de novembro de 2014 (<https://www.facebook.com/mblivre/>), que conta com mais de 2.717.575 milhões de curtidas além de 2.799.393 seguidores atualizados na data de 20 de junho de 2018. O principal responsável pela página é Kim Patroca Kataguiiri, um jovem de 22 anos que frequentemente é questionado acerca da legitimidade do ativismo político que milita nas redes²¹. A figura a seguir demonstra o número de interações com a indicação da seta:

Figura 02 – Página inicial da *fan page* MBL



Fonte: < https://www.facebook.com/pg/mblivre/about/?ref=page_internal >

²¹ De acordo com informações obtidas em Amaral (2016), o MBL teria sido fundado por uma rede de fundações de direita sediada nos Estados Unidos, a *Atlas Network*.

Com efeito, os números são bastante expressivos. Desde a criação da página do MBL há questionamentos sobre a veiculação de notícias falsas em suas postagens, as *fake News*, e também sobre a existência de perfis falsos, o que explicaria os números ilustrados na figura 02. Independentemente de serem falsos ou não, nossa escolha por essa página levou em conta a sua atuação em defesa do *impeachment*, o fato de ter uma liderança jovens com muitos seguidores. Sem dúvida, a natureza e os modos de atuação desse movimento na rede merecem reflexão, mas isso não interfere em nosso objetivo.

A segunda página escolhida é intitulada “Frente Brasil Popular”, uma página anti-*impeachment* criada em 10 de agosto de 2015. Ela é apresentada no *Facebook* como uma comunidade, uma organização política de “militantes em defesa da democracia e de uma nova política econômica” (<https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/>). Esclarecemos que páginas assumidamente consideradas “de esquerda” no *Facebook* são muitas e bastante distribuídas, mas com número significativamente menor de interações, seguidores e mesmo de postagens.

Como não queríamos contrastar nossos dados do “Movimento Brasil Livre” com uma página de partido, tampouco de congressista ou de jornalistas independentes, optamos por essa escolha, por ligar-se a movimentos que convocam as pessoas às ruas, em uma relação de mais de 100 páginas autodenominadas de esquerda, conforme fonte obtida no *site* do Partido dos Trabalhadores (<http://www.ptcamara.org.br>).

A página “Frente Brasil Popular” conta com 157.681 curtidas e 158.883 seguidores, atualizados na data de 20 de junho de 2018. Ela tem como objetivos “derrotar as forças conservadoras, defender as liberdades democráticas e os direitos, implementar outra política econômica e reformas estruturais” (FBP, *on-line*²²). Além disso, ela representa, conforme se pode conferir em sua página inicial, diferentes segmentos da sociedade, entre os quais se podem citar mulheres, negros e negras, LGBT e religiosos²³. A figura 03 ilustra a página da Frente Brasil Popular:

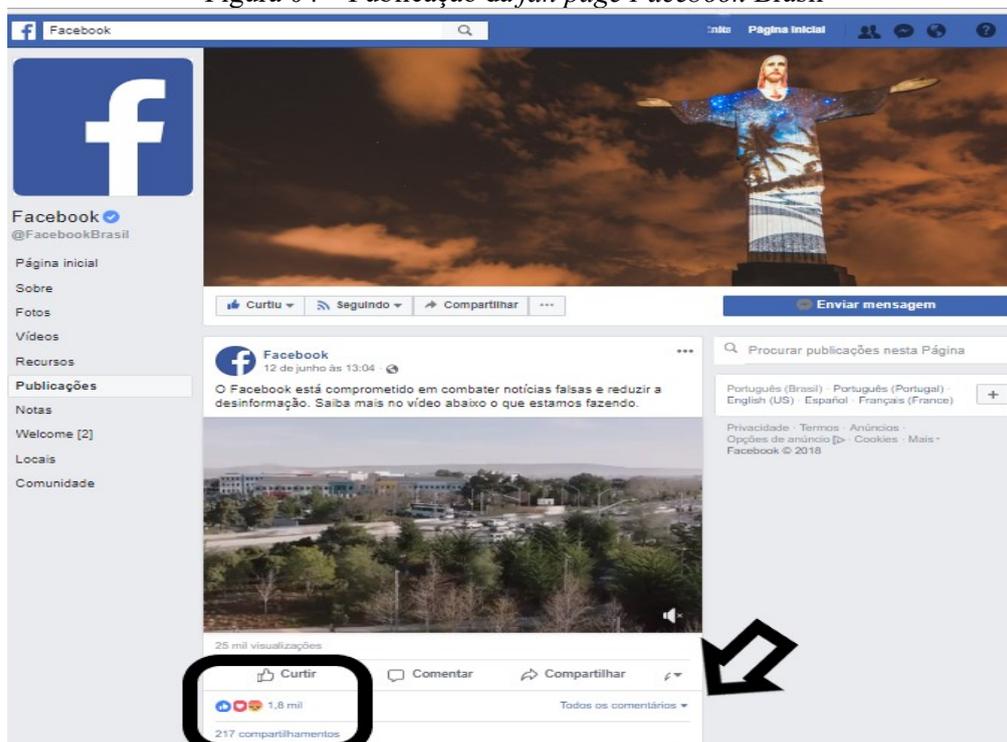
²² Conforme <<https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

²³ A relação de todos os movimentos ligados à Frente Brasil Popular pode ser conferida no site <<http://www.frentebrasilpopular.org.br/conteudo/organizacoes-participantes/>>.

Figura 03 - Página inicial da *fan page* FBP

Fonte: <<https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/>>

Retomando a página do *Facebook*, após selecionada a opção “Publicações” do menu à esquerda, temos no mural de notícias a última postagem publicada e, abaixo dela, o número de interações obtidas. Na figura 04, a forma quadrada com cantos arredondados destaca esse número, enquanto a seta indica a classificação dos comentários recebidos, sobre os quais discorro a seguir:

Figura 04 – Publicação da *fan page* Facebook Brasil

Fonte: <https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/posts/?ref=page_internal>

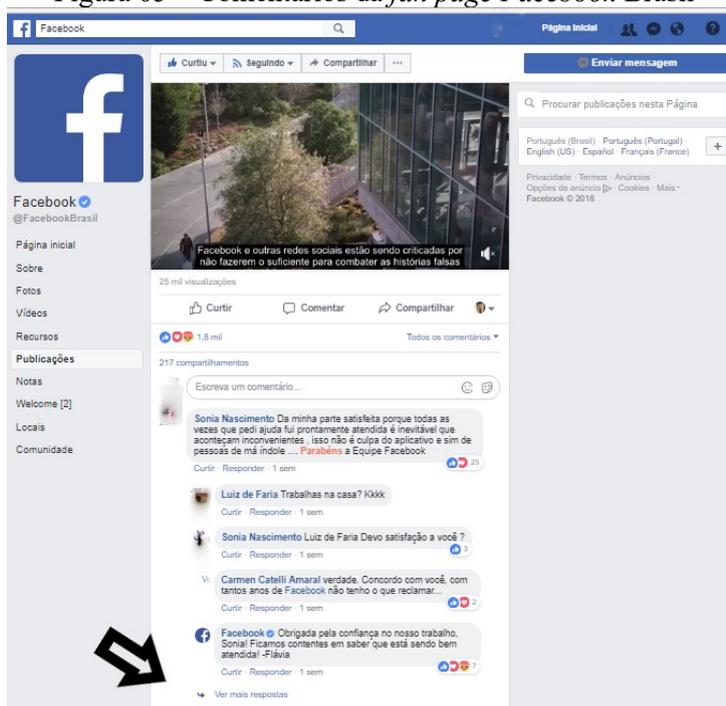
Esclarecemos que entendemos como interações todas as curtidas, comentários e

compartilhamentos. Sobre as curtidas, antes restritas à opção “curtir”, desde 24 de fevereiro de 2016, elas contam com cinco novos *emoticons*²⁴, além do já conhecido “curtir” ou “like”. Os novos *emoticons* são designados pelas palavras “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “grr”, consoante a emoção que se queira expressar. Essas opções permitem ao usuário interagir de maneira mais específica na reação à postagem, antes bastante generalizada.

Outra ferramenta de interação do *Facebook* bastante interessante é a denominada “compartilhar”, por meio da qual o usuário tem a opção de publicar a postagem para seus amigos de maneira pública ou privada, conforme a configuração pretendida. Segundo Recuero (2014), essa ferramenta tem como principal função dar visibilidade para a mensagem, ampliando o alcance dela. A ação de compartilhar confere visibilidade na rede tanto para quem compartilhou inicialmente a postagem, quanto para quem a compartilha para novos contatos. Uma vez que essa função não consegue dar visibilidade aos comentários, nós não a consideramos como relevante na escolha de uma postagem. Assim, mesmo diante do número de compartilhamentos significativo, tivemos que verificar a presença/ausência de comentários para a escolha das postagens.

A figura 04 demonstra com a seta que todos os comentários estão sendo visualizados. Isso porque os comentários podem ser selecionados na página do *Facebook* entre os mais relevantes, os mais recentes e os mais relevantes sem filtro (todos os comentários, excluindo os comentários de *spam* e escritos em outros idiomas). Cada administrador de página pode gerir essa escolha, mas também ao usuário é permitida essa configuração. Assim, optamos sempre por selecionar a última opção, “comentários mais relevantes sem filtro” ou “todos os comentários”, a fim de visualizar o maior número possível de interações. Em alguns casos, notamos que, dependendo da quantidade de comentários, encontramos os mesmos resultados, ainda que constasse ativada a opção “comentários mais relevantes”:

²⁴ Eis as imagens dos *emoticons*:      

Figura 05 – Comentários da *fan page* Facebook Brasil

Fonte: < https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/posts/?ref=page_internal>

Na figura 05, demonstramos o lugar dos comentários no centro da página após a postagem e com o *link* “ver mais respostas” apontado pela seta, temos a indicação de que há mais respostas ocultas na arquitetura hipertextual.

Aplicando-se o *zoom* de 67% no computador (Ctrl + -), é possível ver a postagem por inteiro, incluindo o número de curtidas e compartilhamentos e o número de comentários, como na figura 05. Em algumas ocasiões, não foi possível ver o número de comentários da postagem, caso em que tivemos que mostrar os números à medida em que eles foram sendo expandidos na arquitetura hipertextual.

Por constatar então que a quantidade de comentários mudava com frequência durante a coleta que coincidia com o fato ocorrido, preferimos coletar os dados após o evento do *impeachment*. Para o *Facebook*, isso pode parecer muito tempo depois, dado o volume de postagens, mas acessávamos com regularidade as postagens e seus comentários e víamos que, com edição ou exclusão, eles estavam lá em uma amostra significativa. Alguns dados foram coletados neste período apenas para monitorar o que estava sendo dito e a manutenção de nossas hipóteses de trabalho.

Em se tratando de *Facebook*, é preciso destacar que há avanços consideráveis nos recursos de busca desde sua criação em 2004. Desde 2013, no Brasil, já se pode

utilizar de mecanismos de busca dentro da própria conta de usuário (perfil) ou de uma *fan page*. A busca, porém, dentro de uma *fan page*, ainda está restrita ao conteúdo presente na postagem, como dissemos anteriormente.

Assim, para encontrar publicações contendo a palavra *impeachment*, seleciona-se, no menu à esquerda da tela, “publicações” e, à direita da *timeline*, na caixa de busca, digita-se a palavra pretendida para a busca. A figura a seguir ilustra o modo como se dá essa pesquisa com as formas arredondadas sobre a figura em dois lugares distintos: à esquerda, com o acionamento dos botões; e, à direita, com a digitação da palavra a ser buscada, em nosso caso, o *impeachment*:

Figura 06 - Mecanismo de busca de uma *fan page*



Fonte: < <https://www.facebook.com/pg/mblivre/>

Após a digitação da palavra *impeachment*²⁵, a *timeline* da página é atualizada com todas as postagens que contenham a palavra digitada na caixa de busca. Na figura 06, a última publicação contendo a palavra buscada foi publicada em 30 de março de 2017. A barra de pesquisa no *Facebook* consegue trazer postagens publicadas em determinado período se digitarmos no campo de busca uma data. O sistema lê a data e devolve postagens contendo em seu texto a data buscada. Essa busca encontra dificuldade apenas no carregamento dos comentários, se feita com bastante intervalo temporal em relação ao fato ocorrido, diferentemente de um perfil, em que o próprio usuário tem como selecionar postagens sobre determinado tema publicadas em determinado ano, e cujo

²⁵ Optamos por buscar a palavra *impeachment* em razão da designação de natureza jurídica.

carregamento é mais rápido, talvez pelo fato de o número de comentários ser menor.

Quanto maior é o número de curtidas ou *likes*, mais relevância ganha a página. Isso porque, desde a criação do *Google*, tem-se adotado cada vez mais a busca personalizada, que é determinada pelas páginas que acessamos, pelos assuntos que comentamos, pelo lugar onde estamos, além do tema que tenha sido mais buscado na rede. A relevância tem sido um dos critérios que mais conseguem devolver ao usuário os resultados mais condizentes com seus interesses porque leva em conta nossas preferências, nossas interações anteriores e o lugar onde estamos.

Desse modo, uma pesquisa feita no *Google* por mim com o termo “café”, realizada em Uberlândia, no estado de Minas Gerais, no mês de março de 2017, onde agora escrevo essa tese, tenderá a mostrar em seus resultados *sites* que incluem marcas e lugares de Uberlândia, além de outros que tenham ligação com minhas preferências, como a associação de café com letras, dada a minha formação acadêmica e o sem número de informações que o *Google* já tem sobre mim via conta de *e-mail*, uma vez que sou usuária do *Gmail*. Além disso, o *Google* consegue apresentar um *ranking* dos assuntos mais comentados em um dia, por meio de apresentação em gráficos. Com isso, reconhecemos que os mecanismos de busca têm se aperfeiçoado ano a ano e é possível saber hoje qual o assunto mais comentado do dia, as palavras mais recorrentes e mesmo filtrar as informações que se deseja por meio de seleção de data, tipo de arquivo e tendências em pesquisa avançada²⁶.

No *Facebook*, também há uma ferramenta de buscas, mas ela está longe de ser o ponto forte da rede. O *Facebook Graph Search*, aplicativo para encontrar pessoas, lugares e coisas baseia-se em algoritmo e encontra-se na parte superior do perfil dos usuários. Este também não nos auxilia em nossa pesquisa, pois o excesso de dados por ele alcançado comprometeria nosso olhar investigativo. Por meio dessa busca, pode-se, por exemplo, encontrar pessoas, eventos, páginas ou *fan pages*. Os resultados são apresentados considerando-se relevância e relacionamento, e não necessariamente a palavra-chave.

O trabalho de Melo (2014) vale-se de ferramentas de busca para encontrar enunciados propagados em redes sociais durante as manifestações de junho de 2013 no

²⁶ Refiro-me especificamente às ferramentas de pesquisa avançada do *Google*, as quais podem ser obtidas em configurações avançadas do *site* e ao *Google Trends* <<https://trends.google.com.br/trends/>>.

Brasil que façam referência às próprias manifestações. Seu percurso metodológico, entretanto, aplica-se à busca dados mais distribuídos na rede. Para o alcance de nossos objetivos, interessam-nos os atos de fala direcionados a postagens em uma *fan page* e os atos de fala entre os usuários que interagem entre si por meio dessa mesma postagem, por acreditarmos que a página nos fornece um contexto (político) mais delimitável a ser observado na análise.

Dependendo do teor da mensagem postada em uma página de movimento social, têm-se centenas ou milhares de comentários, com dezenas de enunciados em torno de subtópicos em relação ao tópico da mensagem postada. Internautas comentam a postagem e a ela reagem de maneira consensual ou não. Alguns provocam e alcançam novas interações por meio de atos de fala pouco ou nada relacionados ao assunto da postagem. São agrupamentos menores e de quantidades diversas em torno de uma só postagem, o que já nos leva a crer que a quantidade de dados seja suficiente para se ter uma maior compreensão do funcionamento da linguagem nesse contexto.

Ressaltamos que as páginas aqui ilustradas foram atualizadas quanto à imagem de perfil e de capa até a última versão dessa tese, o que acreditamos não interferir em nossa análise, já que nossa análise é centrada em postagens e comentários.

Tendo delimitado o lugar de pesquisa, cremos também ter esclarecido que não há mecanismos de busca capazes de chegar até os comentários realizados a partir de postagens publicadas em uma *fan page* sem que percorramos o mural de notícias da própria página e, regressivamente, cheguemos a todos os comentários. Esse foi o caminho que percorremos para encontrar nosso *corpus* de pesquisa, cujo detalhamento será apresentado na seção seguinte.

2.2 Montagem e organização do *corpus* de estudo

O recorte temático desta pesquisa encontra na palavra *impeachment* sua principal delimitação para a montagem do *corpus* de estudo. Como, porém, são muitas as postagens em torno desse evento, às vezes, mesmo se consideramos apenas uma data, foi necessário verificar o número de postagens contendo a palavra-chave *impeachment* e selecionar as postagens que mereceriam análise de comentários, considerando-se critérios quantitativos e qualitativos.

Ademais, interessa-nos um olhar tanto inflamado para o evento em questão, quanto mais comedido em relação ao que se passou. Assim, decidimos realizar a coleta desta pesquisa no período de um ano, compreendido entre abril de 2016 e agosto de 2017, escolhendo os respectivos recortes temporais: abril de 2016, agosto e setembro de 2016 e agosto de 2017. O mês de abril de 2016 foi escolhido porque foi quando se anunciavam os pedidos de *impeachment* no Congresso nacional; os meses de agosto e setembro de 2016 foram os meses em que se deu o registro do *impeachment* e, finalmente, o mês de agosto de 2017 marca um ano após o evento.

Uma vez definido que a postagem é relevante em relação aos atos de fala nela presentes, procedemos à coleta dos comentários destinados à postagem. Cada uma das postagens obtida após esse filtro temático foi copiada para o editor de textos Word, após ser editada no aplicativo *Paint* para retirada da imagem de barra de tarefas e barra do *browser*, bem como elementos da página que não interessam à análise, como os amigos do pesquisador que estão *on-line*. Os dados, em função do caráter fluido da rede, foram salvos em arquivo do *Word*, editor de texto que permite o registro e a sistematização do *corpus* com data de coleta, a fim de serem encontrados a qualquer momento, ainda que estejamos *off-line*.

O Quadro a seguir apresenta os dados coletados, suas datas de publicação e o número de comentários de cada postagem:

Quadro 01 – Dados coletados

DADOS COLETADOS	
MBL	FBP
<i>Post 1</i> – 06/04/2016 – 672 comentários	<i>Post 1</i> – 14/04/2016 – 47 comentários <i>Post 2</i> – 19/04/2016 – 64 comentários
<i>Post 2</i> – 11/05/2016 – 217 comentários	<i>Post 3</i> – 10/05/2016 – 18 comentários
<i>Post 3</i> – 29/08/2016 – 402 comentários	<i>Post 4</i> – 28/08/2016 – 11 comentários
<i>Post 4</i> – 1º/09/2016 – 224 comentários	<i>Post 5</i> – 31/08/2016 – 11 comentários
<i>Post 5</i> – 31/08/2017 – 172 comentários	<i>Post 6</i> – 30/08/2017 – 4 comentários

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

A enumeração no quadro 02 obedece ao critério cronológico de publicação. Outra numeração será apresentada em nossa análise em função da construção discursiva adotada no capítulo e consoante a ordem de aparição no texto.

A página MBL apresenta 1.687 comentários contra 155 da página FBP. O total de comentários é de 1.842. Salientamos que a diferença de quantidade de comentários entre as páginas não compromete nossa investigação, uma vez que sendo a internet um

espaço sem fronteiras, é possível, em apenas uma página, obtermos dados pró e anti-*impeachment* e, com isso, uma representatividade do que ocorre na rede social em contexto mais amplo. Ainda assim, de posse desses dados, voltamos o olhar para os comentários a fim de categorizá-los em tópicos e assim equilibrar alguma diferença em termos de quantidade.

Para o controle das interações ocorridas no interior dos comentários, em primeiro lugar, detemo-nos na postagem para depois observarmos os comentários dirigidos a ela. Alguns comentários suscitam novos comentários e outros não estão relacionados ao conteúdo da postagem. Há, ainda, os comentários sem conteúdo que interessa a nossa análise, por conterem apenas *emoticons* ou marcações de pessoas. Diante da conversação por escrito, com tópicos e subtópicos continuamente expandidos, optamos por enumerar os comentários apenas em uma sequência linear, sem nos atermos, numericamente, para as subdivisões em tópicos e subtópicos. Em lugar disso, destacamos comentários a partir de blocos de interação considerando a natureza de seus atos de fala no intuito de flagrar melhor a(s) força(s) ilocucionária(s) ali presente(s).

No início de nossa coleta, julgávamos que o critério quantitativo pudesse ser definidor da escolha de postagens a serem analisadas. Logo percebemos complicadores em relação a isso, pois a coleta manual pelo pesquisador chega a ser inviável. Como já afirmamos, não é alvo, em nosso trabalho, questionar a legitimidade do movimento, uma vez que isso não inviabilizaria o fato de termos comentários agressivos nessa página, ainda que se possa conjecturar que poderiam ser falsos.

Para justificar números tão expressivos e tamanha popularidade, preferimos considerar a publicação do Mapa das redes de mobilização no *Facebook*, dos professores Esther Solano (Unifesp), Pablo Ortellado (USP) e Marcio Moretto (USP) divulgado pela jornalista Marcília Gombata.

De acordo com Gombata (2016), as páginas de direita se sobressaem quanto ao número de curtidas, seja em *posts* de conteúdo compartilhado ou mesmo na própria página de apresentação. O estudo, realizado entre 11 e 25 de junho de 2016 no *Facebook*, contava com 99 milhões de usuários ativos mensais no Brasil, nesse período. Ele mostra que quando se analisam as cinco páginas que tiveram mais curtidas únicas (número de usuários que curtiram pelo menos uma postagem) e o número de curtidas na própria página, em ambas as métricas, os veículos de direita são muito maiores do que os de

esquerda, o que pode indicar, segundo a reportagem, que a direita está mais mobilizada hoje nas redes.

Com efeito, a página “Frente Brasil Popular” não conta com número tão expressivo. Para termos uma dimensão disso, na data de 31 de agosto, a data de votação do *impeachment*, uma postagem com a hastag #lutarsempre, postada em repúdio ao que denominaram “golpe” recebeu 551 reações, 171 compartilhamentos e 12 comentários. Apesar disso, mantivemos esses dados, na tentativa de confrontar diferentes pontos de vista acerca do mesmo acontecimento político.

Após computados os comentários, excluímos todas as imagens dos internautas responsáveis pelos comentários e mantivemos seus nomes apenas com as letras iniciais a fim de facilitar a identificação da interação entre os internautas. Ocorre, por vezes, de o número de comentários, ao serem expandidos, não corresponder ao que havia na tela inicial. Isso talvez ocorra porque comentários podem ser excluídos. Foi o que aconteceu com os comentários enunciados a partir do ato de fala de M, os quais contavam com 28 respostas e, ao clicarmos sobre o *link* de respostas, obtivemos apenas 23, como mostram as figuras 07 e 08:

Figura 07 - Número inicial de comentários

MBL - Movimento Brasil Livre
29 de agosto de 2016 · 🌐

FESTA DO IMPEACHMENT!
Venha acompanhar a transmissão do impeachment e comemorar com o MBL e amigos a queda de Dilma Rousseff.
Dias 30 e 31 de agosto no bar Prainha Paulista às 18h. ... Ver mais

30 e 31 de Agosto
Bar Prainha Paulista 18h
FESTA DO IMPEACHMENT
TRANSMISSÃO AO VIVO

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

👍 🗨 🌐 10 mil Comentários mais relevantes ·

1.626 compartilhamentos

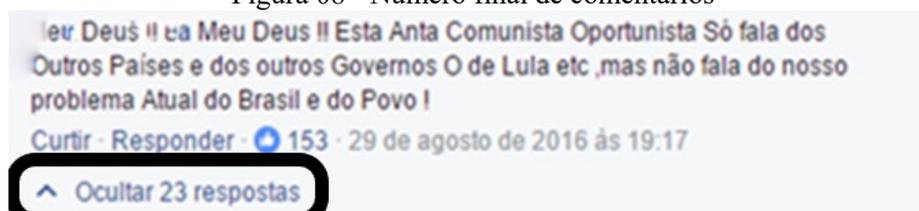
Escreva um comentário...

Curto: Meu Deus !! Esta Arita Comunista Oportunista Só fala dos Outros
Curtir: Países e dos outros Governos O de Lula etc ,mas não fala do nosso problema Atual do Brasil e do Povo !
Curtir: Respostas: 153 · 29 de agosto de 2016 às 19:17

👇 28 Respostas

Fonte: < <https://www.facebook.com/pg/mblivre/> >

Figura 08 - Número final de comentários



Fonte: < <https://www.facebook.com/pg/mblivre/> >

Um exemplo de muitas postagens em um mesmo dia ocorreu em 29 de agosto de 2016, quando a página “Movimento Brasil Livre” publicou 24 textos em referência ao *impeachment*. Praticamente, um para cada hora do dia. O número de comentários a cada uma dessas postagens era bastante variável e expressivo. Entretanto, nem sempre escolhemos a postagem com maior número de comentários, dada a dificuldade de se coletar em meio a constantes travamentos na *timeline*. No dia 31 de agosto de 2016, por exemplo, foram publicadas 15 postagens, contendo os seguintes quantitativos de comentários:

Quadro 02 - Relação de postagens e comentários da *fan page* MBL

POSTAGENS	COMENTÁRIOS
1	14
2	143
3	37
4	131
5	58
6	426
7	3600
8	1700
9	356
10	838
11	245
12	71
13	75
14	5.200
15	244

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

De acordo com o quadro, a postagem de número 14 obteve 5.200 comentários. Esse levantamento foi feito em agosto de 2016 e, àquela altura, apenas monitorávamos o que estava sendo dito, para realizarmos a coleta em dezembro de 2016, quando já teríamos um bom intervalo temporal para garantir alguma estabilidade dos dados. Seis meses depois, quando quisemos analisar os comentários, não encontramos mais a postagem. Com efeito, a natureza do suporte interfere sobremaneira na constituição do *corpus*. Isso nos causou inicialmente bastante apreensão, mas logo decidimos que a constatação de atos

de fala, em maior ou menor número, era suficiente para se constituir uma amostra do que estávamos investigando: a ocorrência de violência na linguagem. Como esse objeto será analisado é o que abordamos na seção a seguir.

2.3 Procedimentos de análise dos dados

Uma vez sendo considerada relevante a postagem para nossa análise, por referir-se ao evento *impeachment*, no prazo por nós delimitado e por conter comentários de internautas, procedemos à identificação dos atos de fala, de suas forças ilocucionárias e de suas principais escolhas linguísticas (verbos e substantivos) no âmbito de uma política de representação.

Para aplicar as categorias de análise, procedemos à identificação das escolhas linguísticas presentes nos comentários e as agrupamos em três blocos: i) comentários contendo designações para *impeachment* ou golpe; ii) comentários contendo designações para Dilma Rousseff, Michel Temer e quaisquer outros políticos envolvidos no processo de *impeachment*, direta ou indiretamente; iii) comentários contendo nomeações referidas aos eleitores dos dois partidos envolvidos na disputa presidencial (PT e PSDB).

De posse dessas escolhas, procedemos à identificação dos atos ilocucionários e das forças ilocucionárias neles presentes, consoante a teoria de Austin (1990). A seguir, discutimos como as escolhas se realizam no âmbito de uma política de representação (RAJAGOPALAN, 2002; 2003; 2010; 2014). Ressaltamos que o conteúdo dos comentários foi mantido na íntegra, salvo alguma alteração devidamente assinalada por nós para palavras de baixo calão.

Esclarecemos que nossa investigação nos insere em uma perspectiva dos estudos da linguagem que é transdisciplinar, posto que o objeto, a saber, o funcionamento da violência na linguagem em contexto político *on-line*, nos permite dialogar com a Filosofia da Linguagem, com os Estudos Sociais e com os Estudos Culturais, além dos que se denominam sob a designação Linguagem e Tecnologia. Além disso, entendemos com Lopes (2010), ao denominar “Pragmática das Identidades”, que a linguagem é uma forma de ação política e, com Ferreira (2005), que a visão performativa da linguagem implica o desaparecimento da fronteira que separa o campo linguístico do campo filosófico.

Tendo em vista esse paradigma, escolhas linguísticas, ainda que classificadas

como expressões nomeadoras-predicativas, devem ser consideradas no quadro de uma atividade que é construída pelos interlocutores, o que implica a consideração de que aquilo que se diz tem efeito e, portanto, pode alterar o sentido convencional ou esperado. É preciso enfatizar, ainda, que, em uma análise pragmática, cuja preocupação central é a linguagem em uso, não se descartam as possibilidades expressivas de inovações/ressignificações linguísticas.

Espera-se, então, que, se considerados todos os elementos não-convencionais e, com a identificação da força ilocucionária das práticas linguísticas presentes em comentários do *Facebook*, possamos melhor compreender o funcionamento da violência com/na/pela linguagem. Com essa perspectiva linguístico-filosófica, acreditamos ter instrumentos analíticos suficientemente adequados para lidar com o nosso *corpus*.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DIZERES

*Contra o positivismo, que atesta o fenômeno,
“[...] só existem fatos”, eu objetaria:
não, justamente não há fatos, somente interpretações.
Não podemos constatar nenhum factum ‘em si’:
talvez seja um nonsense querer este tipo de coisa”.*
(NIETZSCHE, 2013, p. 63)

Na epígrafe com que iniciamos este capítulo, constante no livro “Fragmentos póstumos”, Friedrich Nietzsche contrapõe-se ao discurso filosófico sobre a verdade, defendendo que todo conhecimento parte de um olhar específico e parcial, já que “o conhecimento” não pode abarcar toda a experiência (NIETZSCHE, 2013).

Para o filósofo Nietzsche (2013), qualquer busca pela verdade não passa de uma interpretação subjetiva dos fatos, ainda que alguns a julguem como algo objetivo. Esse pensamento constitui o cerne de um paradigma pós-estruturalista e não essencialista do qual se aproxima Austin (1990), para quem os constituintes da linguagem são atos de fala, os quais requerem condições de sucesso e de felicidade para se realizarem, bem longe das condições de verdade postuladas pela filosofia da linguagem clássica. Rajagopalan (2000; 2002; 2003) atualiza o debate alertando para a estreita relação entre o ato de nomear e as políticas de representação por meio das quais conferimos sentido à nossa experiência.

É com essas orientações teóricas que intentamos, neste capítulo, discutir o funcionamento da violência na linguagem a partir de atos de fala sobre o *Impeachment* de 2016, buscando o modo como esse fato foi percebido e representado por meio de diferentes dizeres na internet. Em outras palavras, analisamos como esse evento político é significado por internautas em atos de nomeação-designação no âmbito de uma política de representação, afinal “existe apenas uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo; e quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade’” (NIETZSCHE, 2009, p. 364).

3.1 “*Impeachment*” ou “golpe”: imbricações entre fato e valor

O processo de *impeachment* de Dilma Rousseff teve início em 2 de dezembro de 2015, com a aceitação do pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, pelo ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. O processo se encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato de Dilma Rousseff, sem a perda dos direitos políticos.

De um lado, entendia-se crime de responsabilidade por envolver bancos públicos e a edição de decretos de abertura de crédito, sem a autorização do Congresso, que ocultavam a real situação fiscal do país. De outro lado, entendia-se que esses decretos de crédito tratavam de remanejamento de recursos sem aumento de despesa para o governo. Os primeiros, favoráveis ao processo, nomeiam-no *impeachment*, enquanto os últimos, contrários ao processo, nomeiam-no “golpe”. O que se sabe é que esse processo, bastante polarizado, mobilizou milhares de pessoas nas ruas de todo o país e teve a internet como espaço de organização e mobilização das pessoas, além de atuação como mídia livre de cobertura dos fatos.

Passado o fato político, não faltam, até hoje, interpretações do que ocorreu e de “quem estava do lado certo” e, dessa maneira, o fato continua a ser ressignificado nas mesmas páginas que continuam a mobilizar as pessoas para os acontecimentos da política brasileira. Um ano após de *impeachment*, a página Movimento Brasil Livre publicou um *post* comemorativo, no qual se lê:

31 de agosto de 2017 ·

Hoje é um dia especial para todos nós, estamos comemorando UM ANO do IMPEACHMENT de Dilma Rousseff, o país já começa finalmente a sair do buraco que o PT nos colocou, a economia melhora, empregos são criados e o otimismo começa a voltar!

Então para comemorar este aniversário e marcar o dia glorioso que entrou para a História fizemos este vídeo, vamos comemorar, principalmente a liberdade do plano de poder do PT! Obrigado a todos que tornaram isso possível, PARABÉNS BRASIL! (Excerto 01 - MBL)

Os enunciados transcritos no excerto 01 são apresentados após uma postagem contendo um vídeo com imagens do processo de *impeachment*. Os atos de fala da postagem e também do vídeo que traz a conhecida canção *Happy birthday to you*, têm como ato ilocucionário ato de “convidar”, “exortar”, “persuadir” os internautas a participarem da comemoração do aniversário de um ano do *impeachment* de Dilma Rousseff. O *post* é ilustrado a seguir:

Postagem 01 – Agosto de 2017 MBL

MBL - Movimento Brasil Livre compartilhou um vídeo. 31 de agosto de 2017 · 🌐

Hoje comemoramos um ano de *impeachment*, de lá para cá tivemos muitas vitórias, sabemos que o caminho ainda é longo mas o MBL-BH agradece a todos pelo apoio e pela confiança.

Siga a página Movimento Brasil Livre - Belo Horizonte MG e vamos continuar a lutar por um brasil melhor e mais livre.

HOJE É DIA DE COMEMORAÇÃO!

19.310 visualizações

MBL Movimento Brasil Livre - Minas Gerais 31 de agosto de 2017 · 🌐

Curtir Página

Fonte: < <https://www.facebook.com/pg/mblivre/> >

A postagem acima, por ser constituída também de vídeo, teve em média 19 mil visualizações. Ela recebeu 1.000 reações²⁷ e quase 100 comentários. Por conter vídeo na postagem, o *Facebook* registra o número de visualizações e esse número passa a ser mais significativo que o número de reações conferido à postagem. As reações dependem do acionamento de botões expressos em *emoticons* pelos usuários para o registro estatístico, ao passo que as visualizações são computadas apenas com a visualização pelos mesmos usuários. A presença de comentários, porém, é o que mais nos interessa, na medida em que registram posicionamentos com escolhas linguísticas em vez de reações com elementos imagéticos expressos em *emoticons*.

Podemos atribuir ao ato ilocucionário de “convidar” os internautas a comemorar o *impeachment*, expresso em “Hoje comemoramos um ano de *impeachment*, de lá para cá tivemos muitas vitórias [...]”, a força ilocucionária de convencer as pessoas de que o Movimento Brasil Livre estava do lado certo da história ao apoiar esse evento político ao lembrar que os ganhos do país após isso já podem ser percebidos, como se pode conferir no enunciado a seguir, constante abaixo do vídeo:

²⁷ Referimo-nos ao conjunto de *emoticons* que expressam “curtir” e também "Amei", "Haha", "Uau", "Triste" e "Grr", descritos em nosso capítulo de Metodologia.

Hoje é um dia especial para todos nós, estamos comemorando UM ANO do IMPEACHMENT de Dilma Rousseff, o país já começa finalmente a sair do buraco que o PT nos colocou, a economia melhora, empregos são criados e o otimismo começa a voltar!

Então para comemorar este aniversário e marcar o dia glorioso que entrou para a História fizemos este vídeo, vamos comemorar, principalmente a liberdade do plano de poder do PT! Obrigado a todos que tornaram isso possível, PARABÉNS BRASIL! (Excerto 02 - MBL)

Ao enunciar que “o país já começa finalmente a sair do buraco que o PT nos colocou, a economia melhora, empregos são criados e o otimismo começa a voltar!”, o proferimento ratifica a posição do movimento e também justifica a necessidade de comemoração.

O primeiro comentário que se segue a essa postagem é iniciado pelo(a) internauta SRGE, que parabeniza a data e aproveita para referir-se à então presidente da época, com a expressão “uma energúmena de tamanha periculosidade destruidora”:

SRGE Parabéns para todos nós, **Parabéns** para o Brasil, e nunca mais no futuro da história deste país, cometamos mais a catástrofe de se eleger uma energúmena de tamanha periculosidade destruidora!! (Excerto 03 - MBL)

Em resposta ao comentário de SRGE, seguem-se quatro comentários que discutem quem mereceria a designação de “energúmeno”:

MA Colocaram um energúmeno no lugar dela. **Parabéns.**
LT Ele ser sujo não limpa a cara dela!!!!
LP Parabéns o que? Tá pior que antes, pare de fingir ser cego.
CV MA Quem colocou mesmo?
 (Excerto 04 – MBL)

O comentário de MA tem no ato de fala “felicitar” a força ilocucionária de advertir que nada a mudou para ela após o *impeachment*. Isto pode ser conferido no uso do substantivo masculino em “um energúmeno”, referindo-se a Temer, no lugar de “uma energúmena”, em referência a Dilma. Os comentários que se seguem admitem o julgamento de MA sobre Michel Temer, mas não isentam a responsabilidade de Dilma Rousseff pelos rumos do país.

Em meio à avaliação de necessidade de felicitação, ou não, compreendemos as forças ilocucionárias de advertir, já que o ato de fala de MA pode ser interpretado como considerando que a situação do país não mudou, ao passo que, para LP, “tá pior que

antes”. CV acrescenta a pergunta “*quem colocou mesmo?*”, o que pode ser compreendido com a força ilocucionária de “lembrar”, já que seu ato de fala sugere que quem colocou Michel Temer foram os mesmos eleitores que colocaram Dilma Rousseff no governo, considerando-se a chapa presidencial de presidente e vice-presidente.

Notemos aqui a estratégia adotada pelo(a)s internautas na defesa de seus posicionamentos político-ideológicos. O embate que há entre os interlocutores MA e CV procura responsabilizar o fato de Michel Temer ocupar a presidência em lugar de Dilma Rousseff. Para MA, essa substituição não implica mudança, para CA, quem votou em Dilma Rousseff também votou em Michel Temer, o que descaracterizaria qualquer interpretação alcançada com a palavra golpe.

Entre opiniões favoráveis e contrárias, chama-nos a atenção o que a designação “energúmeno” evoca para cada um de seus referentes. Segundo o dicionário Michaelis, energúmeno significa

- 1 OBSOL Que está possuído pelo demônio; endemoniado, possesso.
 - 2 Que se tornou confuso, desnortado.
 - 3 Diz-se de pessoa que, dominada por uma paixão, comete desatinos.
 - 4 FIG Que é desprovido de inteligência; boçal, bronco, ignorante.
- (*on-line*)

De posse disso, é interessante observar como matizes de significação vão sendo atribuídos a uma figura política e a outra. No caso de Michel Temer, é possível que a política de nomeação daqueles que o responsabilizam pelo “golpe” atribua-lhe a significação de alguém “[...] *possuído pelo demônio; endemoniado, possesso*”, mesmo diante de uso obsoleto. Tal possibilidade teria sua justificativa na recuperação do contexto histórico de que Michel Temer era o vice-presidente da então presidente Dilma Rousseff e teria “traído” sua confiança. A traição poderia remeter ao contexto bíblico no qual Lúcifer traiu Jesus, por mais exagerado que isso possa parecer. Também podemos cogitar, acerca da avaliação que tem recebido a condução política de Michel Temer pela imprensa, que o significado “*desprovido de inteligência; boçal, bronco, ignorante*” também lhe possa ser atribuído.

Outros elementos ajudam a compreender o que está em jogo nessa nomeação e sua significação. Frequentemente a mídia impressa e televisiva tem destacado o discurso de Michel Temer, cuja variedade linguística é denominada variedade padrão da língua

portuguesa. Essa variedade inclui, entre outros usos, a obediência à colocação pronominal (inclusive na fala), especialmente ênclise e mesóclise, registros um tanto em desuso entre os falantes do português brasileiro. Assim, Michel Temer seria uma figura política que se afiguraria como pessoa um pouco arcaica em função de sua elocução. Ao realizar usos linguísticos em desuso para a maioria dos falantes, a exemplo de ênclises e mesóclises, acaba por se colocar no lugar do que é velho, além de “boçal” e “ignorante” ou “desprovido de inteligência” na condução política.

Quanto ao referente “Dilma Rousseff”, é pelas construções linguísticas desconexas, tantas vezes propaladas pela mídia que, seguramente, os internautas lhe atribuíram o nome como epíteto, no sentido de que ela é *“desprovid[a] de inteligência; boçal, bronc[a], ignorante*. Segundo Araújo (2015), entre as peculiaridades do modo de falar de Dilma Rousseff, destacam-se as frases incompletas, a redundância e a falta de clareza. O modo de falar à imprensa era tão particular de Dilma que os jornalistas logo nomearam seu idioleto como “dilmês”. Não se trata, porém, de uma questão de retórica, pois ao enunciar *“[...]uma energúmena de tamanha periculosidade destruidora!”* tem-se ainda a denúncia de sua incompetência frente ao cargo ocupado, a mesma motivação para a atribuição de sentido conferida a Michel Temer.

O mais importante, porém, a se observar aqui, é que um nome - uma vez que “energúmeno” é substantivo masculino, consoante a gramática normativa (BECHARA, 2001) - é utilizado como epíteto para desqualificar tanto a figura masculina quanto a figura feminina. Conforme os interesses pessoais e políticos de cada um, um significado convém melhor que outro.

Por outras palavras, o nome-predicado “energúmeno/energúmena” é tanto atribuído à ex-presidente, Dilma Rousseff, quanto ao atual presidente, Michel Temer, uma demonstração clara de que essa designação carrega em si a predicação. Isso demonstra que o binômio nomear/predicar não se sustenta se observarmos o funcionamento da linguagem utilizada por falantes reais quando pretendem nomear/(des)qualificar aquele que julgam inimigo.

Passamos agora aos insultos entre internautas, por meio dos quais se pode conferir como a linguagem é usada para agredir. Logo no início de nossa coleta de dados, percebemos que, em uma mesma página, poderíamos encontrar comentários de internautas de posições antagônicas, como vimos no excerto 03 ao avaliar *“tá pior que*

antes”. Não demora muito para que percebamos a violência na linguagem em acusações de responsabilidade sobre o momento político vivido no país. Assim, as designações referentes ao aniversário do evento, que eram esperadas em meio a felicitações, dão lugar a insultos e ofensas entre internautas:

ELB Comemoraram oq? ta tudo uma [m.] seus fdp...porq vc n convocam o povo para ir as ruas e pedir intervenção? dilma. Lula e o. Pt roubaram..certo!! E oq o Temer ta fazendo? Oq o PMDB ta fazendo? Oq o Gilmar ta fazendo? Oq o Aercio fez? Oq o supremo faz? tomem vergonha na cara seus fdps..esses movimentos ai...MBL..Vem pra rua..tudo fantoche do PMDB...porq se fossem realmente Patriotas e a favor do Brasil pediriam Intervenção e tribunal militar para os politicos e ministros ai nessa sujeira q fode o pais e deixa o povo na merda! (Excerto 05 – MBL)

Para o(a) internauta ELB, a situação brasileira é designada como “*uma [m.]*” e os manifestantes que aderiram à comemoração são designados com “*seus fdp*”, um ato de fala cuja força ilocucionária é ofender por meio de palavrões. Em “*tomem vergonha na cara seus fdps*”, o ato ilocucionário de advertir ganha conotação violenta não apenas por questionar a legitimidade da ação de convidar, expressa anteriormente na postagem 01, mas também pela natureza agressiva das escolhas linguísticas usadas para se referir o outro com “*fdp*”.

Além disso, a designação “*fantoches do PMDB*” para os movimentos “*MBL*” e “*Vem pra Rua*” não apenas reforça a advertência de que os que convidaram não são legítimos representantes de um autêntico movimento político, como coloca em evidência outro agente político de um lado da polarização, dessa vez o PMDB.

Se é verdade que o povo tem se interessado mais por assuntos políticos, também é verdade que os dizeres que se enunciam em meio a esses assuntos são eivados de agressões, palavras de baixo calão e ofensas. O convite de comemoração para a festa do *impeachment* postado pelo Movimento Brasil Livre a seguir nos dá alguma amostra de como começa a agressão:

Postagem 02 – Agosto de 2016 MBL

MBL - Movimento Brasil Livre
29 de agosto de 2016 · 🌐

FESTA DO IMPEACHMENT!
Venha acompanhar a transmissão do impeachment e comemorar com o MBL e amigos a queda de Dilma Rousseff.
Dias 30 e 31 de agosto no bar Prainha Paulista às 18h.
Endereço: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, 557 - Jardim Paulista, São Paulo - SP, 01403-003
Vamos juntos comemorar o Impeachment de Dilma Rousseff! Doe, faça parte dessa história:
<http://www.kickante.com.br/.../comemoracao-do-impeachment-de-...>
Acesse nossa loja: <http://loja.mbl.org.br/>



👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👤 Daniel Reis e outras 10 mil pessoas Todos os comentários ▾

1.614 compartilhamentos 728 comentários

Fonte: < <https://www.facebook.com/pg/mblivre/> >

IVM Comemorar o que? O Brasil está afundado e vcs falam em festa? MBL, vcs estão a favor de quem? Do Brasil e de se promoverem? Não tenho partido e tenho nojo de político! Comemorar bebendo é a melhor coisa né, pois a bebida deixa vcs sóbrios para tomar decisões importantes né! Tenham vergonha na cara!!! Será o vcs são amigos do dono do bar e querem se promover tb neste ato! Vcs são uma vergonha

LC ? Tu é meio loco né. Eles estão comemorando a primeira vitória de uma guerra contra a corrupção institucionalizada no país. Querem que eles façam o que em relação a crise? Criem uma empresa milagrosa e deem emprego pra todo mundo? Vai ser hater assim em outro lugar mané.

RC So idiota doa dinheiro a esses canalhas e só canalhas defendem canalhas

GO E de quem é esse Bar??????

SP Vergonha é vc C seu pessimismo...comemorar simmmmmm... Vamos aos drinks kkkkk (Excerto 06 – MBL)

Em uma página pró-*impeachment*, espera-se que seja natural comemorar a vitória do processo, logo, o ato ilocucionário “convidar” não deveria ter como efeito questionar a idoneidade do movimento, presente em “*So idiota doa dinheiro a esses canalhas e só canalhas defendem canalhas*”. De acordo com Ottoni (1997), a apreensão ou “*uptake*” seria o lugar onde se complementam os interlocutores, podendo ocorrer o deslocamento da intencionalidade do sujeito. Assim, o ato de fala convidar “provoca” entre os internautas o questionamento da legitimidade do movimento, expresso em diversos comentários, como os que se seguem:

AL Já vão gastar o dinheiro que ganhou dos padrinhos corruptos....kkkkkkkkkk, que nem diz o meu pai, para você ficar rodeados de falsos amigos, basta convidar a galera e falar que a festa é por sua conta. Vai lotar de gente que você não conhece falando que é seu amigo a anos.

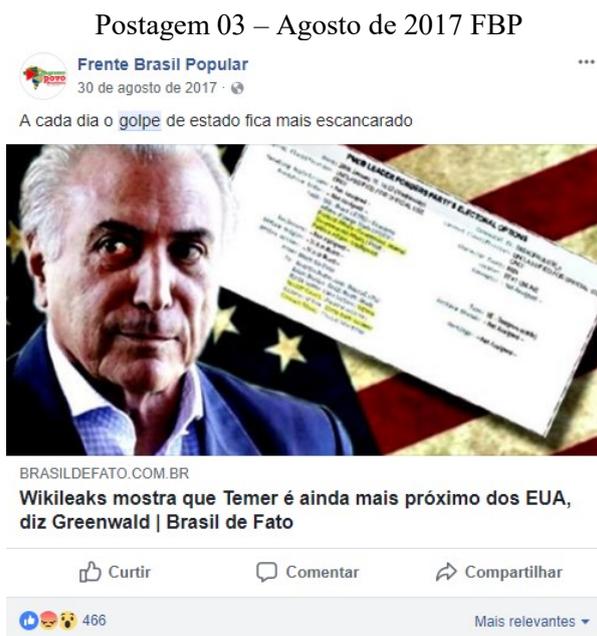
IVM LC , locão? Eu te conheço? Corrupção? Olha pra todos estes senadores, olhe para todos deputados federal, estão todos envolvidos em corrupção!!! Olha a vida do Presidente do Senado, estuda um pouquinho a vida desde ladrão, se todos eles saíssem do poder aí sim tinha o que comemorar, olha pro tal do Aécio, Eduardo Cunha, não tem um que preste pra se fazer festinha!! Só cego e retardado que não vê isto!! O MBL só está querendo palanque, acorda. Todos estes partidos são de bandidos e o que o povo tem pra comemorar?

PT Tem que ser MUITO alienado ou ignorante pra acreditar que o que está em curso no país é uma tentativa de combate à corrupção. A maioria dos políticos que estão clamando (e votando) contra a Dilma, prestam muito menos do que ela; além de vários terem denúncias e suspeitas de corrupção tão graves quanto as acusações contra a presidente afastada. (Excerto 07 – MBL)

Com efeito, interagir por meio de redes sociais, no gênero textual comentário (PIRES, 2012), parece favorecer o desvio temático da postagem original, ao menos quando carece de moderação na página. Isso explicaria, em parte, a liberdade que os internautas têm de interagir com agressões verbais quando em lados opostos da questão. Isso não autoriza, no entanto, que o fato de discordar de uma posição seja pressuposto para insulto, como se vê em “*PT: Tem que ser MUITO alienado ou ignorante pra acreditar que o que está em curso no país é uma tentativa de combate à corrupção*”, com as escolhas linguísticas “alienado” e “ignorante”.

Além disso, os atos de fala de AL: “*Já vão gastar o dinheiro que ganhou dos padrinhos corruptos... kkkkkkkkkk [...]*” e de IVM “*O MBL só está querendo palanque, acorda.*”, permitem-nos compreendê-los como atos ilocucionários para “advertir” sobre a honestidade do movimento, enquanto o efeito deste ato ilocucionário (o ato perlocucionário) seria o de tentar “desencorajar” as pessoas diante da comemoração do *impeachment*.

A página Frente Brasil Popular faz referência ao processo de *impeachment* por meio da nomeação “golpe de estado” e, mais recorrentemente, “golpe”. Em postagem publicada em agosto de 2017, esse movimento busca o convencimento de que o ocorrido foi “um golpe” com apoio estrangeiro, como indica o *post* a seguir:



Fonte: < <https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/>>

Apesar de contar com o número de 466 reações, não há um número considerável de comentários a essa postagem. Um dos motivos que se pode aventar para isso é que a postagem contém um *link* que leva a uma reportagem em *site* diverso, no caso o www.brasildefato.com.br. É sabido que a chance de alguém ler a reportagem é mínima quando dada essa configuração hipertextual. Por outro lado, os poucos comentários, apenas 4, dão-nos a constatação de que a violência no uso das palavras pelos internautas dirige-se sempre àquele que se situa no lado do “inimigo”. Neste caso, o atual presidente Michel Temer é alvo de adjetivações pejorativas e de incitação à morte, como podemos verificar com os comentários abaixo:

KA Se agente matar ele, é crime ou legitima defesa?
ASFF Fedorento hipócrita golpista (Excerto 08 – FBP)

Os comentários acima, além de insultarem uma figura pública, por meio de xingamento com os adjetivos “fedorento”, hipócrita” e “golpista”, incitam o crime, o que constituem atos de violência, na medida em que agridem e dão expressão ao ódio. Na página Frente Popular Brasil, o então vice-presidente Michel Temer é, sem dúvida, apontado como um escroque. Mais que isso, chega a ser considerado o principal responsável pelo *impeachment*, como atestam os comentários a seguir:

Postagem 04 – Maio de 2016 FBP

Frente Brasil Popular compartilhou uma foto.
10 de maio de 2016 · 🌐

Do cientista britânico Richard Dawkins, da Universidade de Oxford:
"O impeachment no Brasil não é golpe, Michel Temer e Eduardo Cunha são pessoas honestas e esta cobra está SALVANDO o peixe". Sem mais.

Richard Dawkins
@DawkinsDicky

Brazil Impeachment is not a coup,
@MichelTemer & @DepEduardoCunha
are honest men and this snake is
SAVING the fish.



17:38 - 23 de abr de 2016

Lindbergh Farias
10 de maio de 2016 · 🌐

Do cientista britânico Richard Dawkins, da Universidade de Oxford:
"O impeachment no Brasil não é golpe, Michel Temer e Eduardo Cunha são pessoas honestas e esta cobra está SALVANDO o peixe". Sem mais.

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍❤️🔥 656 Todos os comentários ▾

Fonte: < <https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/>>

A postagem 04 apresenta uma imagem para fazer uma analogia, associando cobra e peixe a Temer e Dilma, respectivamente. Os atos de fala têm como força ilocucionária “persuadir” os internautas para uma percepção do que está por trás das aparências, quando Temer alega que o *impeachment* será bom para o Brasil. Os comentários que se seguem a essa postagem elucidam isso:

MF Quem se interessar: Porque vcs acham que a cobra não esta sendo solidária e salvando o peixe.O vento tirou o peixe da água e a cobra ficou com muita pena e esta levando-o de volta para o rio.O Temer acha que fazendo o impeachment da presidente Dilma ele estará salvando o Brasil das dificuldades que ele vive.Salvador da pátria ou golpista da democracia?

LS A lição que este imundo passa para este povo tão carente de bons exemplos é " seja um traidor de uma rasteira em quem acreditou em voce e vire um presidente safado " canalha.

MILS O usurpador galinha choca do golpe, Michel Temer, vai entregar tudo ao PSDB de São Paulo. Só assim esses canalhas ocupam o Executivo Federal, por que com o voto do povo, é impossível. (Excerto 09 – FBP)

Ao utilizar o ato ilocucionário indagar: “*Salvador da pátria ou golpista da democracia*”, o(a) internauta MF acusa Michel Temer como traidor de Dilma Rousseff e

da nação brasileira. Esse comentário provoca adesão dos demais internautas, uma espécie de mimetismo, como alega o sociólogo Dominique Cardon no documentário “O ódio nas redes sociais”²⁸, ao afirmar que, nas redes sociais, um comentário puxa outro, imitando o mesmo tom, de ódio ou raiva. Os insultos a Michel Temer têm nas escolhas linguísticas “este imundo”, “um traidor”, “um presidente safado canalha”, “o usurpador galinha choca do golpe” o desrespeito a figuras públicas em geral.

Santos (2012) explica que o insulto se refere a uma suposta falta de habilidade de um indivíduo em particular. Trata-se de uma ofensa individual, diferentemente de uma ofensa coletiva, quando se atinge um grupo social do qual o membro faz parte. Em uma página de rede social como a do *Facebook*, cumpre alertar que o insulto é público e, consoante à apreensão da violência verbal, pode constituir crime, isto porque há uma relação automática entre dizer e fazer e, em função disso, faz-se necessária a responsabilização pelas consequências da força ilocucionária de nossos dizeres. Assim, o ataque gratuito a figuras públicas, longe de ser natural, é violento.

Segundo Žižek (2014, p. 17), “os sinais mais evidentes de violência que nos vêm à mente são atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais”. Essa violência, denominada pelo autor como “subjativa”, é a parte mais visível, exercida por um agente claramente identificável, no entanto, para o autor, é importante perceber que subjazem a ela, dois tipos de objetivos de violência. “Há uma violência “simbólica”, encarnada na linguagem e suas formas”, ou seja, “a imposição de um certo universo de sentido” e há a violência “sistêmica”, “que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político” (ŽIŽEK, 2014, *ibidem*).

Com efeito, as adjetivações pejorativas destinadas aos políticos, bem como a seus eleitores, podem ser consideradas como violência “subjativa”, mas as nomeações “golpe de estado” e “processo de *impeachment*” constituem também violência, do tipo “simbólica”, uma vez que imprimem um sentido, conforme interesses de um grupo. Resta analisar se essa forma de representação para se posicionar nas redes sociais, de modo agressivo, por meio de insultos, não seria uma violência “subjativa”, fruto de uma “violência sistêmica”, posto que os sistemas econômico e político exercem sobre as

²⁸LES RÉSEAUX de la haine. Direção e Produção de Mélanie Gallard e Rokhaya Diallo. França: 416 & L'idée LCP Assemblée Nationale, 2014. 1 Documentário (52 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0krUOMcxVEs&t=1448s>>. Acesso em: 25 de maio de 2018.

peças toda opressão que “autoriza” o uso desrespeitoso de certas palavras. No âmbito de uma política de representação que visa o ataque ao outro, em vez de se discutir a causa de estarmos na situação em que estamos, tem-se o ataque gratuito como ele pudesse ser considerado uma forma legítima de participação política nos movimentos sociais.

Žižek (2014, p. 17) explica que a violência subjetiva “é percebida como uma perturbação do estado de coisas ‘normal’ pacífico”. Contudo, o filósofo alerta para que se reconheça que a violência objetiva é inerente a esse estado “normal”. Trata-se de uma violência invisível, ao lado da violência sistêmica, que é a contrapartida de uma violência subjetiva (demasiado) visível. Assim, segundo o autor, é preciso levar em consideração essas violências objetivas se quisermos melhor compreender as formas de violência subjetiva, tantas vezes consideradas, como diz o autor, de “irracionais”.

Essa violência sistêmica pode explicar o motivo de termos tantos comentários pedindo, em “caixa alta”, “*INTERVENÇÃO MILITAR*”, “*PRISÃO PERPÉTUA*” OU “*MORTE POR FUSILAMENTO*” [sic] dos políticos que traíram a pátria, como o comentário a seguir nos mostra:

AN A UNICA SOLUCAO ! INTERVENCAO MILITAR JULGAR ESSES CANALHAS TRAIADORES LESA PATRIA... SE CONDENADOS TER TODOS SEUS BENS CONFISCADOS PRISAO PERPETUA OU MORTE POR FUSILAMENTO (Excerto 10 – MBL)

Os(as) internautas parecem assumir o risco de serem incriminados ao reivindicarem aquilo que não é legal no país, demonstrando profundo desconhecimento do que prega a Constituição de 1988, com o Estado Democrático de Direito, o que exclui a possibilidade de regime militar, por exemplo, em cláusula pétrea, como visto também no excerto 05, proferido por ELB, em “*porq se fossem realmente Patriotas e a favor do Brasil pediriam Intervenção e tribunal militar para os politicos e ministros ai nessa sujeira q fode o pais e deixa o povo na [m.]*”!.

Desse modo, os(as) manifestantes parecem desconsiderar as várias consequências de seus atos de fala, o mesmo risco assumido pelos que vão às ruas baterem panelas, exibirem seus cartazes de protesto ou defenderem, seja qual for, sua bandeira ideológica. Se não há o risco assumido pelos internautas, arriscamos dizer que o debate democrático, no tocante à política, está no seu limite, seja pela profunda falta de informação acerca de quem seja o inimigo no jogo político, ou das reais demandas que se

quer em relação aos governos, seja pelo excesso de agressões que camuflam o que se quer (ou o que se deveria querer) de fato. É como se vivêssemos uma guerra no campo político, mas sem saber por que guerreamos.

Desse modo, e remontando ao conceito de jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 2009), quando se denomina “golpe” ou “*impeachment*”, tem-se também uma boa ilustração da superação da oposição entre fato e valor. O evento político de fato aconteceu e isso não pode ser negado. Entretanto, qualquer que seja a descrição desse evento, não haverá nela simplesmente a descrição de um fato, haverá também uma atribuição de valores conforme a política de representação que esteja em jogo. É importante deixar claro que, como afirma Giannotti (2014),

o discurso político não procura apresentar fatos verdadeiros, embora os aproveite para montar seus argumentos; ele está a léguas de distância do discurso asseverativo das ciências. Se, por certo, utiliza argumentos científicos, seu intuito é convencer em vez de mostrar a verdade (GIANNOTTI, 2014, p. 10).

Considerando os atos de fala aqui analisados, não se trata de querer desvendar o que é e o que não é esse evento político, mas de compreender que por trás das escolhas linguísticas “*impeachment*” e “golpe” temos as imbricações de fato e valor na medida em que vê-se um fato, do ponto de vista de sua legalidade ou não, digno de comemoração ou não, com agentes responsáveis ou não, a partir de conotações políticas, as quais são motivadas por interesses ideológicos.

Assim, ao lado da designação “golpe”, tem-se um processo de afastamento ilegítimo, culminando, para seus defensores, com o abalo do Estado Democrático de Direito. A política de representação aqui em jogo pretende defender um processo ilegal que desrespeita a Constituição Federal. Por outro lado, ao designar-se “*impeachment*”, reivindica-se a mesma legalidade negada por seus opositores, uma vez que a política de representação aqui reivindicada é a da legalidade. Para os defensores dessa designação, o que está em jogo é um país livre de corrupção, em que a justiça deve prevalecer. Para isso, contam com as descobertas de corrupção na Petrobrás enquanto fato para apoiar sua política de representação.

Desse modo, a linguagem funciona como uma caixa de ferramentas, cujos instrumentos são utilizados de acordo com funções específicas e diversificadas (WITTGENSTEIN (2009). Nas designações “*impeachment!*” e “golpe”, temos tanto a

explicação das propriedades do processo quanto o conteúdo substantivo do acontecimento. Isso porque tais designações não se resumem a um único ato de fala que exprime uma valoração, nem são efeitos de causas anteriores, ou frutos de um momento único, mas são precedidas de outros atos de fala, realizados por amigos e inimigos que se colocam em dois polos, uns na defesa de que isso é ilegal, outros na defesa de sua legalidade.

Na impossibilidade de interromper o acontecimento, resta a um grupo a nomeação como forma de lhe atribuir o valor que melhor lhe represente, pois, ser a favor ou contra abrange vários interesses. É nisto que se dá o “jogo” na linguagem. As diferenças nos atos de designação deste evento político se devem aos posicionamentos ideológicos e políticos dos sujeitos envolvidos nas interações aqui analisadas. Cada um dos responsáveis e implicados, conforme o lado em que se posicionem, escolhem um nome, ou outro. Assim, a nomeação não é uma simples proposição passível de verdade ou falsidade, mas é performativamente válida para os que a defendem, pois é dependente da política de representação que está em jogo.

O uso político de cada uma dessas nomeações influencia a opinião pública a favor ou contra o evento político e seus agentes. Os atos de fala se encadeiam fora do jogo da bipolaridade do falso e do verdadeiro, participando de determinado jogo de linguagem. Defender o golpe, ou a ele se contrapor, coloca aquele que enuncia em uma situação que inicia uma nova jogada a ser regulada por novas regras, pois uma palavra ganha sentido à medida que participa de dois jogos de linguagem diferentes.

3.2 Petistas *versus* tucanos: nomeações que predicam

De acordo com Giannotti (2014), uma oposição, para ser considerada política, tem nela indivíduos confrontando no limite da possibilidade de sua luta se converter em contradição. Em uma democracia, isso acontece quando a comunidade perde sua substância e passa a ser exercida por uma luta entre aliados e adversários, em um espaço comum de disputa que evita a guerra civil. O que se espera nessa arena é uma conexão entre os heterogêneos e não uma homogeneização de contraditórios.

Diferentemente disso, o que se tem nas redes sociais é a recuperação de um ódio ou de uma intolerância entre grupos: os tucanos e os petistas. Os dois partidos mais em

evidência no país, o PSDB e o PT, destacam-se entre os 35 partidos registrados no Tribunal Superior Eleitoral²⁹, provocando uma bipolaridade entre o eleitorado brasileiro.

Como observado por Santos (2012, p. 29), o insulto, que pode ser definido como um ato que expressa opinião severamente negativa a respeito de uma pessoa ou grupo constitui “um ótimo lugar para se discutir a relação entre dizer e fazer”. Também se configura como ótimo pretexto para demonstrar o sentido de uma palavra em jogos de linguagem, ou seja, as possíveis aplicações de uma palavra na linguagem em funcionamento. Desse modo, como compreender a série de insultos que se instauram a seguir?

AC Quem perde hoje não é a Dilma. Dilma tem dinheiro, tem estudo e se quiser pode até mudar de país, ela não precisa desse cargo. Hoje quem perde é o Brasil, a democracia, a cultura, o respeito, o povo brasileiro, o nordestino, o pobre, o negro, os trabalhadores, os estudantes, as mulheres, os lgbts. Hoje quem ganha é a corrupção, a censura, a ditadura, a opressão, a repressão, a hipocrisia, o preconceito, a xenofobia, o racismo, o machismo, a homofobia e o caos. Hoje todos nós perdemos.

ARV Porque?

WF Então vai com ela para Cuba... Dilma tem estudo? Só se for da cadeia igual o Lula né... Vai estudar e para de falar merda.

RR Sou filho de negra e um nordestino... Não me sinto assim. Cala boca.

LM Pensei que ela já tivesse resolvido todos esses problemas. 🙄🙄🙄
🙄🙄🙄

CR Quem perde é vc esperta.... todos nós ganhamos... o Brasil ganhou... não fale besteira.. fale apenas por ti q é petista.... o Brasil tem justiça SIM....

AC Não sou PT, mas estou gostando da ideia!

SS Cala boca que eu sou negro e me sinto livre de um DESGOVERNO no qual nos pôs no fundo do poço. Não fica bostejando na interbet

HS Para de falar merda, mulher! Eu não vou perder porra nenhuma! Sabe por que? PORQUE JÁ PERDI!!!! Perdi meu emprego, meu orgulho próprio e qualquer esperança de me reerguer neste momento! Eu e outros milhões! Sou negro, filho de nordestinos e de origem muito pobre! Nem eu nem meus pais nunca nos sentimos representados pelo PT e Dilma! O PT nunca governou para os pobres! O PT manipulou os ignorantes!!!! Vai defender essa desqualificada (Dilma) no inferno!!!! HOJE O BRASIL GANHA ESPERANÇA!!!!

MLC Cala a boca Magda. (Excerto 11 – MBL)

O ato ilocucionário que denota repreensão, presente no proferimento de WF,

²⁹ Dados obtidos em <<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>> na data de 25 de maio de 2018.

“Então vai com ela para Cuba... Dilma tem estudo? Só se for da cadeia igual o Lula né... Vai estudar e para de falar [m.]”, no excerto 11, traz como efeito – ato perlocucionário – o insulto, uma vez que essa força ilocucionária pode ser apreendida ao considerar que defensores de Dilma Rousseff não têm estudo. Isso se confirma na sequência dos atos de fala, quando vemos, entre os internautas desta página, que o enunciado “*Hoje todos nós perdemos*” tem como ato perlocucionário “defender” um posicionamento político que é ser petista, ainda que o enunciatário tenha dito que não o era.

O comentário de CR, ao enunciar “[...] não fale besteira.. fale apenas por ti q é petista.... [...]” demonstra como o *uptake* funciona, pois apesar de não conter na materialidade linguística do proferimento de AC que ela era petista, o(a) enunciadador(a) CR assim o(a) considera a partir dos atos de fala “*Quem perde hoje não é a Dilma. [...] Hoje quem perde é o Brasil, a democracia, a cultura, o respeito, o povo brasileiro, o nordestino, o pobre, o negro, os trabalhadores, os estudantes, as mulheres, os lgfts. [...] Hoje todos nós perdemos.*”

Além disso, o ato perlocucionário pretendido por AC, o de manifestar seu posicionamento contrário ao processo de *impeachment*, leva outros internautas a realizarem o ato ilocucionário de ordenar que se cale, possivelmente em consequência da avaliação anterior de CR, ao considerá-la petista e, também, por considerar que aquele espaço de enunciação era de quem se opunha ao governo petista. Destacamos aqui como se dá a apreensão.

Em primeiro lugar, apesar de o(a) internauta RC ordenar AC, esta, por sua vez, não apreende essa intencionalidade, talvez por não se sentir ameaçado(a) nem compelido(a) a se calar, o que justificaria o proferimento “*não sou do PT, mas estou gostando da ideia*”. Chamamos a atenção para as maneiras pelas quais o ato ilocucionário de ordenar se manifesta, como em “*Vai estudar e para de falar [m.]*”, proferido por WF e “*Pare de falar [m.], mulher*”, proferido por HS. Esses atos de fala demonstram claramente que o(a)s internautas não alcançaram o efeito pretendido, uma vez que a forma de apreensão pretendia não foi alcançada.

Nesse contexto de proferimentos de atos de fala, é o exercício da bipolaridade que importa. Ou se está de um lado, ou se está de outro. Como assevera Giannotti, “[e]xercido no limite, o jogo político exige que se decida se cabe aniquilar ou poupar o inimigo” (GIANNOTTI, 2014, p. 31). A aniquilação do inimigo pode acontecer quando

se consegue calá-lo, o que fora pretendido pelo enunciado “*Cala a boca Magda*”, cujo ato ilocucionário é “ordenar”, e cuja força ilocucionária é “desencorajar” aquele que enuncia por meio de uma desqualificação a ser obtida com um conhecido bordão de programa televisivo de humor. No programa, intitulado “Sai de Baixo”, aludido na fala de MLC, o personagem principal, representado por Miguel Falabella, ordenava a sua esposa, representada por Marisa Orth, que ela se calasse. O bordão refere-se a um estereótipo que considerava a mulher “bonita, mas burra”.

Mesmo quando a discussão se inicia com um tópico político, é visível a agressão ao outro, como se pode conferir nos comentários abaixo:

TCA É sério que vocês estão satisfeitos com o atual governo?
ELD Eu não estou, mas a democracia está em risco.
TCA E, para mim está claro que a Presidenta não tem mais condições de governar o país. O que você acha?
AC OS 2 GRANDES LIDERES DO SECULO XXI IRÃO SALVAR O BRASIL.....COM TEMER E CUNHA NO PODER O BRASIL SERÁ PERFEITO.....CORRUPÇÃO ZERO, ROUBO ZERO, MORTALIDADE INFANTIL ZERO, FOME ZERO.....BRASIL O PAÍS PERFEITO!!!!!! SÓ ME RESTA RIR...KKKKKKK NÃO FODE NÃO MEU AMIGO.....Alias não sou seu amigo e nunca serei.
AR T,não somos acomodados, porém, não somos burros de achar que Cunha e Temer seja a solução para o Brasil. (Excerto 12 – MBL)

O(a) interlocutor(a) TCA, ao indagar se os internautas estavam satisfeitos com o atual governo (da então Presidente Dilma Rousseff), obtém uma resposta por meio de um ato ilocucionário de negar, expresso em letras garrafais que “[...] *O BRASIL SERÁ PERFEITO*”. Com isso, AC parece discordar de quem defende a ideia de que o *impeachment* poderia salvar o Brasil de suas mazelas. Esse efeito é alcançado graças ao recurso irônico, por meio do qual se declara que o Brasil será perfeito após o *impeachment*.

A confirmação da ironia pode ser percebida com a expressão de riso no final do comentário de AC, mas o que é relevante ainda perceber é que, estando em lado oposto, o enunciador declara que “*nunca será amigo*” [daquele que defende o *impeachment*]. Também é importante destacar que o recurso da ironia pressupõe que seu enunciador não seja tão inteligente, e a constatação de quem pensa e de quem não pensa, nesse jogo, é constante. A esse respeito, o(a) internauta AR responde “*Não somos acomodados, porém, não somos burros [...]*”. Esse ato de fala demonstra a apreensão de que não deve concordar com a insinuação de que não é pessoa inteligente, força ilocucionária de insulto

também apreendida pelo comentário de AC.

Também há, entre os comentários, certa solidariedade quando, aos poucos, vai acontecendo a identificação entre os internautas, porém ela aparece com menor frequência. Há mais uso da internet como uma espécie de válvula de escape para o ódio e a desinformação. Nos comentários a seguir, temos, de um lado, os que se identificam com “nordestino”, “negro” e “pobre”, estereotipados como petistas; de outro, os antipetistas:

LM Sou trabalhadora, nordestina, nunca gostei nada de graça, vou ser sincera: nordestino, negro, pobre existiu e sempre vai existir porque não se muda cor da pele, não dá prá todo mundo ficar rico e nem da prá todo mundo nascer no sudeste. Ninguém vai mudar esse quadro. Vamos trabalhar que prá gente não vem é nada. O favorecimento é sempre para os ricos, a água só corre para o mar, nós vamos ser sempre contribuintes.
SS L tbm cagando pela boca. O povinho hein
TA Será que vc não inverteu?
AC LM tenha esperança!
LM Me respeite imbecil! **SS**.
JM É isso aí filho! **SS**, não é por causa dessa abestada que o Brasil vai mudar, é hipocrisia dessa destrambelhada falar que a Dilma tem dinheiro, sim dando golpe no País. (Excerto 13 – MBL)

Quando a interlocutora LM, no excerto 13, apresenta-se como trabalhadora e nordestina, o(a) interlocutor(a) SS a xinga por meio do ato ilocucionário “*L tbm [c.] pela boca. O povinho hein*”, o que é compreendido com a força ilocucionária de ofensa pública por LM, que solicita respeito em “*Me respeite, imbecil*”, ao mesmo tempo em que também xinga seu interlocutor com o adjetivo “imbecil”.

Também aqui podemos observar que a escolha linguística utilizada para se referir (e designar) o nordestino, a saber, “povinho”, é um substantivo carregado de força pejorativa. Se “povinho” é substantivo que se encontra em sua forma diminutiva, a linha que divide o par nomear/predicar mostra-se, mais uma vez, tênue, já que esta construção, longe de nomear, deprecia aquele a que se refere.

Independentemente de LM ser a favor ou contra o *Impeachment*, as designações escolhidas para sua apresentação como “*trabalhadora*” e “*nordestina*” a colocam em uma posição de “povinho”. Em consequência disso, o(a) internauta JM a insulta com as escolhas linguísticas “*destrambelhada*” e “*abestada*”, não apenas por possivelmente defender Dilma Rousseff, mas por pertencer àquele grupo social maior, o de nordestinos e de trabalhadores.

Vimos aqui como a apreensão se dá entre interlocutores, em um contexto que permite que se compreenda o xingamento, o desrespeito e a ofensa. O significado, enquanto um acontecimento da linguagem humana (AUSTIN, 1990), permite-nos compreender que a manifestação de internautas, ao menos nas páginas aqui analisadas, se configura em meio a um quadro de violência no uso da linguagem, a qual é usada para agredir, atacar, silenciar ou diminuir a imagem de alguém, considerado menos informado e de moral questionável ao defender determinado partido, como se verifica em

BC Fora Dilma e Lula, considerado por todos, a maior quadrilha de corruptos do mundo. Só tiveram apoio dos menos informados, e dos que apoiam a malandragem. (Excerto 14 – MBL)

A consideração de que os apoiadores de Dilma Rousseff e de Lula são “menos informados” e “apoiam a malandragem” constitui o pano de fundo de uma política de representação para diminuir a capacidade intelectual e ética de um grupo de eleitores. A reiteração de enunciados como esses constrói uma “historicidade condensada” (BUTLER, 1997, p. 3) na evocação que escapa por ocasião da enunciação, e que se apoia em enunciações prévias e futuras, como as que responsabilizam o eleitorado nordestino, considerado pobre e com pouca informação, como responsável pela eleição de governantes do PT nas eleições presidenciais.

Essa política de representação vale-se inclusive da ocultação de informações que contribuiriam para a não generalização de responsabilização do resultado eleitoral apenas por eleitores nordestinos. Basta lembrar que nas eleições presidenciais de 2014, o Estado de Minas Gerais, localizado na região sudeste do país, também foi responsável pelo resultado eleitoral, uma vez que a presidente reeleita teve mais de 52,40% dos votos válidos no Estado, enquanto Aécio Neves teve por volta de 47,60%³⁰.

Na busca de compreender como a performatividade pretendida é apreendida pelo outro, destacamos algumas escolhas linguísticas usadas em referência aos eleitores do PT. Entre essas, destacam-se construções criativas a serem obtidas com o uso de maiúsculas na nomeação “*PTralha*” no comentário a seguir:

³⁰ Dados obtidos em <<https://www.otempo.com.br/hotsites/elei%C3%A7%C3%B5es-2014/dilma-vence-a%C3%A9cio-na-vota%C3%A7%C3%A3o-em-minas-1.938031>>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

Austin (1990) nos ensina que não basta o falante ter “boas” intenções; é necessária a produção de certo efeito sobre o ouvinte para que possamos afirmar que o ato ilocucionário foi apreendido e, de fato, foi “feliz”, no sentido postulado por Austin (1990). É importante considerar ainda que, na relação dizer/fazer, importa também o que o ato de fala recupera, como o aparente elogio com a forma “engraçado” é, na verdade, a afirmação do diferente, do que não é normal ou igual, do que não faz parte do grupo.

Nas páginas pró e anti-*impeachment*, é possível perceber políticas de nomeação, no interior de políticas de representação, que se realizam por meio de um jogo que permite dois sentidos para dois distintos grupos. Em um grupo, o petista é representado como baderneiro e como classe trabalhadora. A política de representar o petista como classe trabalhadora é equivocada porque desconsidera que todos os que pertençam a esse grupo trabalha e que há trabalhadores não pertencentes a esse grupo.

Por outro lado, a política de representação do grupo representado pela elite, pode fazer pressupor que na classe trabalhadora não haja bem favorecidos economicamente. Além disso, existem vozes dentro da trabalhadora que podem tanto se identificar com um grupo ou outro, e mesmo não pertencer a nenhum deles. Desse modo, as acepções são equivocadas tanto de um lado quanto de outro.

Enquanto os petistas são designados dentro de uma política de representação de identificação com a classe trabalhadora, os tucanos são designados dentro de uma política de representação associada à classe média mais favorecida e à elite. É claro que é impossível compreender a classe trabalhadora apenas em um lado da oposição.

Postagem 05 – Abril de 2016 FBP

Frente Brasil Popular
14 de abril de 2016 · 🌐

#SextaVaiTerLuta

Frente contrária a **impeachment** ameaça parar país nesta sexta

Protesto agendado para esta sexta-feira (15) ameaça fechar estradas em vários Estados brasileiros durante mobilização contrária impeachment ao impeachment...

WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍 🗨️ 🌟 584 Comentários mais relevantes (sem filtro) ▾

175 compartilhamentos

Fonte: < <https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/> >

A postagem 05, publicada em 14 de abril de 2016, convoca os internautas a se fazerem presentes no dia 15 de abril nas ruas em ato de protesto contra o *impeachment*.

HO Ai pessoal nos somos a classe trabalhadora, o Brasil é movido pela classe trabalhadora, SE NOS QUIERMOS PARAR O BRASIL NOS PARAMOS, é so os trabalhadores cruzar os braços que o Brasil para, E ACHO QUE NOS DEVEMOS FAZER ISSO ATE SER BARRADO O PROCESSO DE IMPEACHMENT. Temos que ser radicais gente. Vamos quebrar tudo, vamos jogar coquetel molotov, vamos parar o transito, vamos invadir tudo, se nos ficarmos fazendo festinha nao da, infelizmente AGORA É GUERRA. TEM QUE COMEÇAR A LUTA PRA VALER . Vamos espelhar o caos. O Brasil vai parar.

RB <http://mudancadeparadigmas.com/maioria-do-stf-rejeita.../>

MC #STFACOVARDADO

DAR Vão achar o que fazer! Ah, desculpa, esqueci que a Dilma acabou com o emprego de vocês!

JL Eles votaram no Temer e agora são contra ele! Eles elegeram o Temer! Imbecis

RM Baderneiros, desocupados, em plena sexta feira vão fazer arruaça, e pensar q eh com o dinheiro dos cidadãos de bem, mas a moleza vai acabar... a hora de vcs está chegando. VAI TER IMPEACHMENT SIM! E SE RECLAMAREM VAI TER O CHEFE DE 9 DEDOS NA CADEIA!

FORA PT!

FORA FORO DE SP!

CHEGA DE INCOMPETÊNCIA!

CHEGA DE ROUBALHEIRA!

(Excerto 18 – FBP)

Com efeito, os atos de fala contidos em “*Vamos quebrar tudo [...] vamos espalhar o caos*” reiteram a política de representação de uma classe trabalhadora “revolucionária”. Entretanto, nem todos os insatisfeitos com o *impeachment* se acham do mesmo lado e com as mesmas posturas. Essa política de representação se vale de uma generalização para considerar que há, de um lado, a classe trabalhadora, que contraditoriamente é “*desocupada*” e “*baderneira*” e, de outro lado, a classe não-trabalhadora, uma espécie de elite.

Assim, as designações para petistas, nessas páginas, como “baderneiros”, “desocupados”, “arruaceiros”, “ladrões”, reiteram atos de fala que desconideram a diversidade de possibilidades que pode haver em um lado e outro em meio a uma generalização que obscurece diversos trabalhadores. Com isso, perde-se de vista a diversidade de posicionamentos político-ideológicos, uma vez que estamos em constante processo de (re)configuração identitária em função também do que vem ocorrendo no cenário mundial.

Para tentar vislumbra um pouco a não-polarização, podemos admitir que reconhecer o poder e a influência do mercado não nos coloca necessariamente ao lado de uma política neo-liberal, radical; do mesmo modo que é possível ser um liberal e defender o sistema de cotas brasileiro. Há posições que ultrapassam a dicotomia estado mínimo x estado intervencionista, mas os comentários nas páginas aqui analisadas estão longe disso, como se pode conferir adiante:

RB Não entendo porque os petistas estão tão chateados, a chapa eleita por eles vai continuar no poder.

RB Esta é a principal diferença entre o povo brasileiro e os defensores do PT. Os brasileiros querem apenas um País melhor, já os petistas visam apenas o "poder". Só não esqueça, nunca, que foram os eleitores de Dilma que também elegeram o Temer.

RB Somos todos brasileiros, não deixe que te convençam do contrário. Esse discurso de ódio não leva ninguém a lugar nenhum.

RB Não esqueça também que qualquer coisa de ruim que aconteça ao País, atingirá igualmente você e sua família. Será que vale a pena defender a bandeira do comunismo? Pesquise sobre regimes comunistas que deram certo. Procure saber o que está acontecendo nos Países comunistas. É, no mínimo, incoerente que alguém que defende o comunismo diga que está defendendo a democracia!

GS Até o celular que usas pra digitar asneiras é fabricado pela maior potência econômica do planeta a China comunista e Cuba vai bem obrigado!

RB Muito bem. Por isso que as pessoas se arriscam em botes improvisados pelo oceano para fugirem de lá. Imagina se tivesse ruim?

RB Porque você não vai pra lá então, e vive "feliz para sempre"?

RB <http://g1.globo.com/.../cubanos-se-arriscam-no-oceano-em...>

Cubanos se arriscam no oceano em balsas buscando o sonho americano

G1.GLOBO.COM

RB Alguém já leu em algum jornal esta notícia?: AMERICANOS SE ARRISCAM NO OCEANO EM BALSAS BUSCANDO O SONHO CUBANO. (Excerto 19 – FBP)

A sequência de atos de fala, presente no excerto 19, traz atos perlocucionários, por meio dos quais o interlocutor RB procura convencer GS de que os “*defensores do PT*” visam apenas o poder em um regime comunista”, o que não é democrático, em sua avaliação. RB, que assume uma postura questionadora, é provocada por GS, que confirma a associação PT-Comunismo.

Não é nosso objetivo esclarecer o conteúdo político do que seria ou não o regime comunista, mas é suficiente lembrar que a atual Constituição de nosso país tem regime diverso deste e, a despeito do que se possa alegar ser a ideologia de um partido, não há como pôr em prática “uma revolução comunista” no sistema capitalismo do qual fazemos

parte hoje. Associar o partido do PT com o Comunismo é desconhecer que esse regime não admite a liberdade de expressão de um estado democrático, a propriedade privada dos meios de produção e a própria função do Estado, o que, por si só, é incompatível com “ser petista”, como as denominações a seguir sugerem:

RS Xô comunistas, terroristas, amiguinhos do fidel castro, zé dircel, sadan, che guevara, genuíno, molusco bilionário, sadan, osama, hitler, maduro, hugo chavez e tantos outros ditadores terroristas, comunistas. Essa semana o verdadeiro povo brasileiro, estará livre desses vermelhos comunistas terroristas. (Excerto 20 – MBL)

As palavras não são inerentemente violentas, mas quando reiteradas em contextos cujas representações se associam a um quadro de violência, têm como efeito ser violentas. No excerto 20, os adjetivos “*comunistas*” e “*terroristas*” se ligam a “*vermelhos comunistas terroristas*” em um contexto que extrapola o que se sabe ser pertencente a um partido brasileiro e ser pertencente a um regime que não se aplica ao contexto brasileiro. Chamam a atenção as designações “terroristas” e “comunistas” para as escolhas linguísticas presentes em “*amiguinhos do Fidel Castro, Zé Dirceu, Saddam, Che Guevara, Genuíno, Osama, Hitler e Hugo Chavez*”. Categorizações como essas, se poderiam soar como realizadas por pessoas desinformadas para alguns, podem também ser bastante úteis na defesa de um ponto de vista.

A despeito da categorização, essas escolhas linguísticas nomeiam e predicam, simultaneamente, um grupo que se pretende que seja visto como violento, por meio de ações performativas, atribuindo-lhe características desumanizadoras. Sobre a nomeação, Rajagopalan (2003) explica que

No momento em que se nomeia, o objeto deixa de ser tão exclusivo ou único, pois o próprio ato de nomeação se encarrega de emprestar-lhe um atributo (a saber, a própria descrição—definida, no caso—utilizada para nomeia-lo), que é publicamente disponível e, em princípio, apto para ser aplicado a outros objetos. Ou seja, o destino de nomes próprios comuns—aqueles descritos pelas gramáticas—é de um definhamento progressivo, na medida em que acabam se transformando em substantivos comuns (RAJAGOPALAN, 2003, p. 83).

É importante destacar também como ocorre uma representação que coloca os petistas como não fazendo parte do que os defensores do *impeachment* consideram “o povo brasileiro”. Quando, no excerto 19, o segundo comentário de RB afirma que “*esta é a principal diferença entre o povo brasileiro e os defensores do PT*”, também revela a

necessidade de se manter oposições, ainda que insustentáveis, a partir de marcações simbólicas que diferenciam os que pertencem e os que não pertencem a um grupo, no caso, a uma nação.

A significação implícita que está em jogo é que se pertencente ao Partido dos Trabalhadores, não pertence ao povo brasileiro. Ainda no quadro de uma política de representação que opõe petistas a “tucanos”, como mais comumente são denominados os eleitores do PSDB, tem-se a escolha linguística associada a comida. Os eleitores do PT são considerados comedores de pão com mortadela enquanto os eleitores do PSDB são denominados “coxinhas”:

LM Mito Paulo pimenta do PT és um profeta nossa a cara de sem graça dele quando ele quase fala rrsra e essa música ainda é pra abrilhantar a profecia do grande mito Paulo pimentarsra a Dilma Rousseff não dará pra ele o pão com mortadela do dia dia kkkkk essa vai ser a piada até o final desse partido de ladrões kkkkkk parecia um gol do mengão no maracanã kkkkkk

GS E aí coxinhas safados vão mandar o Temer e Cunha prá cima do povão?

RM Não é a polícia mesmo q vai sentar a borracha nos vagabundos q estiverem nas ruas seu imbecil.

GS A repressão é o caminho mais curto pra revolução, teu golpezinho não vinga, e serás viúva de dois maridos viu dona flor? (Excerto 21 – MBL)

As razões para uma e outra denominação são várias. De acordo com Saraiva (2013), o termo “coxinha” encontra pelo menos três explicações. Faz referência a policiais militares que estacionavam seus carros, à época da ditadura, em frente a locais que vendiam coxinhas. Lembra ainda que, no governo do PSDB, em São Paulo, os policiais usavam vale-alimentação para comprar coxinhas, sentido já trazido no corpo desta tese. Há também referência ligada à elite que usa bermudas mostrando suas “coxinhas”. Para o termo “mortadela”, tem-se que os militantes iam às ruas e frequentemente recebiam como lanche pão com mortadela. Daí a razão do uso metafórico de eleitores pelo que comem.

As denominações “coxinha” e “mortadela” atestam que nomear não é diferente de pregar, uma vez que nelas há o *status* de pregação no âmbito de uma política de representação que se vale de marcações simbólicas que diferenciam um de outro. Está claro que a polarização não se dá em função de um modelo favorável ou contrário ao neoliberalismo, ou entre ser progressista ou não progressista, e, ainda, entre uma visão conservadora e outra(s). Há entre os internautas bastante desinformação do que seja ser

“de esquerda” e “ser de direita”. Em lugar do debate democrático, plural em seus posicionamentos, há a redução, por vezes, equivocada, nas duas posições. Sobre isso, Rajagopalan (2013) adverte que “o perigo está no fato de que o leitor ingênuo ou desavisado tende a confundir descrição com termo referencial, opinião com fato consumado. É nisso que reside o maior perigo”.

3.3 “Tchau, querida! e “Fica, Dilma!”: designações de uma presidente

O processo de *impeachment* de Dilma Rousseff teve sua primeira votação na Câmara dos Deputados no dia 17 de abril de 2016, quando obteve 367 votos favoráveis, 137 contra e 7 abstenções. Deu-se então a segunda votação no Senado Federal, em 12 de maio do mesmo ano, quando se decidiu pelo afastamento de 180 dias da então presidente, o que culminou com seu impedimento em 31 de agosto de 2016. Cada uma das votações foi amplamente comentada nas redes sociais.

O *post* a seguir foi publicado em 11 de maio de 2016, quando estava em andamento a segunda fase do processo, no Senado, que deu prosseguimento com 59 votos contra 21:



Fonte: < <https://www.facebook.com/pg/mblivre/>>

Não se pode negar que a ex-presidente Dilma Rousseff fez história no país ao ser a primeira mulher a se tornar Presidente da República Federativa do Brasil. Filiada ao

Partido do Trabalhadores (PT), foi eleita, em 2010, para cumprir mandato de 2011 a 2014, e reeleita para cumprir o segundo mandato, de 2015 a 2018, este interrompido pelo processo de *impeachment*. Ao lado disso, a imagem da política é associada frequentemente a quem não tem competência sequer para falar sobre assuntos políticos:

ML Meu Deus !! Esta Anta Comunista Oportunista Só fala dos Outros Países e dos outros Governos O de Lula etc ,mas não fala do nosso problema Atual do Brasil e do Povo ! C18P2MBL
GB ANTA PRA VOCE É ELOGIO, TU E PORCA MESMO, OVELHA QUE NÃO PASSOU NO TESTE QUALIDADE, COXINBHA ESTRAGADA, TOMARA QUE VOCE PERCA TEU EMPREGO (Excerto 22 – MBL)

Vale lembrar que Dilma Rousseff é formada em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Não obstante, reiterou-se uma representação de mulher ignorante na mídia brasileira e entre os internautas, cuja retórica carece de conteúdo a ser esperado em função da ocupação do cargo político.

É importante lembrar, ainda, que o valor de verdade de um enunciado não está na sua referência com o mundo, mas na aceitação disso por uma comunidade linguística. Assim, não importa a esses internautas se Dilma Rousseff tem, ou não, diploma de nível superior, uma vez que ela é representada como a mulher sem inteligência. Vejamos como essa valoração é transferida aos seus eleitores:

WB RS Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.
RCF Hahahahahaha olha..HONRADA E HONESTA...acho q ate ela daria risada desse comentario hahahahaha
 PS: MBL eh o coco do cavalo do bandido! 🤔🤔
 [Imagem excluída pela autora]
AMG Colega que pais VC vive ? Dilma honrada e honesta ! Me da licença né. (Excerto 23 – MBL)

Os adjetivos para mulher, nas formas “*honrada*” e “*honest*a” provocam em alguns interlocutores a discordância em meio a atos de fala que deixam implícito que essa consideração não poderia ser de alguém sensato. Assim, não é apenas a difamação que está em jogo, mas o modo de julgamento de um e de outro internauta. Sem dúvida, a internet constitui um espaço de expressão que pode funcionar como vetor para disseminação de diferentes discursos, entre os quais destacamos o discurso de ódio por

peças que parecem se sentir protegidas sob a proteção das telas e do anonimato. Há, entre os comentários, um discurso antipetista, machista e sexista em escolhas linguísticas cujos efeitos podem ser relacionados à ofensa e à incitação da violência. Ainda assim,

[...] somos obrigados a apostar na democracia. Somente ela, tendo no horizonte a quebra da contradição, é capaz de recolocar amigos e inimigos no plano das relações entre aliados e adversários, criando um campo comum em que essa contrariedade possa se exercer para que não ecloda o perigo sempre iminente do inimigo devorador (GIANNOTTI, 2014, p. 31).

Vimos que a ex-presidente é frequentemente desqualificada por meio de uma incapacidade intelectual e também de governança com atos de fala contendo xingamentos. O problema não é a avaliação negativa do governo dela, em si. Sabemos que faz parte do embate político a empatia ou não entre governantes e seu eleitorado. O problema é a forma violenta e ultrajante com que se dá essa avaliação. Isso foge do jogo democrático porque impede uma discussão embasada e séria da conjuntura política e econômica em questão.

Um comentário que chamou a atenção foi o publicado por WB, na página do MBL, ao usar do recurso da repetição para reiterar seu posicionamento. Esse comentário provocou não apenas o questionamento da adequação do uso pelo internauta, se considerado que há nele uma defesa de posicionamento contrária à da página, como também a qualificação bastante demarcada entre quem estava de um lado e quem estava de outro. O comentário, em razão de sua extensão, foi suprimido em 50%, sem comprometer o dizer, já que constituído de mesma frase repetidas vezes:

WB Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.

RS Xô comunistas, terroristas, amiguinhos do fidel castro, zé dircel, sadan, che guevara, genuíno, molusco bilionário, sadan, osama, hitler, maduro, hugo chavez e tantos outros ditadores terroristas, comunistas. Essa semana o verdadeiro povo brasileiro, estará livre desses vermelhos comunistas terroristas.

WB RS Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em

No excerto 25, quando o(a) internauta CBS estende a qualificação de Dilma a WB, do excerto 24, como em “kkkkk igual a ela... fazendo o mesmo... repetindo a mesma ladainha kkkkkkk”, evoca-se o atributo de que tanto a governante quanto a eleitora (ou não) adotam a mesma estratégia retórica, também confirmada com o comentário de AP no mesmo excerto “[...] *“Repetir, repetir, repetir e repetir as mesmas coisas”*. Tendo identificado o lugar do outro, resta aos internautas advertir de que aquele espaço de fala não era destinado a quem defendesse Dilma Rousseff. Para a obtenção desse efeito, escolhas linguísticas são adotadas, como os proferidos por LL, em **LL** *“Acho que as jamantas estão na página errada”*.

Já vimos que insultos a figuras públicas são constantes, sejam elas quais forem e não é nosso intuito avaliar quem está mais atacado nesse jogo. O que nos chama a atenção na atual conjuntura política, no modo de se manifestar oportunizado pela internet nas páginas do *Facebook*, é a polarização, como se não fosse possível uma posição intermediária, ou outras opções, além da de petistas e da de tucanos. Há um jogo de convencimento indagando se a “ex-presidente” seria, ou não, “mulher honrada e honesta”, que acaba por transferir os mesmos atributos da figura política a seus eleitores: ser burro, ser anta e repetir as mesmas palavras.

Não se vê, entre os ativistas, o que se esperaria dos internautas de páginas políticas: a defesa de estratégias, seja de grupos progressistas, seja de grupos conservadores. Sentimos falta de comentários que demonstram insatisfações com o funcionamento do governo de maneira objetiva, apontando as causas substanciais dessas insatisfações em vez de empatia ou rejeição por determinada figura pública, apenas. Tópicos dessa natureza, quando publicados, não “viralizam” e obtêm poucos comentários.

Em lugar disso, predomina um modo raso de se fazer política, ainda que não institucionalizada, nessas páginas. Não queremos com isso negar a necessidade de se reconhecer quem é o adversário no jogo político:

Por certo os meios de comunicação de massa, as redes sociais, e assim por diante, permitem que as opiniões circulem livremente entre as pessoas e que movimentos sociais se construam a partir dessas correntes de ideias e avaliações. Mas para que um movimento social se torne político ele precisa sempre levar em consideração seu inimigo ou seu adversário, os obstáculos que se lhe antepõem, os atritos que ajudam a desenhar seu próprio perfil. E a partir daí ele também se torna representativo, pois seus líderes tanto representam aqueles que

comungam com suas opiniões quanto os adversários em negativo. Suas ações só adquirem sentido se conservarem essa negatividade. (GIANNOTTI, 2014, p. 31).

O que lamentamos é que nessas páginas pouco ou nada se discuta sobre a validade de ideais liberais, ou o que vem a ser o Estado do bem-estar social, dado que a centralização dos discursos se volta à pauta de termos como a anticorrupção e o antiPT (contra o Partido dos Trabalhadores). Há, ainda, pautas diversas e difusas, como a redução da maioria penal, a da intervenção militar entre outras.

A página do Movimento Brasil Livre, *pró-impeachment*, apresenta mais mobilização, o que pode ser constatado com o número de comentários. A página Frente Brasil Popular, que se posiciona contra o *impeachment*, e cuja ideologia é visivelmente mais pulverizada na rede, limita-se a dar respostas aos protestos anti-governamentais da época. Os excessos passionais podem ser percebidos tanto na página mais conservadora quanto na página mais progressista.

Em ambos os casos, há a disseminação de um ódio apoiado na oposição entre “nós” e “eles”. Os referentes é que mudam. Na página do MBL, o pronome “nós” remete ao Brasil e ao povo brasileiro, enquanto “eles” remetem aos corruptos, os quais precisam ser punidos. Já na página FBP, “nós” refere-se à classe trabalhadora e “eles” à elite. São oposições redutoras e cruéis cujas forças ilocucionárias não são outras se não a repulsa e a intolerância ao outro.

Os comentários aqui analisados demonstram o quanto nós, seres humanos, juntamo-nos aos nossos semelhantes, talvez por um instinto de autopreservação. Ainda assim, não podemos deixar de crer que o homem também anseia por expandir-se, conhecer, ouvir outros pontos de vista. Em um contexto político, a própria noção de representação pressupõe o conflito e, portanto, como seres pensantes que somos, não precisamos concentrar nossa ilocução na aniquilação do outro.

A reflexão aqui pretendida não busca defender um posicionamento ou outro, mas revelar formas de funcionamento da linguagem que denotam violência dentro de movimentos sociais cujo conteúdo é político. Trata-se de pôr em lentes de aumento agressões feitas por meio da linguagem, em meio à desinformação, e seus efeitos nesse contexto. Eleger um vilão ou uma vilã e adotar determinadas políticas de nomeação para

representá-los em atos de violência é, sem dúvida, o tipo de ato de fala que mais se reproduz nessas páginas.

Há quem defenda que, a despeito disso, as pessoas estão discutindo mais política na internet. Constatamos que os usuários do *Facebook*, ao menos nas páginas analisadas, estão sim mobilizados, mas é preciso relativizar o otimismo defendido por muitos quanto à qualidade da discussão política. Os modos e as escolhas linguísticas para isso, sem embasamento minimamente sério, causaram-nos espanto e estranheza, pois não há motivação de ordem racional em comentários eivados de insulto, injúria e ofensa contra o outro. O que se viu foi a identificação de um outro a ser atacado, tal como preconizado por Žižek (2014), ao defender que todo ato violento representa uma série de acúmulos simbólicos que têm como alvo um fantasma ou espectro, como atestam os vários enunciados aqui trazidos.

Além disso, é preocupante o agrupamento que se dá entre os iguais e a exclusão dos diferentes, o que denuncia, para nós, consequências danosas longe de serem emancipadoras, pelas quais tanto ansiamos num processo democrático. Como o que interessa mesmo é o caráter performativo da linguagem, resta-nos, por meio desta tese, ao menos “alertar” para as consequências éticas de tantos dizeres, dessa maneira, violentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi empreendida no intuito básico e inicial de compreender como as pessoas estavam usando a linguagem na internet para se posicionar politicamente. Desde as manifestações de 2013 ocorridas no Brasil, ouvíamos que o povo brasileiro estava mais politizado e, no fundo, ouvir isso nos deixava um pouco esperançosa, mas com certa dúvida: será? Assim, passamos a nos interessar por movimentos sociais que se organizavam nas redes sociais e saíam às ruas com seus *slogans* escritos em cartazes.

De repente, começamos a desconfiar de que talvez não pudéssemos ser tão otimistas, afinal, como entender que, em manifestações cuja tônica é a livre expressão de pensamento, possa ser reivindicada a volta da “ditadura militar”? Como compreender tantas ofensas gratuitas em meio à desinformação relativa a conteúdo político? Havia algo estranho ali e isso nos impeliu inicialmente à investigação trazida aqui nesta tese.

Bastou adentrar nas páginas dos movimentos sociais e observar com mais atenção em minha própria *timeline* para perceber o profundo acirramento de posições que havia entre o que se denominava “de direita” e “de esquerda”, não importando a classe social e mesmo o nível de escolaridade entre as pessoas. O modo como isso se dava e os efeitos disso entre os internautas, como o ataque e a reação, fizeram-nos perceber que estávamos diante de um quadro permeado de violência contra o outro, considerado inimigo. Àquela altura, apesar de uma inscrição histórica que me colocava em defesa de uma posição mais à esquerda, já não sabíamos mais de qual lugar falávamos.

O objeto desta tese foi delineado, então, quando percebemos como a linguagem estava servindo para ferir no ambiente virtual. Nada se afigurou mais oportuno que me filiar à teoria desconstrutora de Austin (1990), o qual defende que a linguagem é uma forma de ação. E o que estamos fazendo com a linguagem ao falarmos sobre política no conforto de nossos lares protegidos por telas?

A inclinação primeira foi observar o uso da linguagem em situações em que os internautas se sentem “completamente” à vontade para falar. Assim, propusemos como objetivo desta tese *analisar o funcionamento da violência na linguagem em atos de fala de internautas nas fan pages “Movimento Brasil Livre” e “Frente Brasil Popular” por ocasião do impeachment de 2016 no Brasil.*

Precisávamos de um lugar “seguro” em que os manifestantes pudessem expressar suas opiniões para assim flagrar atos de fala cujos efeitos são a violência contra o outro. Isso porque nossa hipótese era a de que a violência em atos de fala sobre o *impeachment* de 2016, proferidos por usuários em *fan pages*, maximizava-se no ambiente digital. As razões para isso estavam na crença de impunidade, que parece prevalecer entre os internautas, e na crença de que se pode dizer tudo (ou quase tudo) em ambiente digital, afinal, também se acredita que a internet é um espaço livre e sem controle em nome de uma propalada liberdade de expressão.

A questão central que norteou a pesquisa foi a seguinte: *como a violência na linguagem se manifesta em atos de fala de internautas nas fan pages “Movimento Brasil Livre” e “Frente Brasil Popular” por ocasião do impeachment de 2016 no Brasil?*

Para que pudéssemos responder a esta indagação, primeiramente, tivemos que compreender a teoria dos atos de fala de Austin (1990) com a qual decidimos trabalhar, em virtude de atender àquele anseio primeiro, o de verificar o que as pessoas estavam fazendo por meio da linguagem. Assim, delineamos um aporte teórico-metodológico que alinhasse a teoria austiniana ao arcabouço teórico de estudos filosóficos, como os de Žižek (2014) e de Butler (1997), para a compreensão de violência; além de estudos sociológicos, como os de Castells (2013) e Gohn (2011), para a compreensão de movimentos sociais.

Coletamos mais de 1000 comentários e a profusão de dizeres neles contidos nos fazem conjecturar que, sem dúvida, a proteção de faces propiciada pelas telas parece deixar mesmo à vontade a manifestação de conteúdos políticos por aqueles que não temem o uso agressivo da linguagem. As hipóteses, porém, carregam muitas incertezas e crenças. As perguntas que guiaram a pesquisa e as respostas a que chegamos são trazidas a seguir:

- De que maneira a violência pode ser percebida em atos de fala proferidos por internautas no Facebook por ocasião do impeachment de 2016?

Valendo-nos da leitura de Austin (1990) por Rajagopalan (2002; 2003; 2010; 2014), pudemos entender que nomeação e designação são intercambiáveis e que não se realizam sem, ao mesmo tempo, também predicarem. Em consequência deste entendimento, também pudemos demonstrar as imbricações entre fato e valor, como nas designações *“impeachment”* e *“golpe”*.

Como teorizado por Rajagopalan (2003), os atos de nomeação-designação, ao

caracterizarem, emitem opiniões. Esse julgamento de valores não é percebido pelas pessoas que, sem avaliar as consequências de seus dizeres, nomeiam o outro como “*comunistas*”, “*terroristas*”, “*ditadores de direita*” entre outros. Com efeito, essas designações se propagam e são tomadas como verdadeiras.

- *Que atos de fala podem ser classificados como atos de fala violentos a partir de sua força ilocucionária e que representações eles estão criando nas fan pages Movimento Brasil Livre e Frente Brasil Popular?*

A concepção de linguagem performativa de Austin (1990) levou-nos à constatação de que as pessoas estavam fazendo uso violento da linguagem na manifestação de seus posicionamentos políticos em diferentes instâncias: insultar, agredir, ofender, xingar e desrespeitar. Mesmo a atribuição mais aparentemente neutra estava carregada de equívocos, como a que considera que “*petista*” designa “*a classe trabalhadora*” e que “*tucanos*” compõem “*a elite brasileira*”. A despeito de todos os equívocos contidos na generalização, ela carrega matizes de significação que colocam de um lado “*baderneiros*” e, de outro, “*defensores da ordem*”. Trata-se de políticas de representação para representar lados que se opõem, com atribuições consideradas positivas e negativas conforme os posicionamentos político-ideológicos em jogo.

Entre as perguntas que ocorreram por ocasião da pesquisa, gostaria de destacar pelo menos duas:

- *Quem são os sujeitos que assim enunciam?*

- *Que saberes demonstram acerca do uso que fazem do uso da linguagem?*

Uma pesquisa de natureza etnográfica talvez pudesse acompanhar os mesmos internautas que fazem uso violento da linguagem em outros espaços da internet e assim ajudar-nos a compreender se estamos diante de um contexto político que assim se constitui ou se não há relação direta entre o contexto político e esse uso violento. Ficamos curiosos para compreender o que esses internautas sabem sobre a linguagem em uso, essa linguagem (metapragmática), consoante Blommaert (2014), utilizada em páginas políticas.

Um estudo dessa natureza poderia ajudar a compreender melhor os modos de dizer acerca de conteúdos políticos, na medida em que uma análise metapragmática vai além do uso da linguagem. Ela revela as ideologias linguísticas, as quais dizem respeito

a crenças, ideias, visões e percepções sobre linguagens e comunicação, já que os falantes selecionam formas linguísticas a partir do que entendem como sendo o esperado e apropriado em uma situação comunicativa.

Uma lacuna deixada refere-se às relações entre comentário e suporte tecnológico. Entendemos que a escolha de recursos plurissemióticos e hipermodais, além dos linguísticos, pode dar indícios importantes dos modos de atuação política dos usuários nas redes sociais.

Outra lacuna deixada foi a de não investigar a apreensão a partir de consulta aos sujeitos, mas apenas a partir de seus dizeres. Sem dúvida, o trabalho teria sido enriquecido se pudéssemos ter aplicado algum instrumento de verificação do modo de apreensão pretendido e alcançado pelos interlocutores, a partir dos próprios internautas.

Ressalvas realizadas a respeito do que não fizemos, vamos às considerações gerais sobre o que fizemos. Em nosso trabalho, procedemos à discussão e à problematização de que acontece por ocasião da nomeação (ou designação) e assim pudemos constatar o funcionamento da violência da linguagem em atos de fala proferidos por internautas em *fan pages* de conteúdos políticos. Constatamos que qualquer enunciado performativo repete usos que foram convencionalizados previamente, independentemente de serem verdadeiros ou não. Ele funciona na iteração dessas convenções diante do outro, deslocando uma “intenção” e provocando rupturas.

Acreditamos que nossa análise possibilite um olhar atento às agressões estabelecidas linguisticamente em grupos que rivalizam na internet. Com isso, quisemos chamar a atenção para a violência realizada por meio da linguagem, na busca de alternativas contra práticas de linguagem que diminuem o outro. A violência deve ser entendida como mais difusa e constitutiva de nossas práticas de linguagem. Em atos de nomeação e de designação, ela regula modos de ver o outro, promovendo exclusão a partir de qualificações que são constantemente reiteradas.

Ciente do compromisso ético assumido pelo cientista da linguagem, gostaríamos de denunciar o que estamos fazendo com a linguagem ao defendermos nossos posicionamentos políticos e, com isso, reclamar a responsabilidade que decorre de uma ação.

Desse modo, este trabalho tem sua relevância para a disciplina Linguística, por

se inscrever em uma perspectiva antiessencialista dos estudos da linguagem, uma experiência de pesquisa ciente das dimensões social e ideológica da linguagem, pois tem como objetivo compreender o funcionamento da linguagem em contexto político. Temas como esse costumam ser relegados pela escola, a mesma escola que é cobrada pelos manuais educacionais a levar o aluno a uma compreensão crítica dos fatos.

Não é de hoje que o ensino vem sendo enriquecido com a influência da perspectiva sociointeracionista da linguagem, o que exige a atuação do professor considerando o uso da língua(gem) em situações reais de comunicação. Diante disso, os estudos na perspectiva da Nova Pragmática apresentam-se como promissores para contribuir com o ensino de Língua Portuguesa, a partir da concepção de linguagem como ação. Essa concepção, a nosso ver, precisa ser mais difundida entre as escolas que tanto carecem de abordagens para o ensino de língua materna que sejam mais condizentes com a realidade social.

Assim, uma questão do ponto de vista didático-pedagógico no ensino de linguagem em contextos políticos pode ser a de explorar as condições de possibilidade dos empregos agressivos utilizados pelos internautas para ferir, no sentido de levar os alunos a investigarem os fatos ali trazidos e interpretados, as possíveis justificativas para tais usos e mesmo a necessidade de desculpas ou de isenção de responsabilidade acerca do que é dito. Atividades como essas poderão contribuir para a diminuição de tanta desinformação e irresponsabilidade na internet.

A partir de nossas análises, verificamos que quaisquer que sejam as designações, elas também são apreciativas, uma vez que evocam uma valoração que pode ser tanto favorável quanto desfavorável à imagem de alguém. Vimos, principalmente, que a linguagem, ao menos em nosso contexto de análise, é usada para ferir o outro, ainda que se utilize de escolhas lexicais como “engraçado”, trazida em nosso *corpus*, dentre tantas outras.

Uma perspectiva discursiva de estudo da linguagem se faz necessária em meio à crise identitária que vivemos em várias áreas, além da política. Assim, Austin (1990) nos mostra imprescindível para um letramento crítico de sujeitos que precisam compreender que a “representação” da realidade não passa de uma interpretação contra a qual podemos reagir. Uma atitude que seja, tal como defendido por Rajagopalan (2010), consistente com a felicidade e a ética da ação humana. A violência ocorre mesmo quando é silenciosa ou

apagada.

Desse modo, é preciso considerar isso uma questão política, revelando modos de constituição de contextos que permitam a interpretação que mais convém. Assim, quem sabe, possamos desnaturalizar alguns conceitos e o uso de termos que são tão usados como forma de rotular pretensas “verdades”. Em um país com apenas vinte anos de popularização da internet e pouco mais de 30 anos de democracia, é preciso considerar que ainda temos muito a aprender no tocante ao ativismo político.

Contudo, talvez, hoje, possamos supor que haja um engajamento político maior das pessoas no ambiente *on-line*, de maneira mais explícita, apesar da qualidade questionável desse engajamento. É possível vislumbrar que, em algum tempo, possamos ter, em redes sociais, mais cobrança de pauta política, menos agressão pessoal, mais comprometimento com a atividade política e menos rótulos. Até lá, talvez, nós, estudiosos da linguagem, também possamos dizer algo sobre o que fazemos com a linguagem e como ela funciona na construção de sentido, afinal, este é um campo pouco compreendido pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Marina. Jabuti não sobe em árvore: como o MBL se tornou líder das manifestações pelo *impeachment*. In: **Por que gritamos golpe?:** para entender o *impeachment* e a crise. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 23-29.
- ARAÚJO, Celso Arnaldo. **Dilmês: o idioma da mulher sapiens**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- ARAÚJO, Júlio; OLIVEIRA, Robson Santos de. **Pragmática linguística: interfaces teóricas e exercícios de análise**. Curitiba: CRV, 2014.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os pensadores).
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BALOCCO, Anna Elizabeth. O flaming (ou violência verbal em mídia digital) e suas funções na esfera pública. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 503-521, set./dez. 2016.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 17-35.
- BLOMMAERT, Jan. Ideologias linguísticas e poder. (Tradução de Ive Brunelli). In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira (Org.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 67-77.
- BOITO JÚNIOR, Armando. Os atores e o enredo a crise política. In: SINGER, André *et al.* **Por que gritamos golpe?:** para entender o *impeachment* e a crise. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 23-29.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BORGES, Maria Isabel. **O jogo ético-político nos quadrinhos editados em “O Pasquim”**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Uberlândia: ILEEL/PPGEL, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1990 [2010].
- _____. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. London and New York: Routledge, 1993.
- _____. **Excitable speech: a politics of the performative**. London and New York: Routledge, 1997.
- CALDAS AULETE. **Aulete Digital**. Lexicon Editora Digital. Disponível em: <

<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 25 de maio de 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, Gabriela de Sousa. **Violência e construção de identidades performativas de gênero e raça nos jogos de linguagem do grupo Tambores de Safo**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Fortaleza: PosLA/UECE, 2012.

COSTA, Wanisse Liliam. **Performances corpóreo-discursivas de identidades de gênero e sexualidade em redes sociais: estabilidade e mobilidade em diálogo**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Rio de Janeiro: Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Campinas, SP. Papyrus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **The ear of the other**. Schocken Books: New York, 1985.

FELMAN, Shoshana. **The scandal of the speaking body: Don Juan with J. L. Austin, or seduction in two languages**. Tradução de Catherine Porter. Stanford: Stanford University Press, 1980 [2002].

FERREIRA, Raimundo Ruberval. **A guerra na língua: as representações do “11 de setembro” na mídia e no discurso oficial**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: IEL/UNICAMP, 2005.

FERREIRA, Raimundo Ruberval. **A violência linguística em manifestações políticas recentes no Brasil, suas motivações e seus espectros** (*No prelo* – Artigo enviado em julho de 2017 à revista Linguagem e Sociedade da Universidade de Brasília, conforme informação do autor.)

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FREITAS, Alice Cunha de. **Linguagem e exclusão**. Uberlândia: EDUFU, 2010. (Série Linguística In Focus 7).

GIANNOTTI, José Artur. **A política no limite do pensar**. Companhia das Letras: São Paulo: 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praça dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, Wilson. Participação política online: questões e hipóteses de trabalho. In: MAIA, Rousiley Celi Moreira; GOMES, Wilson; MARQUES, Paulo Jamil Almeida (Orgs). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011. p. 19-46.

GONBATA, Marsílea. A esquerda está mais mobilizada que a esquerda nas redes. **Carta Capital** [on-line]. Publicação de 29 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/direita-esta-mais-mobilizada-que-a-esquerda-nas-redes>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

JANSEN, Thiago. Emoticon a criação despretensiosa que teve sucesso na internet. **O Globo**. [on-line] 03 de abril de 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/emoticon-criacao-despretensiosa-que-teve-sucesso-na-internet-4487061>>. Acesso em: 05 de março de 2017.

JOSEPH, John E. **Language and politics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

KARNAL, Leandro. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

KAWANISHI, Paulo Noboru de Paula. **Identidade e autoria no ciberespaço: os dizeres de um autor sem nome**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Campinas: IEL/UNICAMP, 2016.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2012.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: IEL/UNICAMP, 2010.

MADEIRA, Rafael Machado; TAROUÇO, Gabriela da Silva. Esquerda e direita no Brasil: uma análise conceitual. **Revista Pós Ciências Sociais**. São Luís, v. 8, n. 15, p. 171-185, jan./jun., 2011.

MARCONDES, Danilo. Por uma visão performativa da pragmática: significado e ação. **Cognitio**, v. 11, n. 2, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/12123/9475>>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

MELO, Lafayette Batista. Quando o gigante acorda, vai pra rua e sai do Facebook: frases em movimento. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. v. 56, n. 2, Campinas, jul./dez., 2014.

MELO, Sandra Helena Dias de. Educação pública e escola: uma leitura austiniana. **DELTA** [on-line]. 2016, v. 32, n. 3, p. 749-766. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502016000300749&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05 de março de 2017.

MOREIRA, Reginaldo Gurgel. **(Des)cortesia linguística na nova Pragmática e a problemática da intencionalidade nos atos de fala violentos na publicidade brasileira: quem é o responsável?** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Fortaleza: PosLA/UECE, 2016.

MORRIS, Charles. **Foundation of the Theory of Signs**. Chicago: The University of Chicago Press, 1938.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução: Paulo César

de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Fragmentos Póstumos: 1885-1887: Vol. VI.** Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea.** São Paulo: Edições Loyola, 1996. (Coleção Filosofia)

OTTONI, Paulo Roberto. Semelhanças entre *uptake* e *trace*: considerações sobre *tradução*. In: **DELTA** [on-line], v. 13, n. 2, p. 315-329, 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501997000200007>>. Acesso em 20 de maio de 2017. <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000200007>

OTTONI, Paulo Roberto. John Langshaw Austin e a visão performativa de linguagem. **DELTA** [on-line], v. 18, n. 1, p.117-143, 2002.

PLATÃO. **A República.** Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os pensadores).

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 47-68.

PINTO, Joana Plaza; FABRÍCIO, Blanca Falabella. (Org.). **Exclusão social e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.

PIRES, Carolina Leal. Um olhar sobre comentários na internet a partir da teoria de gêneros textuais. In: REINALDO, Maria Augusta; MARCUSCHI, Beth; DIONISIO, Angela. (Org.). **Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012. p. 41-72.

PRIMO, A. **Interações em rede.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel. A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais. **Líbero** (FACASPER), v. IX, p. 83-93, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Dos dizeres diversos em torno do fazer. **DELTA**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 223-254, 1990.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade a questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Jacques Derrida e a corda bamba como caminho da ética. In: NASCIMENTO, Evando. (Org.) tradução de Evando Nascimento *et al.* **Jacques Derrida: pensar a desconstrução.** São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 119-124.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A Nova Pragmática: fases e feições de um fazer.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e

redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

RODRIGUES, Paulo César Cabral. **Atos de fala e ideologia: a violência linguística no discurso da revista Veja sobre as favelas**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Fortaleza: PosLA/UECE, 2012.

SANTOS, Karla Cristina dos. **A problemática da constituição da ofensa no ato de insultar: a injúria como prática linguística discriminatória no Brasil** (Tese em Linguística). IEL/UNICAMP, 2012.

SARAIVA, Carlos Alberto. **O coxinha: uma análise sociológica**. [Blog]. Post de 26 de junho de 2013. Disponível em: <<http://saraiva13.blogspot.com.br/2013/06/o-coxinha-uma-analise-sociologica.html>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

SEARLE, John. **Speech acts: an essay in the philosophy of language**. London & New York: Cambridge University Press, 1969. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173438>

SILVA, Daniel do Nascimento; ALENCAR, Claudiana Nogueira. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n. 2, p. 129-146, Campinas, Jul./Dez. 2013.

SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira (Org.). **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Daniel do Nascimento e; VERAS, Viviane. Da teoria dos atos de fala à nova pragmática: os legados de John L. Austin e Kanavillil Rajagopalan. Apresentação. **DELTA** [on-line]. 2016, v. 32, n. 3, p. p. 5-19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v32n3/1678-460X-delta-32-03-00005.pdf>>. Acesso em: 05 de março de 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 6. ed. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2009.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

ANEXO A – AMOSTRA DO *CORPUS*

Post FBP 29 de agosto de 2016

IVM Comemorar o que? O Brasil está afundado e vcs falam em festa? MBL, vcs estão a favor de quem? Do Brasil e de se promoverem? Não tenho partido e tenho nojo de político! Comemorar bebendo é a melhor coisa né, pois a bebida deixa vcs sóbrios para tomar decisões importantes né! Tenham vergonha na cara!!! Será o vcs são amigos do dono do bar e querem se promover tb neste ato! Vcs são uma vergonha

LC ? Tu é meio loco né. Eles estão comemorando a primeira vitória de uma guerra contra a corrupção institucionalizada no país. Querem que eles façam o que em relação a crise? Criem uma empresa milagrosa e deem emprego pra todo mundo? Vai ser hater assim em outro lugar mané.

RC So idiota doa dinheiro a essas canalhas e só canalhas defendem canalhas

GO E de quem é esse Bar???????

SP Vergonha é vc C seu pessimismo...comemorar simmmmmmm... Vamos aos drinks kkkkk **05**

CD Falou tudo !

GT Pensei o mesmo

SNR TÃO HONRADA E HONESTA QUE ACABOU COM O BRASIL

RC Falou tudo

AL Já vão gastar o dinheiro que ganhou dos padrinhos corruptos.....kkkkkkkkkk, que nem diz o meu pai, para você ficar rodeados de falsos amigos, basta convidar a galera e falar que a festa é por sua conta. Vai lotar de gente que você não conhece falando que é seu amigo a anos.

.. **10**

IVM LC, locão? Eu te conheço? Corrupção? Olha pra todos estes senadores, olhe para todos deputados federal, estão todos envolvidos em corrupção!!! Olha a vida do Presidente do Senado, estuda um pouquinho a vida desde ladrão, se todos eles sássemos poder aí sim tinha o que comemorar, olha pro tal do Aécio, Eduardo Cunha, não tem um que preste pra se fazer festinha!! Só cego e retardado que não vê isto!! O MBL só está querendo palanque, acorda. Todos estes partidos são de bandidos e o que o povo tem pra comemorar?

PT Tem que ser MUITO alienado ou ignorante pra acreditar que o que está em curso no país é uma tentativa de combate à corrupção. A maioria dos políticos que estão clamando (e votando) contra a Dilma, prestam muito menos do que ela; além de vários terem denúncias e suspeitas de corrupção tão graves quanto as acusações contra a presidente afastada.

MC LC tem que comemorar mesmo! Toda vitória tem que ser celebrada. Vitória que só foi possível, porque jogaram o jogo político, e não ficaram negando a política. Se dependesse dos idiotas que negam a política, seríamos governado pelo PT por 50 anos, nos transformaríamos em Venezuela.

GA Eles estão contentes porque ao que tudo indica os partidos que dão sustentação a este movimento chegaram ao poder.

AL SE ELES PARAREM DE FALAR DO PT , PERDE A MESADA DO MÊS
.....KKKKKKKKKKK 15

ES Esquerdalhas se masturbando com sua própria bandeira:

FSC o choro é free

ML Meu Deus !! Esta Anta Comunista Oportunista Só fala dos Outros Países e dos outros Governos O de Lula etc ,mas não fala do nosso problema Atual do Brasil e do Povo !

TT Kkkk Kkkk essa é a globalização o Brasil não é uma ilha passa vergonha não.

DF VERDADE AMIGA....ESTOU P. O DIA INTEIRO CRISE NOS E.UNIDOS....E EM TODOS PAISES TEM CRISE...É UMA DOIDA. 20

DF

RS Xô comunistas, terroristas, amiguinhos do fidel castro, zé dircel, sadan, che guevara, genuíno, molusco bilionário, sadan, osama, hitler, maduro, hugo chavez e tantos outros ditadores terroristas, comunistas. Essa semana o verdadeiro povo brasileiro, estará livre desses vermelhos comunistas terroristas.

CO Mediocre, como sempre. Falta pouco logo nos veremos livres dela.

EM DF É... E O BRASIL ESTÁ ÓTIMO NA VISÃO DA LOUCA!!! MUITO EMPREGO, MUITA SEGURANÇA, MUITA EDUCAÇÃO PORNOGRÁFICA E ETC... É O PAÍS DAS MARAVILHAS!!! COMO ELA É BOAZINHA, MANDA NOSSO DINHEIRO PROS COMUNISTAS E ACHA QUE É TUDO NORMAL... JÁ TÁ DIFÍCIL DEMAIS OUVIR A VOZ DELA, QUANTO MAIS A REPETIÇÃO.

WB vc viu qual sua argumentação? com xingamentos, ódio, intolerância, seja mais inteligente em seus comentários. 25

MM Página errada. Vá para Conversaafiada.

AB Mas esse pessoal do MBL come o quê, pra falar tanta merda?

RP RSMK Dircel???? Nova configuração do Windows??? Kkkkkk

CN A polícia vai meter bomba em todo mundo, melhor não ir! 30

VMP pior agora o Cardozão contando estórias da carochinha...kkkk

RP O que eu acho mais interessante é a capacidade dos petistas de tentar ignorar que o governo PT foi O MAIS CORRUPTO DE TODA A NOSSA HISTÓRIA! Falam de votos, como se votos dessem direito a mentir, roubar, passar por cima das leis, aparelhar o Estado e destruir a Economia do país inteiro. O império da mentira desabou e não vai voltar, NUNCA MAIS !!!

MFC EM Voce falou tudo ontem qdo ela falava eu mudava da tv senado nao aguento mais ouvir as mesmas coisas

AB O RP lê a Veja, Magnus Vinci. Dá um desconto pro moço.

PP Pessoal para com isso.....A Janaina esta certa, Sergio Moro esta certo, somente a Dilma e o Lula roubaram nesse pais so vocês não veem que esse pais o partido que rouba é o PT os outros politicos são todos honestos possuem a reputação ILIBADA então parem com esse choro.....Fora PT e deixa os outros politicos e partidos "trabalhar".....hahahah Brasil Povo Conivente e Hipocritas! 35

JG AB, eles com do mesmo cardápio seu!

RS HOJE É DIA DE LEMBRAR DE TODOS OS MORTOS PELOS GRUPOS TERRORISTAS QUE A DILMA FEZ PARTE (VAL-PALMARES / COLINA):

ACB Porque vc. ta usando esse modelito vermelho na cabeça em VERDEPÁLIDA. Vai agarrar o MORO vai.....

GB ANTA PRA VOCE É ELOGIO, TU E PORCA MESMO, OVELHA QUE NÃO PASSOU NO TESTE QUALIDADE, COXINBHA ESTRAGADA, TOMARA QUE VOCE PERCA TEU EMPREGO

RD PF indicia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em processo da Lava Jato Lula - corrupção passiva, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro.Marisa Leticia - corrupção passiva e lavagem

de dinheiro. <http://g1.globo.com/.../pf-indicia-ex-presidente-lula...>
[PF indicia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em processo da...](#)
G1.GLOBO.COM 40

RD PGR não tem mais dúvidas de que Lula comandou trama contra a Lava Jato. Depoimento de Delcídio do Amaral, combinado a provas como mensagens eletrônicas e extratos telefônicos, reforçam a convicção dos investigadores de que o ex-presidente coordenou operação para comprar o silêncio de uma testemunha que poderia comprometerlo <http://veja.abril.com.br/.../pgr-nao-tem-mais-duvidas-de.../>

[PGR não tem mais dúvidas de que Lula comandou trama contra a...](#)
VEJA.ABRIL.COM.BR

RD O diálogo que compromete Dilma. Entre o primeiro e o segundo turno da eleição de 2014, o tesoureiro da campanha de Dilma, Edinho Silva, cobrou de Marcelo Odebrecht uma doação “por fora” no valor de R\$ 12 milhões para serem repassados ao marqueteiro João Santana e ao PMDB. Marcelo se recusou a fazer o repasse, mas diante da insistência de Edinho disse que iria procurar Dilma. Dias depois, em encontro pessoal, o empreiteiro e a presidente afastada mantiveram a conversa abaixo:— Presidente, resolvi procurar a sra. para saber o seguinte: é mesmo para efetuar o pagamento exigido pelo Edinho?, perguntou Odebrecht.— É para pagar, respondeu Dilma.

RD Muitas pessoas falam que têm políticos desonestos em todos os partidos, contudo o mal do PT, foi entrar para política se dizendo honesto, probo e ético, criticando os outros partidos, enquanto isso se tornava o partido mais corrupto da história do Brasil. Não inventou a corrupção, entretanto aumentou muito em seu governo. Essa quadrilha desclassificada do PT não vota nunca mais.

RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...Gerenciar>

[Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e...](#)
G1.GLOBO.COM

WB Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.

Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar. 45

RS Xô comunistas, terroristas, amiguinhos do fidel castro, zé dircel, sadan, che guevara, genuíno, molusco bilionário, sadan, osama, hitler, maduro, hugo chavez e tantos outros ditadores terroristas, comunistas. Essa semana o verdadeiro povo brasileiro, estará livre desses vermelhos comunistas terroristas.

WB RS Se havia alguma dúvida hoje já não há mais, minhas convicções em relação a Presidenta Dilma só aumentaram, sem dúvida esta mulher HONRADA e HONESTA deixou seu nome na história,, enfrentando de cabeça erguida, sem medo, e demonstrando que com quase 70 anos de idade ainda tem força para lutar.

RCF Hahahahaha olha..HONRADA E HONESTA...acho q ate ela daria risada desse comentario hahahahaha

PS: MBL eh o coco do cavalo do bandido! 🤔👁️



AMG Colega que pais VC vive ? Dilma honrada e honesta ! Me da licença né .

EM MT É... CADA UM OFERECE O QUE TEM!!! FAZER O QUE??? 50

UTPF VAI TNCU

CBS Kkkkkkkkk igual a ela... fazendo o mesmo... repetindo a mesma ladainha kkkkkkk

BB RS xô ditadores de direita que comandam o mundo através de manipulação!

DP Jura??? Sou burra demais para entender pelo menos a parte dos 30%,me explica...na minha faculdade não tinha essas contas... Por isso o país está assim...muito boa em conta de porcentagem.

BB DP vc fez faculdade? 🤔👁️ 55

LC E eu também não tenho nenhuma dúvida que você é um IMBECÍL, lunatico e chato kkkkk

IL DILMA GUERREIRA

LL Acho que as jamantas estão na página errada kkk

DA Vc repete isso .. a cada trecho...repete novamente ???

PRA VÊ SE CONVINCE VC MESMO ?? Acho que nem vc acredita !! Ela nunca foi honesta ...nem na época da ditadura....E quem com os porcos se junta farelhos come....E ela simplesmente NÃO RESPONDEU NADA DO QUE PERGUNTARAM...A não ser que é golpe ? Como se ela está diante de um parlamento que ASSIM COMO ELA FOI ELEITO PELO POVO....?? E será que vc é cego ou o PT paga suas contas também ? O povo Brasileiro cansou dessa ladainha ...até o Chico Buarque cansou de ouvir as mesmas respostas...já que pela falta de ...refaziam - lhe novamente as mesmas perguntas !! HONRADA E HONESTA....?? Só se for em outro cargo ...

ACEITA QUE DÓI MENOSO PT JÁ ERAAGORA SÓ QUEM ACEITA É A PAPUDA !!!

AP A mesma tática da ex presidente. Que escola!!!!

Repetir, repetir, repetir e repetir as mesmas coisas pois não tem argumento, nem respostas muito menos defesa para o indefensável . **60**

GHG Acabou a mortadela por lá?! Não venham procurar nada aqui porque não tem! Aliás, todos que estiverem nas ruas pedindo o impeachment, estiverem de graça! Um abraço! Bate lá na CUT, quem sabe sobrou um pãozinho!

AB De graça? É pra rir! Todo mundo sabe que esse MBL além de tirar dinheiro de trouxas como vocês, tem um gordo financiamento do PSDB, Temer e companhia.

EFB Kkkkk para fe ser burra não existe presidenta e nem presidente kkkkkk come mortadela

EKS

AA W,seria cômico se não fosse trágico este comentário seu sobre a Dilma.Procure os documentários sobre esta senhora que pertenceu grupo guerrilheiros que sequestrou,robou,matou em nome de uma suposta democracia,más na verdade queria implantar o comunismo no Brasil.Hoje,antigos colegas seus de combate revelam a verdade sobre esta impostora. **65**

AA Gisele H. Gracioso ,muito bem.

CV E essa QUADRILHA aqui???



CV Claro que ela teve que "repetir várias vezes": os senadores faziam a mesma pergunta. Queria que ela respondesse o que, cara de chibata???

LC Aprendeu bem esse aí. É só sair repetindo a mesma merda sem sentido 1 milhao de vezes que alguns idiotas passam a acreditar. Esse ganhou diploma de alienado petista.

AR O próximo a cair é o sr luláRapio, quer queira vc ou não. A verdade sempre aparece. 😊;70-)

CLG Falta do que fazer moço rs?

WB POBRE COXINHA

WB Kkkkkkkkkk boa Gustavo Frejat, deve ser uma alienada que se preocupa em só criticar, e não se preocupa em estudar.

EA Vagabundo sem vergonha... Respeita teus vizinhos que trabalham enquanto tu rouba.

IC Kkkkk 75

RS HOJE É DIA DE LEMBRAR DE TODOS OS MORTOS PELOS GRUPOS TERRORISTAS QUE A DILMA FEZ PARTE (VAL-PALMARES / COLINA):

RS HOJE É DIA DE LEMBRAR DE TODOS OS MORTOS PELOS GRUPOS TERRORISTAS QUE A DILMA FEZ PARTE (VAL-PALMARES / COLINA):

TA Dilma tem sequelas sérias, a questão não é política, pensamento totalmente desagregado. Tira o ponto do ouvido e vá chamar Janaína de Senadora....etc..

CL Esse teve uma overdose de mortadela....kkkkkk

SP Chorar é livre kkkkkkkkkkkkkk **80**

ZMS E o conjunto da obra

SG Você é muito folgado!!! VsF

RD Segundo relato do depoimento de Cerveró no texto do acordo de delação, "Dilma Rousseff tinha todas as informações sobre a refinaria de Pasadena". O texto diz ainda "que o Conselho de Administração não aprova temas com base em resumo executivo; que o projeto foi aprovado na Diretoria Executiva da Petrobras numa quinta e na sexta o projeto foi aprovado no Conselho de Administração; que esse procedimento não era usual".Em outro trecho, Cerveró diz "que não

corresponde à realidade" a afirmativa de Dilma Rousseff de que somente aprovou a aquisição porque não sabia das cláusulas do contrato que trouxeram prejuízo à Petrobras. Delatores. Diversos delatores da Lava Jato, entre eles o senador cassado Delcídio do Amaral (sem partido-MS), disseram ter havido "ilícitos" na compra da refinaria. Em 2014, o Tribunal de Contas da União (TCU) calculou um prejuízo de US\$ 792,3 milhões no negócio.

Delcídio confirma que agiu a mando de Lula e Dilma

Brasil 09.05.16 21:13
Delcídio do Amaral confirmou, na entrevista depois do insípido depoimento na CCJ, que obstruiu a Justiça a mando de Lula e Dilma.

O Instituto Lula mandou nota ao Jornal Nacional, para dizer que Delcídio mente.

Quem ainda acredita no Instituto Lula?

RD O diálogo que compromete Dilma. Entre o primeiro e o segundo turno da eleição de 2014, o tesoureiro da campanha de Dilma, Edinho Silva, cobrou de Marcelo Odebrecht uma doação "por fora" no valor de R\$ 12 milhões para serem repassados ao marqueteiro João Santana e ao PMDB. Marcelo se recusou a fazer o repasse, mas diante da insistência de Edinho disse que iria procurar Dilma. Dias depois, em encontro pessoal, o empreiteiro e a presidente afastada mantiveram a conversa abaixo:— Presidente, resolvi procurar a sra. para saber o seguinte: é mesmo para efetuar o pagamento exigido pelo Edinho?, perguntou Odebrecht.— É para pagar, respondeu Dilma.



RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...Gerenciar>

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e...

G1.GLOBO.COM **85**

RD Lula e a Dilma foram surpreendidos em grampos conspirando contra a Lava Jato, o ex-ministro Mercadante foi surpreendido em gravação tentando obstruir a Lava Jato, o Delcídio, Líder do PT à época, foi flagrado em gravação tentando obstruir a Lava Jato... Dilma não é inocente e uma criminosa.



RD Muitas pessoas falam que têm políticos desonestos em todos os partidos, contudo o mal do PT, foi entrar para política se dizendo honesto, probo e ético, criticando os outros partidos, enquanto isso se tornava o partido mais corrupto da história do Brasil. Não inventou a corrupção, entretanto aumentou muito em seu governo. Essa quadrilha desclassificada do PT não vota nunca mais.



SA Dilma mulher honesta, vamos rir kkkkkkkkkkkkkllllllkk

SA

ARKKI Se havia alguma dúvida agora com a ladainha do golpe sem apresentarem defesa clara a senhora e 70 anos que vá voltar a pegar em armas , na venezuela ou Cuba tchau querida!!!! **90**

SP Para os desesperados de plantão se juntem a eles kkkkkkk



WLJT

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1206624232723019&id=100001263622723 Gerenciar



00:17

358 visualizações

Wanisa Ludmila Jankosz Trova [Seguir](#)

30 de agosto de 2016

Senadores votem SIM PARA O impeachment!!!

Ana Amélia Lemos, Ronaldo Caiado, Magno Malta, Álvaro Dias, Roberto Requião, Cássio Cunha Lima, Delegado Franceschini.

RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...>

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e...

G1.GLOBO.COM

RD



95

RD



110

RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...>

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e...

G1.GLOBO.COM

RD O diálogo que compromete Dilma Entre o primeiro e o segundo turno da eleição de 2014, o tesoureiro da campanha de Dilma, Edinho Silva, cobrou de Marcelo Odebrecht uma doação “por fora” no valor de R\$ 12 milhões para serem repassados ao marqueteiro João Santana e ao PMDB. Marcelo se recusou a fazer o repasse, mas diante da insistência de Edinho disse que iria procurar Dilma. Dias depois, em encontro pessoal, o empreiteiro e a presidente afastada mantiveram a conversa abaixo:— Presidente, resolvi procurar a sra. para saber o seguinte: é mesmo para efetuar o pagamento exigido pelo Edinho?, perguntou Odebrecht.— É para pagar, respondeu Dilma.



RD Segundo relato do depoimento de Cerveró no texto do acordo de delação, "Dilma Rousseff tinha todas as informações sobre a refinaria de Pasadena". O texto diz ainda "que o Conselho de Administração não aprova temas com base em resumo executivo; que o projeto foi aprovado na Diretoria Executiva da Petrobras numa quinta e na sexta o projeto foi aprovado no Conselho de Administração; que esse procedimento não era usual". Em outro trecho, Cerveró diz "que não corresponde à realidade" a afirmativa de Dilma Rousseff de que somente aprovou a aquisição porque não sabia das cláusulas do contrato que trouxeram prejuízo à Petrobras. Delatores. Diversos delatores da Lava Jato, entre eles o senador cassado Delcídio do Amaral (sem partido-MS), disseram ter havido "ilícitos" na compra da refinaria. Em 2014, o Tribunal de Contas da União (TCU) calculou um prejuízo de US\$ 792,3 milhões no negócio.

Delcídio confirma que agiu a mando de Lula e Dilma

Brasil 09.05.16 21:13

Delcídio do Amaral confirmou, na entrevista depois do insípido depoimento na CCI, que obstruiu a Justiça a mando de Lula e Dilma.

O Instituto Lula mandou nota ao Jornal Nacional, para dizer que Delcídio mente.

Quem ainda acredita no Instituto Lula?

RD Muitas pessoas falam que têm políticos desonestos em todos os partidos, contudo o mal do PT, foi entrar para política se dizendo honesto, probo e ético, criticando os outros partidos, enquanto isso se tornava o partido mais corrupto da história do Brasil. Não inventou a corrupção, entretanto aumentou muito em seu governo. Essa quadrilha desclassificada do PT não vota nunca mais.

A Lava Jato está esperando Lula

Brasil 06.05.16 14:12

A denúncia envolvendo Delúbio Soares, Marcos Valério, José Carlos Bumlai e Ronan Maria Pinto não se refere apenas ao assassinato de Celso Daniel.

Ela se refere principalmente à propina da sonda Vitória 10.000, que foi paga ao PT pelo banco Schahin.

Quem embolsou essa propina de 60 milhões de reais foi Lula, em 2006. Ele será condenado por causa disso. A Lava Jato, com suas denúncias de hoje, mostra que ele não tem a menor possibilidade de escapar.

115

FGC fala por voce !! MBLC (movimento brasileiro livre corrupto) julga um partido e defende PMDB, PSDB ?? ha faz o favor nunca que eles estao pelo combate a corrupcao querem e uma boquinha e cargos.

FGC sou mas o MCC - Movimento contra corrupcao - transparencia isso sim e uma causa nao se aliar com padrinhos de nenhum partido, por isso o greepeace nao aceita doacoes de empresa e governo para nao ter rabo preso

NC Temer, Cunha, e os deputados corruptos também agradecem a absolvição e o fim da lava jato e eles continuarem a roubar-nos tranqüilamente sem intervenções.....

Adriano Lucio O GOLPE NÃO FOI CONTRA UM GOVERNO.
O GOLPE NÃO FOI CONTRA O PT.
O GOLPE FOI CONTRA VOCÊ E CONTRA O BRASIL

#ForaTemer

#TodosàsRuas

RP Vou agradecer quando o Kim Katavento resolver parar de falar merda e ir estudar 120

LL Kkkkkkkkkkkkkkkkk.. MBL do amiguinho do cunha rs

AL Já vão gastar o dinheiro que ganhou dos padrinhos.....kkkkkkkk

VR Coitada da Maria, que só.

RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...>

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e...

G1.GLOBO.COM

RD

Chega! Basta!



Embora o Lula trate a nação como se constituída por imbecis, idiotas e alienados, o Brasil não deve esquecer esta frase:

“Nunca fiz nada que o Lula não soubesse”,
José Dirceu, em meio à eclosão do mensalão.

125

RD

FARSA, CINISMO, CANALHICE!!!



TIRANOS FALANDO DE DEMOCRACIA,
LADRÕES FALANDO DE LEGALIDADE,
USURPADORES FALANDO DE PARTILHA,
MENTIROSOS FALANDO DE TRAIÇÃO,
IMPOPULARES FALANDO PELO POVO,
SEM VERGONHAS FALANDO DE MORAL,
ENCASTELADOS FALANDO PELO POBRE!

RD

Abrindo vaga para o Lula



← Cade o sorriso de Dona Kézia?

O japa da Federal voltou! Feira (o marqueteiro do PT) e Dona Kézia (esposa), o Alcolólico (Gim Argelo) e o empresário de Santo André (SP) Ronan Maria Pinto foram transferidos para o Complexo Médico-Penal, abrindo 4 vagas na carceragem da PF.

RD

RD Lula e a Dilma foram surpreendidos em grampos conspirando contra a Lava Jato, o ex-ministro Mercadante foi surpreendido em gravação tentando obstruir a Lava Jato, o Delcídio, Líder do PT à época, foi flagrado em gravação tentando obstruir a Lava Jato... Dilma não é inocente e uma criminosa.

**RD**

130

RD**RD****RD****RD****RD**



135

RDRDRDRDRD

140

AL Reis Duarte, POSTAR FOTO, MEMES E MATÉRIA DE JORNAL TAMBÉM SEI FAZER, DE QUAL PARTIDO VOCÊ QUER? PMBD, PSDB, DEM, PDT PRO DO PRÓPRIO PT,TA QUERENDO O QUE SEU ANALFABETO POLÍTICO FUNCIONAL.

AL TEM DESSA PAGINA DE GOLPISTAS TAMBÉM , SE QUISER QUE EU ENCHO ELA, É SÓ FALAR.

ES Esquerdalha se masturbando com sua própria bandeira:



ES



ES Convidados do enterro da esquerdalha: Gerenciar



145

CEAS A maior massa de manobra do Brasil. Comemoram a saída de corruptos para colocar outros tão ruins ou piores. São postagens como essas que tiram a esperança de qualquer brasileiro que queira um futuro melhor. O momento político Brasileiro é dramático, uma presidente está sendo deposta para um partido que sempre foi o braço direito dele assumir, tão corrupto quanto, que participou de todos os esquemas de desvio de recursos... sinceramente, não é questão de ser burro ou inteligente, ou uma questão de orientação ideológica, mas é uma questão de bom senso. Vai me desculpar, mas ninguém que quer o bem do país está comemorando momento político atual!

LH Sai daí cx2

MPS Mas onde q falaram em comemorar a situação atual do Brasil? O post é pra comemorar o impeachment. Precisa aprender a ler cara..

CEAS Mencionei o momento político atual... acho que não sou eu que preciso aprender a ler...

OCBR Comemorar? Como é isso? Sai Dilma e ainda temos Cunha, Renan, Lula, e um governo que agora temos que acompanhar... A luta continua... 150

MJMS Nós participantes desta luta pela derrubada do projeto criminoso de poder, vamos comemorar a primeira batalha ganha e consolidar a nossa união para continuar lutando para varrer do poder as velhas raposas. O preço do sucesso é a eterna vigilância. Vamos ficar vigilantes e começar exigir dos políticos que trabalhem em prol do Brasil e que cumpra as leis.

OCBR Essa é a ideia. Comemorar por uma hora e retomar a luta. Muito o que fazer!

AR Uma coisa por vez

LS Só aceito comemorar quando ver todos os corruptos derrotados. Não contem comigo pra patifarias!

CV Isso D. MJMS primeiro a gente tira a Dilma, depois a gente volta e tira o resto, não é isso????

😂😂😂😂😂😂😂😂 155

GR Vai ser grande a decepção é a frustração daqueles que acreditam que o MBL E O VEM PRA RUA. Querem mesmo limpar o país da corrupção e dos políticos corruptos! Basta observar e aguardar o pós impeachment!

RD Muitas pessoas falam que têm políticos desonestos em todos os partidos, contudo o mal do PT, foi entrar para política se dizendo honesto, probo e ético, criticando os outros partidos, enquanto isso se tornava o partido mais corrupto da história do Brasil. Não inventou a corrupção, entretanto aumentou muito em seu governo. Essa quadrilha desclassificada do PT não vota nunca

mais.

RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...> G1.GLOBO.COM

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula,...

RD Lula e a Dilma foram surpreendidos em grampos conspirando contra a Lava Jato, o ex-ministro Mercadante foi surpreendido em gravação tentando obstruir a Lava Jato, o Delcídio, Líder do PT à época, foi flagrado em gravação tentando obstruir a Lava Jato... Dilma não é inocente e uma criminosa.

GHG Independente do que o MBL é hoje, a verdade é que se esse movimento, junto ao Vem Pra Rua e outros não tivessem se organizado para levar o povo para as ruas há um ano esse impeachment não estaria sendo concretizado hoje. Esse impeachment só foi para a frente pela força do povo. E quem está descontente com o MBL que se organize para ir para as ruas lutar por suas causas. Também não acho Michel Temer o melhor dos mundos, mas o impeachment é sim, hoje, para o mercado, o melhor que pode acontecer para o Brasil! **160**

VCS Cê tá bem equivocada. Td começou em 2013...

MK Quando o MBL brigou pelo povo todos foram e ajudaram, mas agora que não ha mais qualquer interesse deles em nada então deixa como ta né? Afinal de contas acabou a corrupção e as manifestações eram pra acabar com a corrupção

GR Amada! Isso aqui é a força do povo! Esse é o povo que está lutando quase todos os dias contra essa palhaçada toda! Esse é o povo que sofre verdadeiramente com toda a corrupção é sacanagem deste nosso País!

MGK Eu diria..... começou bem.... pela dilma..... agora os outros se comportem..... a luta continua....

UEE Acorda Brasil ! Há anos que a suprema corte do Brasil si mantém a apadrinhar políticos corruptos neste país. Claro que não são todos os ministros ! É sabido por todos nós quem é quem nesta armadilha judiciária. A suprema corte não consegue condenar nem mesmo os que si entregam a sua porta. O sr. Luiz Inácio Lula da Silva e sua quadrilha com certeza não vão ser alcançados e processados por esta corte que aí está. Vão sentar no processo e protelar por anos e anos a fio. A famigerada PGR está fazendo o jogo de leva e traz , as nossas instituições constituídas estão em sua maioria corrompidas. Somente o povo indo as ruas em megas manifestações e cobrando do pouco que ainda resta da nossa justiça , teremos uma chance de banir essa quadrilha de corruptos que si instalou no governo do nosso país. Acorda Brasil mostra a sua cara.!!!. **165**

ACM Quais são e quais não são?

LB pra mim tem que sair a dilma e o temer

RS Xô comunistas, terroristas, amiguinhos do fidel castro, zé dircel, sadan, che guevara, genuíno, molusco bilionário, sadan, osama, hitler, maduro, hugo chavez e tantos outros ditadores terroristas, comunistas. Essa semana o verdadeiro povo brasileiro, estará livre desses vermelhos comunistas terroristas.

EM TEMOS QUE PEDIR NOVO STJ, CONCURSADO E APARTIDÁRIO!!! E DE PREFERÊNCIA COM MUDANÇA DE 4 EM 4 ANOS, É BEM MAIS SEGURO.

RD GF, como você é inteligente defendendo bandidos e corruptos, KKKKK. Seu nível deve ser muito alto sendo você petista e defensor de ladrão. Olha o que seu líder bandido pensa de você. Sua capacidade de raciocínio deve ser muito grande, já que acredita que Lula e sua quadrilha é inocente. **170**

RD GF, Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...> G1.GLOBO.COM

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula,...

RD O diálogo que compromete Dilma
Entre o primeiro e o segundo turno da eleição de 2014, o tesoureiro da campanha de Dilma, Edinho Silva, cobrou de Marcelo Odebrecht uma doação “por fora” no valor de R\$ 12 milhões

para serem repassados ao marqueteiro João Santana e ao PMDB. Marcelo se recusou a fazer o repasse, mas diante da insistência de Edinho disse que iria procurar Dilma. Dias depois, em encontro pessoal, o empreiteiro e a presidente afastada mantiveram a conversa abaixo:— Presidente, resolvi procurar a sra. para saber o seguinte: é mesmo para efetuar o pagamento exigido pelo Edinho?, perguntou Odebrecht.— É para pagar, respondeu Dilma.

RS HOJE É DIA DE LEMBRAR DE TODOS OS MORTOS PELOS GRUPOS TERRORISTAS QUE A DILMA FEZ PARTE (VAL-PALMARES / COLINA): Mário Kozel Filho, Noel de Oliveira Ramos, Charles Rodney Chandler, Estanislau Ignácio Correia, Orlando Pinto da Silva, Garibaldi de Queiroz, Hélio de Carvalho Araújo, Sílvio Nunes Alves, Cidelino Palmeiras do Nascimento, Aparecido dos Santos Oliveira, José do Amaral, David A. Cuthberg, Sílvio Nunes Alves, José Antunes Ferreira, Edward Ernest Tito e Wenceslau Ramalho Leite.

RD

RD 175

JM Concordo que tenha impeachment, mas discordo que se deva comemorar, vai comemorar o que? O país ainda está um caos. Só irei comemorar quando houver motivos. Hoje o Brasil está em luto, fomos roubados, desemprego. Hoje é o dia de alívio, o pior assim esperamos já passou. Comemorar só quando ver nosso Brasil crescendo e ter o potencial que sempre esperamos.

JA Seus _____ lixos _____ ,

Protótipos de políticos lixos igual seus padrinhos Não tem berço , não tem respeito.

Como pode comemorar um ato desse costurado por alianças de cunho pessoal e executada por um bando _____ de _____ bandidos _____ igual _____ vcs _____ ?

Pois _____ como _____ pode _____ um _____ sujo _____ falar _____ de _____ um _____ mau _____ lavado _____ ?

Todos _____ , eu disse _____ , todos vcs "políticos" são a escória de nosso amado Brasil _____ .

E pior que existem os que colocam lixo como vcs no poder.

Estes _____ são _____ mais _____ idiotas _____ ainda _____ !

Nunca terão meu voto !

CCE

JA Se gritar pega ladrão , não fica um meu irmão !

CT Não _____ responde _____ nada _____ com _____ nada Perguntam A e ela responde B parece um papagaio só repete as mesmas coisas. Mudam a pergunta é _____ a _____ respostas _____ são _____ as _____ mesmas. Chega _____ de _____ blá _____ blá _____ blá Ninguém te suporta mais. **180**

IL É pq as acusações são sem nexos aí fica complicado msm argumentar com pessoas sem base jurídica

AB Acho que você estava assistindo o julgamento errado. Eles é que não faziam perguntas a respeito do que realmente ela era acusada. Mas como o argumento da acusação é fraco, e não existe crime nenhum, o que poderia se esperar desses acusadores? Agora entendo também que é muito complexo para certos cérebros compreenderem essa questão. Então há que se repetir várias vezes. Se ainda assim não entenderem, então não tem jeito: é burrice, é cegueira ou retardo mesmo

RB Fique com os Senadores vendidos, e limitados !!! As perguntas elaboradas para a Presidente eram repetidas e com propósitos claros para a desestabilização do equilíbrio da ré .

CT Não _____ houve _____ crime _____ nenhum???? Tem que rir pra não chorar, enquanto pessoas como você defendem estes bandidos, eles estão com as contas recheadas para várias gerações e você ??? Tem que ser cego ou mt imbecil pra não ver que nossos políticos são os maiores bandidos do país, o PT não teve nem o trabalho de esconder a roubalheira

CT Não adiantava mudar as perguntas porque as respostas eram as mesmas kkk. Não foi o Lula a Dilma e Cia do PT que quebraram o país. Foi is USA, a China, a crise mundial, o volume morto das represas, blá blá,bla Está figura deprimente e a nossa presidente. Só Jesus na causa e o Senado derrubando está terrorista. **185**

FC Que canal você estava assistindo?

CV E as perguntas são nada com coisa alguma também.... Por ex: o que vc achou do impitiman do Collor??? E o movimento fora Dilma, começou nas ruas!? Você concorda?? Você fez pacto com o Diabo para ser reeleita?? Isso são perguntas para serem feitas em um momento desse???

RB AB adorei os seus comentários!!!!

AB Quem assistiu a Tv Senado pode ver que as perguntas dos Senadores, acusadores, não juízes, eram as mesmas, ou não tinham nada a ver com a peça acusatória. Teve um que chegou a perguntar o que ela achava do que a Senadora Gleisi tinha falado. Lamentável o nível. O pior é que o mundo inteiro tá vendo isso.

CV Verdade AB. Nossos senadores são abutres.... Nao falam nada relacionado ao suposto crime!
190

LFF Se os senadores votassem pela permanência da Dilma aí não seria golpe.

ARKK Ela foi LÁ para fazer uma propaganda do google verno dela, estão fazendo um filme...a band am falou ontem que lançamento (pt) um documentário sobre o pseudo golpe, aí - mês tiram as falas dos contra a anta e o circo estará pronto.

ARKK Do governo dela.....

RD Muitas pessoas falam que têm políticos desonestos em todos os partidos, contudo o mal do PT, foi entrar para política se dizendo honesto, probo e ético, criticando os outros partidos, enquanto isso se tornava o partido mais corrupto da história do Brasil. Não inventou a corrupção, entretanto aumentou muito em seu governo. Essa quadrilha desclassificada do PT não vota nunca mais.

RD Segundo relato do depoimento de Cerveró no texto do acordo de delação, "Dilma Rousseff tinha todas as informações sobre a refinaria de Pasadena". O texto diz ainda "que o Conselho de Administração não aprova temas com base em resumo executivo; que o projeto foi aprovado na Diretoria Executiva da Petrobras numa quinta e na sexta o projeto foi aprovado no Conselho de Administração; que esse procedimento não era usual".Em outro trecho, Cerveró diz "que não corresponde à realidade" a afirmativa de Dilma Rousseff de que somente aprovou a aquisição porque não sabia das cláusulas do contrato que trouxeram prejuízo à Petrobras.Delatores. Diversos delatores da Lava Jato, entre eles o senador cassado Delcídio do Amaral (sem partido-MS), disseram ter havido "ilícitos" na compra da refinaria. Em 2014, o Tribunal de Contas da União (TCU) calculou um prejuízo de US\$ 792,3 milhões no negócio. **195**

RD O diálogo que compromete Dilma Entre o primeiro e o segundo turno da eleição de 2014, o tesoureiro da campanha de Dilma, Edinho Silva, cobrou de Marcelo Odebrecht uma doação "por fora" no valor de R\$ 12 milhões para serem repassados ao marqueteiro João Santana e ao PMDB. Marcelo se recusou a fazer o repasse, mas diante da insistência de Edinho disse que iria procurar Dilma. Dias depois, em encontro pessoal, o empreiteiro e a presidente afastada mantiveram a conversa abaixo:– Presidente, resolvi procurar a sra. para saber o seguinte: é mesmo para efetuar o pagamento exigido pelo Edinho?, perguntou Odebrecht.– É para pagar, respondeu Dilma.

RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante.Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça.Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ.<http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...>
G1.GLOBO.COM

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula,...

RD Lula e a Dilma foram surpreendidos em grampos conspirando contra a Lava Jato, o ex-ministro Mercadante foi surpreendido em gravação tentando obstruir a Lava Jato, o Delcidio, Líder do PT à época, foi flagrado em gravação tentando obstruir a Lava Jato... Dilma não é inocente e uma criminosa.

RD

RD 200

RD

RB CT Fique com o Temer, Cunha e Aécio. Vc merece !!!!! 🍀🍀

RB LF honestidade no Brasil é para poucos !!!!

RB LF hah

RB CT por favor, mantenha a distância.... ignorância pode ser contagiosa !!! 205

RB RD kkkkkkk corre e entrega as provas , das mentiras só verbalizadas !!!!

AB Vão fazer festa na pqp! Safados financiados pelo que mais de imundo tem no Brasil! São criminosos iguais! E os que seguem vocês parecem zumbis ou robôs que repetem a mesma coisa e tem o mesmo argumento raso de quem não sabem nem do que estão falando. Uma máquina de arrancar dinheiro de trouxas como vocês que defendem esse "movimento".

CCE

AB C Como Educar não adianta colocar fotinho antiga. O processo do Collor foi bem diferente disso. O problema de vocês é querer encontrar agulha em palheiro pra justificar esse golpe. Conseguem enganar uns idiotas que se levam pelas mídias odiosas e por líderes obscuros como esse tal de Kim.

PCP Só lembrando que collar foi considerado inocente mas renunciou antes do fim do processo, pimenta no rabo dos outros é refresco. Foi golpee 210

AB Quem tem o rabo preso, culpa no cartório e é covarde, renuncia mesmo. Quem é inocente, corajosa e honrada, enfrenta seus algozes essa é a diferença. Isso vocês não vão aceitar e não vão entender nunca! É demais pra capacidade intelectual de vocês!

MK Vote Fernando Holiday kkkkkkkkk contra o fim da corrupção

FC

FC AB vamos aceitar que realmente foi golpe. Beleza. Mas deixando o golpe de lado, nao tem como aceitar uma pessoa como presidente que mal sabe falar, se perde nas palavras, é burra, mentirosa e esta levando o nosso país pro fundo do poço. Uma pessoa que nao houve ninguém, não aceita opiniões. Isso é um dos motivos que estão a levando ao seu impeachment. Sei que é duro para vcs, mas vamos em frente, vamos tirar ela, depois o resto.

AB FC eu não acredito em "história da carochinha". Depois no golpe não vai ter mais nada. E quem tá comprando essa idéia vai cair do cavalo. E não vai ter direito a reclamar, não vai ter "panelaço", nem ninguém na rua. O objetivo desse circo hediondo vai ser cumprido e só. O resto é só piorar. Mas é claro, tudo o que der errado, o fracasso de Temer ou do próximo presidente, vai ser sempre culpa dela ou do partido. Enquanto isso os vedadeiros ladrões, corruptos, o vedadeiro câncer do nosso País, tá só crescendo e engolindo o povo. E como na maioria dessa doença quando descoberto já estará em estado avançado. 215

FC AB todos nós, esperamos que você esteja enganada! 😊😁

SR Se o argumento for que a presidente não sabe falar. Vamos parar de votar em gente burra minha gente. Como tiririca , netinho e o clube todo de cantores que não possuem qualificação para estar na política.

FC SR fato!

RD Realmente foi muito esclarecedora as respostas de Dilma, kkkk Dilma SE ENROLA COM

OS NÚMEROS:" 30% de 30% não é 30%".... Reflexão do dia:<https://www.youtube.com/watch?v=A1K4rlBFT2w>



YOUTUBE.COM

Dilma SE ENROLA COM OS NÚMEROS:" 30% de 30% não...

RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...>
G1.GLOBO.COM

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula,... 220

RD O diálogo que compromete Dilma Entre o primeiro e o segundo turno da eleição de 2014, o tesoureiro da campanha de Dilma, Edinho Silva, cobrou de Marcelo Odebrecht uma doação "por fora" no valor de R\$ 12 milhões para serem repassados ao marqueteiro João Santana e ao PMDB. Marcelo se recusou a fazer o repasse, mas diante da insistência de Edinho disse que iria procurar Dilma. Dias depois, em encontro pessoal, o empreiteiro e a presidente afastada mantiveram a conversa abaixo:— Presidente, resolvi procurar a sra. para saber o seguinte: é mesmo para efetuar o pagamento exigido pelo Edinho?, perguntou Odebrecht.— É para pagar, respondeu Dilma.



RD Segundo relato do depoimento de Cerveró no texto do acordo de delação, "Dilma Rousseff tinha todas as informações sobre a refinaria de Pasadena". O texto diz ainda "que o Conselho de Administração não aprova temas com base em resumo executivo; que o projeto foi aprovado na Diretoria Executiva da Petrobras numa quinta e na sexta o projeto foi aprovado no Conselho de Administração; que esse procedimento não era usual". Em outro trecho, Cerveró diz "que não corresponde à realidade" a afirmativa de Dilma Rousseff de que somente aprovou a aquisição porque não sabia das cláusulas do contrato que trouxeram prejuízo à Petrobras. Delatores. Diversos delatores da Lava Jato, entre eles o senador cassado Delcídio do Amaral (sem partido-MS), disseram ter havido "ilícitos" na compra da refinaria. Em 2014, o Tribunal de Contas da União (TCU) calculou um prejuízo de US\$ 792,3 milhões no negócio.

Delcídio confirma que agiu a mando de Lula e Dilma

Brasil 09.05.16 21:13

Delcídio do Amaral confirmou, na entrevista depois do insípido depoimento na CCIJ, que obstruiu a Justiça a mando de Lula e Dilma.

O Instituto Lula mandou nota ao Jornal Nacional, para dizer que Delcídio mente.

Quem ainda acredita no Instituto Lula?

RD Muitas pessoas falam que têm políticos desonestos em todos os partidos, contudo o mal do PT foi entrar para política se dizendo honesto, probo e ético, criticando os outros partidos, enquanto isso se tornava o partido mais corrupto da história do Brasil. Não inventou a corrupção, entretanto aumentou muito em seu governo. Essa quadrilha desclassificada do PT não vota nunca mais.



RD PGR não tem mais dúvidas de que Lula comandou trama contra a Lava Jato. Depoimento de Delcídio do Amaral, combinado a provas como mensagens eletrônicas e extratos telefônicos, reforçam a convicção dos investigadores de que o ex-presidente coordenou operação para comprar o silêncio de uma testemunha que poderia comprometê-lo



225

AB Blá blá blá blá.blá blá...

AB Quando ouço um Cientista Político analisar nosso cenário atual, tenho uma tristeza... De enxergar melhor o que está acontecendo DE FATO no Brasil. Me entristeço também por ver que, por viver correndo atrás do sustento, não tenho tempo suficiente para me instruir melhor do que está por trás disto tudo. Na correria, assistimos o que está mais a mão: TV Globo e CBN, que nos bitola, nos fazendo acreditar nesta manipulação dos fatos, desejável por eles. A Dilma representa hoje, não um exemplo de governança desejável (os tropeços foram demasiado grandes), mas um símbolo de resistência que nos dá orgulho: É preciso resistir ao que estão fazendo conosco. A construção de uma Matrix, para que não consigamos resistir ao futuro nefasto que estão preparando pra nós ... E ela foi, com muita dignidade, até o fim. Sustentando seus atos. Que nos brasileiros também possamos seguir, com dignidade até o fim a Dizer: estou vendo... E não aceito!!!

RD



RD



RD



230

RD**RD**

RD PGR não tem mais dúvidas de que Lula comandou trama contra a Lava Jato. Depoimento de Delcídio do Amaral, combinado a provas como mensagens eletrônicas e extratos telefônicos, reforçam a convicção dos investigadores de que o ex-presidente coordenou operação para comprar o silêncio de uma testemunha que poderia comprometê-lo <http://veja.abril.com.br/.../pgr-nao-tem-mais-duvidas-de-.../>
VEJA.ABRIL.COM.BR

PGR não tem mais dúvidas de que Lula comandou trama...

RD PF indícia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em processo da Lava Jato. Lula - corrupção passiva, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro. Marisa Letícia - corrupção passiva e lavagem de dinheiro <http://g1.globo.com/.../pf-indicia-ex-presidente-lula...>

G1.GLOBO.COM

PF indícia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em... 235**RD**

CILS A fala Dilma foi tão arrebatadora e esclarecedora que tudo o que os golpistas tem, são trechos retirados e sem contexto algum, que tentam embaraçar a presidenta. Parece o velho apelou, perdeu.

VP E a fala dela é tão esclarecedora quanto a da mandioca.

FC VP kkkkkkkkkkk

FC LF kkkkkkkkk 240

RD Ela não vai só perder o governo, irá perder também o foro privilegiado. Curitiba espera a ensacadora de vento para ver o sol nascer quadrado. Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...>

G1.GLOBO.COM

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula,...

RD Lula e a Dilma foram surpreendidos em grampos conspirando contra a Lava Jato, o ex-ministro Mercadante foi surpreendido em gravação tentando obstruir a Lava Jato, o Delcídio, Líder do PT à época, foi flagrado em gravação tentando obstruir a Lava Jato... Dilma não é inocente e uma criminosa.

O Judiciário é golpista, o Ministério Público é golpista, o Legislativo é golpista, o TCU é golpista, a OAB é golpista, os veículos de comunicação são golpistas, mais de 90% da população é golpista. O PAPA é golpista, só não é golpista a turma do mensalão, do petróleo, do eletrolão, e meia dúzia de militontos, que aceitam ir às ruas por 30 reais, um pão com mortadela e uma camisa da CUT.

RD Realmente foi muito esclarecedora as respostas de Dilma, kkkk Dilma SE ENROLA COM OS NÚMEROS:" 30% de 30% não é 30%"... Reflexão do dia: <https://www.youtube.com/watch?v=A1K4r1BFT2w>



YOUTUBE.COM

Dilma SE ENROLA COM OS NÚMEROS:" 30% de 30% não...

RD

Chega! Basta!



Embora o Lula trate a nação como se constituída por imbecis, idiotas e alienados, o Brasil não deve esquecer esta frase:

“Nunca fiz nada que o Lula não soubesse”,
José Dirceu, em meio à eclosão do mensalão.

RD

FARSA, CINISMO, CANALHICE!!!



TIRANOS FALANDO DE DEMOCRACIA,
LADRÕES FALANDO DE LEGALIDADE,
USURPADORES FALANDO DE PARTILHA,
MENTISOSOS FALANDO DE TRAIÇÃO,
IMPOPULARES FALANDO PELO POVO,
SEM VERGONHAS FALANDO DE MORAL,
ENCATELADOS FALANDO PELO POBRE!

245

RD



Eu roubei as cardenetas de poupanças do país e sofri impeachment.



Eu robei o país inteiro e os otários continuam me amando.

RD PGR não tem mais dúvidas de que Lula comandou trama contra a Lava Jato Depoimento de Delcídio do Amaral, combinado a provas como mensagens eletrônicas e extratos telefônicos, reforçam a convicção dos investigadores de que o ex-presidente coordenou operação para comprar o silêncio de uma testemunha que poderia comprometê-lo <http://veja.abril.com.br/.../pgr-nao-tem-mais-duvidas-de-.../>

VEJA.ABRIL.COM.BR

PGR não tem mais dúvidas de que Lula comandou trama...

Reis Duarte PF indícia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em processo da Lava Jato. Lula - corrupção passiva, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro Marisa Leticia - corrupção passiva e lavagem de dinheiro <http://g1.globo.com/.../pf-indicia-ex-presidente-lula...>

G1.GLOBO.COM

PF indícia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em...

RD O diálogo que compromete Dilma

Entre o primeiro e o segundo turno da eleição de 2014, o tesoureiro da campanha de Dilma, Edinho Silva, cobrou de Marcelo Odebrecht uma doação “por fora” no valor de R\$ 12 milhões para serem repassados ao marqueteiro João Santana e ao PMDB. Marcelo se recusou a fazer o repasse, mas diante da insistência de Edinho disse que iria procurar Dilma. Dias depois, em encontro pessoal, o empreiteiro e a presidente afastada mantiveram a conversa abaixo:— Presidente, resolvi procurar a sra. para saber o seguinte: é mesmo para efetuar o pagamento exigido pelo Edinho?, perguntou Odebrecht.— É para pagar, respondeu Dilma.



VP Mesmo se declarando apartidário, o MBL recebeu ajuda financeira partidos políticos que se beneficiaram com a saída de Dilma. Agora, tem o disprante de pedir dinheiro aos cidadãos. Vocês não precisam do nosso dinheiro já tem os partidos golpistas para isso. **250**

VS Mas ainda não é momento para comemorar MBL, a luta ainda nem começou, enquanto o Brasil não for extinto da estratégia esquerdista, mudando a forma de pensar das pessoas, retirando cada comunista e agentes de influência dos meios públicos e privados, não terá como comemorar pra valer.

MU O plano B da esquerda é o "REDE", temos que ficar atendo com essa Marina Silva...

IL A ESQUERDA VAI RESISTIR VCS SÓ NOS FORTALECERAM ESPEREM 2018

AB A Marina é uma mocoronga. De onde tirou essa idéia. São burros, mas são criativos.

GR Vai ser grande a decepção é a frustração daqueles que acreditam que o MBL E O VEM PRA RUA. Querem mesmo limpar o país da corrupção e dos políticos corruptos! Basta observar e aguardar o pos impeachment! **255**

JM V, me responde uma coisa, onde há comunistas? E como retirar cada comunista? Agentes de influência nos meios públicos e privados, exemplos?

RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...>
 G1.GLOBO.COM

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula,...

RD PF indícia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em processo da Lava Jato. Lula - corrupção passiva, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro Marisa Leticia - corrupção passiva e lavagem de dinheiro <http://g1.globo.com/.../pf-indicia-ex-presidente-lula...>

G1.GLOBO.COM

PF indícia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em...

AMG Acho que ainda não é hora de comemorar , quero Dilma bem longe nos quintos dos infernos ,mais não podemos esquecer que ainda existe o chefe da facção criminosa o pinguço do lula o ditador maior também tem que cair fora de vez , temos que voltar pras ruas.

SC Que feio .nossa que odio. vai te catar **260**

AMG Se VC é a favor de bandidos problema é teu ! Eu não ?

MK A falta o Aécio, Cunha, Calheiro e vc acha que é só o Lula??

AMG Concordo com VC é uma mafia maldita que toma conta do nosso país, mais infelizmente em 2018 o povo coloca lá os mesmos bandidos , por isso sou a favor da intervenção militar.

GR Vai ser grande a decepção é a frustração daqueles que acreditam que o MBL E O VEM PRA RUA. Querem mesmo limpar o país da corrupção e dos políticos corruptos! Basta observar e aguardar o pos impeachment!

JTBB AMG To vendo. vc é a favor de quem? **265**

SC Nem sabe o que ta falando. meu deus que idiota essa Analice Mative Groppo.vou bloquear para nao ver mais idiotices deata ai.jesus livra me

AMG Sou a favor da intervenção militar .

RD PF indicia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em processo da Lava Jato. Lula - corrupção passiva, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro Marisa Letícia - corrupção passiva e lavagem de dinheiro <http://g1.globo.com/.../pf-indicia-ex-presidente-lula..>

G1.GLOBO.COM

PF indicia ex-presidente Lula, Marisa e mais três em...

RD PGR não tem mais dúvidas de que Lula comandou trama contra a Lava Jato Depoimento de Delcídio do Amaral, combinado a provas como mensagens eletrônicas e extratos telefônicos, reforçam a convicção dos investigadores de que o ex-presidente coordenou operação para comprar o silêncio de uma testemunha que poderia comprometê-lo <http://veja.abril.com.br/.../pgr-nao-tem-mais-duvidas-de.../>

VEJA.ABRIL.COM.BR

PGR não tem mais dúvidas de que Lula comandou trama...

RD



270

RD



RD



AMG O que dizer de quatro bandidos ? Deveriam pegar um 38 apontar pra cabeça e apertar o gatilho.

MK Não tem nada decidido. Vamos deixar pra comemorar depois do resultado. Com tantos senadores indecisos e como político muda de opinião de uma hora pra outra, acho que devíamos estar pressionando os indecisos e não cantando vitória.

VC Beleza, a quadrilha vermelha vai sair do poder, mas não é motivo de festa, ainda estamos pagando o preço desse DESgoverno corruPTo e irresponsável! Não devemos baixar a guarda, o alvo agora deve ser o TEMER, pois se ele sair da linha esse mesmo movimento MBL deve ir para cima dele. 275

CCE



MK E vc acha que eles vão tirar ele??? Sabe de nada inocente kkkkk

MR Eu não vou comemorar porque estou triste e decepcionada. Como conseguimos colocar uns trastes desses no poder? E pela campanha da Prefeitura de SP Russomamo, Martha Relaxa e Goza cotados. Tenha santa paciência. Ainda não aprendemos nada. Espero que o MBL ajude a refrescar a memória desses prefeitos safados que estão pelo Brasil todo lembrando que esses trastes usarão a máquina para ajudar a eleger o próximo presidente.

AZ Gostaria em saber. Vc que sao responsavel pelo valor do feijao custar 15 reais Litro de leite 4.50 Muito alimento sobindo Voto do povo nao existe Vc a burguesia Coitados do pobre sofrendo no bolso

JC PT bando de bandido, torcendo para o Brasil não afundar de vez! Não merecemos comunismo! Merecemos evolução e com essa mulher que não fala nada com nada, não iremos evoluir! **280**

JSF A geração de hoje cresceu num mundo em que, na escola e na imprensa, o espírito da livre iniciativa é apresentado como indigno e o lucro como imoral, onde se considera uma exploração dar emprego a cem pessoas, ao passo que chefiar o mesmo número de funcionários públicos é uma ocupação honrosa.

MP A MPL são bando de vagabundos sustentados por partidos corruptos como PSDB, PSDB, DEM Então não é somente o PT que rouba ... Tem esses babacas também.

EG Senador Radolfe da Rede, defensor de Dilma no Impeachment, diz na cara dela que era oposição a ela. Depois petistas acusam que "eles" atrapalhavam o país.

VM Eu só vou comemorar quando as coisas começarem a entrar nos eixo, por enquanto só está havendo remanejamento das peças do jogo político, ainda é cedo para O POVO se sentir vitorioso, a não ser os políticos.

JJ Esse movimento é assustador. Desejo que essa mesma força motriz que os coloca contra a Dilma, seja também implacável com a corja que ainda se manterá. Caso contrário, são iguais a eles. Assustadores e repugnantes. **285**

CCE



JJ C Como Educar Tô procurando aqui no meu texto aonde foi que falei em votar no PT. Assim, aproveito pra dizer que você exerceu o seu direito... E nem precisou do PT.

MS Nesse momento, acentua-se nos bastidores, a venda de cargos políticos, as malas de dinheiro, enfim, à corrupção desenfreada pela compra dos votos dos Senadores no processo de impeachment. E tudo pago por nós, Povo Brasileiro, através dos impostos absurdos. E vocês falam em comemorar? Até quando aceitaremos tudo isso passivamente? O que somos? um Povo ou um



305

FA Fakes papagaios do golpe a mamata com o dinheiro público vai acabar

MG Não é uma questão de corrupção ou não, e uma questão de manutenção dos direitos conquistados, dos trabalhistas, dos sociais, do acesso ao ensino superior, a habitação, aos programas sociais, a saúde gratuita ainda que não seja a esperada... E não apenas o discurso rezo e vazio de apenas corrupção, esse aí já não voa mais desde 64...

FA Direitos esses que a sra Dilma Rousseff mexeu nos direitos dos trabalhadores, cortou verbas da saúde, educação e segurança, deixou um rombo de 170 bilhões aos cofres públicos e advinha quem vai pagar a conta desses crimes? Nós brasileiros que já estamos em 12 milhões de brasileiros desempregados

VA MBL, movimentinho político financiado por partidos contrários ao PT. Ladrões, manipuladores, capitaneados por um retardado chamado Kim Kataguiri. Pra quem tá comemorando impeachment, eu só digo uma coisa... Os ladrões da direita roubarão e você nem ficará sabendo. Se eles quebraram a constituição para chegar o poder, o que farão para permanecer lá? É só pensar. Manobraram você, e você caminhou em Copacabana, comprou revista Veja, bonequinho do Lula, e patinho amarelo. Mas aí, Temer e mais 7 ministros na Lava Jato, e o que o MBL diz disso? Maior do que qualquer corrupção, é a quebra da Constituição que rege o país.

AS Notem a coincidência. Vamos comemorar a independência da praga comunista que pilotava o país às vésperas da comemoração da Independência, 07 de Setembro. Façamos muita campanha contra os candidatos de partidos socialistas e comunistas para os cargos a prefeito e vereadores. Vamos limpar o Brasil dessas imundícies! Façamos nova independência para o Brasil, agora a independência do mal chamado comunismo. **310**

GC TEXTO PARA COLAR NA PAGINA DOS SENADORES INDECISOS E TRAIADORES. Só os fracos caem na conversa desse partido DITADOR. e quem está com Dilma, está selando o destino do Brasil. Pois democracia para eles é a democracia de Cuba, é a democracia da Venezuela. E quem Trai a democracia do Brasil, vai de senador do Brasil a Traidor do Brasil. pois o impeachment nasceu no meio da maioria do povo brasileiro e o povo brasileiro é que é a verdadeira democracia.

YD Depois desse grupo ter um dos seus representantes principais filiados ao DEM tem gente que ainda é trouxa em acreditar que é um grupo idôneo e apartidário? A não ser que quem esteja aqui seja partidário ou só quer ir contra o PT, o que esse grupo realmente é, tem que ser muito idiota pra cair na conversa deles.

LS Eu nem curto a Dilma, mas de ver o Kim liderando essa movimentação toda anti Dilma até sinto uma leve simpatia por ela.....

PRW SERÁ QUE IREMOS CONSEGUIR SAIR DO BURACO TANTO NA POLÍTICA COMO NA ECONOMIA? O IMPEACHMENT NÃO É SUFICIENTE MAIS É NECESSÁRIO.. Que a economia brasileira vai mal, todo mundo sabe, com um rombo de 170 bilhões de reais em 2016, e com uma proposta de rombo de 140 bilhões de reais para 2017 é possível prever que o rombo persista até o final da década, ,mas a pergunta é: De que forma podemos nos preparar para enfrentar e vencer o desafio de levar o país de volta aos rumos do crescimento? Uma retomada da economia brasileira dependerá exclusivamente DO ATUAL GOVERNO INTERINO, pois segundo todas as análises, FOI O GOVERNO ANTERIOR QUEM NÃO FEZ SEU PAPEL EM TERMOS DE FOMENTO DO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS. Em resumo, não fez nem o seu dever diário e muito menos o dever de casa. Enquanto a agricultura, indústria e serviço davam seu sangue para atingir patamares de produtividade e competitividade, o Governo falhava no planejamento estratégico, infraestrutura e política fiscal. Os motivos que levaram a atual situação econômica do Brasil são muitos, mas alguns deles merecem um destaque especial. O primeiro deles é a TOTAL FALTA DE INVESTIMENTOS EM INFRAESTRUTURA, que tem levado o país a perder competitividade tanto no ambiente

interno quanto externo. A explicação para esse caos está na questão estratégica. O segundo grande motivo de termos chegado no ponto em que chegamos foi a TOTAL FALTA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE LONGO PRAZO PARA NOSSA ECONOMIA. O governo vem trabalhando com uma estratégia de reação aos fatos, uma verdadeira operação tapa buraco, onde medidas emergenciais são adotadas para tratarem problemas que seria facilmente resolvidos se houvesse um planejamento macro. O terceiro e talvez mais grave problema é a SUBMISSÃO DA POLÍTICA ECONÔMICA À POLÍTICA PARTIDÁRIA. Isso tem levado a uma desestruturação da máquina pública que vem prejudicando todos os setores da sociedade, como a EDUCAÇÃO, SAÚDE PÚBLICA, SEGURANÇA PÚBLICA, MOBILIDADE URBANA E OBVIAMENTE A ECONOMIA. O quarto motivo é a FALTA DE CREDIBILIDADE. COM ESCÂNDALOS SE ACUMULANDO E A IMPUNIDADE GRACEJANDO, mesmo que estivesse bem intencionado o governo não teria credibilidade suficiente para contar com apoio dos diversos setores da economia nacional. Este é o problema que nos deixa temerosos em relação ao futuro. O ajuste fiscal é inevitável para provocarmos uma reversão da atual situação econômica do Brasil, pois o uso de ARTIFÍCIOS CÍNICOS COMO A CHAMADA CONTABILIDADE CRIATIVA DAS CONTAS PÚBLICAS não dará condições para que o país volte a crescer, só jogará mais para frente uma crise maior. A atual situação econômica do Brasil pode ser revertida, mas se depender apenas dos empreendedores, sem a colaboração do governo, fica impossível. É importante salientar que a reforma econômica necessária não terá legitimidade sem a correspondente reforma do Estado, que permite uma sangria imensa dos recursos públicos através da corrupção, por incompetência da gestão pública e pela burocracia que cria dificuldades para a venda de facilidade. VAMOS MUDAR ATRAVÉS DO IMPEACHMENT E EM SEGUIDA PELAS ELEIÇÕES DE 2016 E DE 2018 SEMPRE EM BUSCA DA CIDADANIA PLENA IRRESTRITA. AS ABSTENÇÕES E OS VOTOS NULOS SÓ FAVORECEM AOS MAUS POLÍTICOS

SS Bom dia meus nobres
 O tempo passou na janela
 E só Carolina não viu
 O outono do menestrel é cada vez mais patético ...
 De tudo ficaram três coisas:
 Não basta talento musical para se ter um pensador,
 Não basta talento político para se ter um estadista,
 Não basta coração valente para se vencer batalhas.



315

MJS Vocês são um bando de loucos e imbecis e dementes. Jogando a nossa liberdade e respeito do mundo para acobertar a robalheira dessa classe de desclassificados. VOLTA DILMA QUERIDA CORRENDO.

LAB Só os cara pálidas inconsequentes desta coisa chamada "mibele" falam em festa do impeachment. Devem estar festejando, pois o padrinho que os financia deve estar sendo generoso.

DC Chuuupa bandidos parasitas. Fomos para as ruas e derrotamos a organização criminosa do nove dedos!!! A sociedade brasileira tem mais força do que imagina, quando se une!!!

JS Parabéns pela iniciativa tem que comemorar a retomada do país e extirpar os petralhas os simpatizantes centro organização e tudo ligado a organização criminosa do PT

JJHParabéns MBL Brasileiros são maiores todo Brasil venceu Dilma e Lula. 320

ACB MBL, nome bem sugestivo, vcs.não vão comemorar a saída de Cunha, e ainda vão estender

as mãos ao CONDEDRACULA(TEMERTRAIIDOR)hein..hein...VERDESPALIDOS. 🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷

MP Movimento Picareta Nacional... bancado pelos verdadeiros corruptos do Brasil. Quebro vc nas palavras Kim.

MAA Esses idiotas vão festejar o impedimento da Dilma e lamber as botas do Temer? Ou vão continuar fazendo jantarzinho Pra arrecadar fundos pra esse babaca do kataguri comer filé mignon e voar de primeira classe.bando de alienados filhos de papai idiotontos

AM Será que é hora de chamar para festa? Tem senador anunciando que mudou o voto e votará contra o impedimento, Otto Alencar, é o do DF ameaçando mudar também. Fiquem alertas.

AFP Agora chegou a tropa de choque pra soltar o cacete nessa raça maldita na Av Paulista **325**

MCZM Tem que descer o cateter sem dó e prender estes vagabundos

EA Jura? Fecharam as 18hs. Depois não vi mais, deu rolo?

AFP A única coisa que o PT sabe fazer é Baderna, e é isso que está acontecendo na Av Paulista

AT olha só que cena enquanto vcs ficam no mimi eles trocam figurinhas...ACORDAAAA eles não estão nem aí para o povo Brasileiro!!! lamentável



JMS Após o impeachment, espero que ela vá morar com esse cara maldito aí, ou então vá pra PQP.



330

SC A maior mentira dos senadores golpistas é dizer que o impeachment nasceu do desejo das ruas. A grande maioria dos brasileiros nunca colocou como bandeira a saída de nossa presidenta. Nunca foi às ruas, em sua maioria, nesse sentido. A globo manipulou parcela do povo às ruas, com o falso discurso de combate a corrupção. Uma parcela foi enganada pelas estratégias da globo é sua lava jato. Assim, uma parcela do povo brasileiro foi às ruas, por um curto tempo. Superado as manipulações, com a ajuda desse mesmo povo, o povo foi às ruas, na defesa da democracia e de nossa presidenta Dilma Rousseff. A globo manipulou imagens. Mas a grande maioria do povo brasileiro sempre esteve na defesa de Dilma e de suas políticas públicas. O povo elegeu Dilma e lutou e luta por e com ela. Mas a globo golpista nunca iria mostrar com imparcialidade esse fato. Para sobreviver, precisava manipular a realidade. Simples assim.

YZ Vcs falam da Globo pq ela todos os dias fala sobre processos. Quem defende ladrão é advogado se não é cúmplice

RM O povo não foi pras ruas pedir a saída de Dilma e PT ?????? Tá brincando né? Ou esteve fora do país quando isso aconteceu? O impeachment só tomou força devido ao pedido dos brasileiros !!!

CS RM os manifestantes que não representaram nem um terço dos eleitores do arceio?

RD



335

RDRD

RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...>



RD Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula, Cardozo e Mercadante. Ministro mandou apurar se eles cometeram crime de obstrução da Justiça. Todos negam. Inquérito também investigará Delcídio e 2 ministros do STJ. <http://g1.globo.com/.../teori-autoriza-inquerito-para...>
G1.GLOBO.COM

Teori autoriza inquérito para investigar Dilma, Lula,...

RD

340

SC Contra os fatos não há argumentos!!!

PHK vocês irão fazer manifestação dia 31 no resultado do impeachment ? se sim , façam uma coisa , assisti um vídeo aonde eles queimavam a bandeira comunista em forma de repudio da ditadura comunista , que tanto mata e faz sofrer a população , então se forem fazer uma manifestação , preparem um equipamento para queimarem a bandeira comunista , assim como naquele vídeo aonde a bandeira brasileira foi queimada

GR Vai ser grande a decepção é a frustração daqueles que acreditam que o MBL E O VEM PRA RUA. Querem mesmo limpar o país da corrupção e dos políticos corruptos! Basta observar e aguardar o pos impeachment!

BS Movimento Brasil neo liberalista com apoio da elite e de parte do povo que não sabe oque esta fazendo ...

SN Carnaval da babacada só podia ser ali. Encham o rabo de cerveja quente e bife bem passado. Bando de pau mole comemorando a queda da presidente grelo duro. Vou dar uma passada lá só pra mandar um tomanocu. Esse ídolo de vcs se cagaria todo e entregaria até a mãe já na antessala da tortura. **345**

RA Quais verdades a marcha ré-pública disse até hoje, aquelas que estão nos livros de história? Escritos por historiadores comprometidos com o regime vigente nestes 127 anos? Qual figura pública partidária atual tem, espelha e serve de exemplo para um povo completamente descrente, descontente e desconfiado de qualquer partido e de qualquer político e quando algum novo aparece buscando entrar na política, já olha e comenta, tá aí mais um querendo fazer parte da panelinha... Este regime político não deu e não dará nada de melhor para este país... Quem são esses caras que nos representam? (R.C.Araújo-Professor de História)

SY Vamos ver se entendi:
 1- o Ex-Ministro do Fernando Henrique Cardoso, advogado Miguel Reale Jr. faz a denúncia
 2 - O Bandido, comprovado, Cunha Aceita a denúncia
 3- os Deputados Corruptos votam prosseguir a denúncia,
 4- O PSDB faz o relatório (Anastasia);
 5- O Senador (juiz) Aécio e Aluyso Nunes que perderam a eleição 2014 vão julgar A Dilma Rousseff por crime de responsabilidade.
 6 - O Michel Temer compra a maioria do Senadores Juizes com Cargos do Governo Fim Assume o Michel Temer corrupto.... kkkkk
 Qual a parte da Justiça Brasileira você não entendeu????

RA Onde está o fora Temer cambada de frouxo!!! Pelegos!

LT Olha a camisa dele amigo quem apoia o pt gosta de bagunca gosta de corrupcao gosta de propina gosta de comunismo amigo acompanha a obrigacao de um politico

LC Está Dilma não vale nada é uma mulher sem carater tem muitas pessoas k cai na conversinha desta mulher sabe porque não está passando , por dificuldade tem talvez um bom imprego ou vive desta merda de política engando o povo do nosso pais vão vão trabalhar acorda sedo quebra parede fk fazendo massa no sol quente passando frio e chuva e comendo uma quentinha para ganhar um salário minimo e quanto esta cambada de ladrões só pensam neles, ou neh no dinheiro quando assumem os gabinetes eles somem , si esconde pedem para avisar si chegam alguma pessoa no gabintes deles manda avisar k não está ficam comprando o povo por metro de areia e um saco de cimento pelo o Amor de Deus pessoal nossa Pais não Precisa destes canalhar vamos lutar para acabar com está raça k dis que é gente mais o Senhor está olhando por nós e olhando eles tbm uma ora tds temos k ser olvido pelo senhor . Cuidade nós concordamos com as coisas erras estaremos pecando pense nisso tenh um bom dia fk com Deus. **350**

Ada MBL - Movimento Brasil Livre. Na greve dos CAMINHONEIROS, trabalhadores honestos que reivindicavam do governo redução no preço do diesel, a Presidente Dilma aprovou a LEI 13.281/2016 em caráter de urgência para Aplicar PESADAS MULTAS aos Caminhoneiros, além de Determinar USO DA FORÇA POLICIAL para Desobstruir as Rodovias. Pois bem, agora integrantes do MTST, CUT, MST, etc. fazem Bloqueios as Vias e Rodovias do Brasil em protesto contra o Impeachment e por que Dilma e seus Aliados ficam Calados??? Não tem nada a Declarar????

ISG Já tem petista tacando fazendo barreira de fogo na rua....

AM Pois a polícia limitou o espaço. Os bandaleiros queriam prosseguir até a CUT. Com raivinha,

começaram a discutir com os policiais da barreira e saíram a queimar. Lamentável tal atitude.

CRL Só uma pergunta MBL...O que vocês vão fazer depois de confirmado o impeachment da Dilma?

HS Passando para lembrar que o problema da política no Brasil não é um ou outro partido O grande problema é a Corrupção. Só para lembrar Piadaaaaaaaa

Dos 81 senadores que estão julgando a Dilma, 49 estão sendo investigados! Como levar a sério um processo de Impeachment desse? Não acho correto ladrão julgando ladrão já pensou se está moda pega. Sou a favor do impeachment agora não sou burra ao ponto de apoiar o sujo falando do mal lavado. Ladrões dando uma de inocentes julgando quem ????? Eles não tem moral para julgar ninguém será que o ódio por um partido faz o povo acreditar que essas velhas Raposas são boas Tudo Farinha do mesmo saco. **355**

AM Engraçado... As pessoas acham que lutar para dismantelar uma bem orquestrada quadrilha que desviou milhões e milhões dos cofres públicos é pouco. Tem aquele velho mimimi de que todos roubam, esqueçam, o povo não aceita mais que seja normal o político roubar. Não foi so um movimento que ajudou a organizar o povo a irem as ruas. Quando os movimentos, que se dizem sociais, ex MST, os sindicatos, ex CUT vão as ruas, esses mesmos que gritam golpe, que dizem q o povo foi massa de manobra para tirarem dona Dilma do poder, os defendem falando q estão lutando pelos seus direitos, o contraditório sempre presente na cabeça da esquerda. E a faxina política começou, nas próximas eleições espero q o povo limpe ainda mais. Não se limpa uma casa de uma vez, você limpa um cômodo por vez até tudo estar limpo. O Brasil não é do partido X ou y, é do povo q acorda cedo, pega transporte público lotado, trabalha 5 meses só para pagar os impostos. Basta de corrupção e aceitar.

MS Mas ainda acho que a cereja do bolo foi o cessar fogo das FARC. O PT achava que as FARC se juntariam ao MST para defender a terrorista, mas as FARC simplesmente acabou! E isso foi hoje!!! A guerrilha acabou. Chola PT. <http://g1.globo.com/.../comeca-cessar-fogo-do-governo...> G1.GLOBO.COM

Começa cessar-fogo do governo colombiano e as Farc

CAS Quem fala de moralização do Brasil e apoia essa corja que está aí...o que existe de fato é uma relação de ódio contra uma mulher. Se isso passar o que vai ter de Jurisprudência; nenhum governo (Municipal/Estadual/Federal terão suas contas aprovadas. Não votei nela (Dilma), mas também não apoio golpe

RD



RD



360

RD



RD



RD



RD



RD



365

RD Não é porque os governos Estaduais e municipais sempre cometerem crimes de responsabilidades e nunca foram punidos que justifica o crime de Dilma não ser punido. Isso fica de lição para o governo Federais, Estaduais e municipais que a partir de agora pedalou dançou. É hora de mudança. É hora de transparência. É hora de competência!!!!



Dilma! As leis não se curvarão perante a sua vontade pessoal. Impeachment por **desobediência** das leis vigentes **NÃO É GOLPE**. Não tente **deturpar** as leis só para invalidar **os seus crimes**. Se outros **descumprirem as leis**, isso não lhe dá o direito de fazer a mesma coisa. Crie consciência!

MHGO Estão malucos? Insanos? Débil mental? Contribuição? Já chega os políticos ladrões roubando e ai vem o povo com estes movimentos para tirar mais

dinheiro do povo?
Este País virou um verdadeiro manicômio!

GM Esta noite não durmo, mais ansioso do que quando casei. Porque descasar com a Dilma e o PT não tem preço.

LC Fico tão aliviada em saber que com saída de Dilma os problemas do Brasil serão resolvidos. Partiu comemorar! Os objetivos foram atingidos. Pra quem pensou que a luta era contra a corrupção, só lamento.

AA Vamos pra rua apoiar nossos senadores, para que represente a maioria dos brasileiros, votando pelo impeachment. **370**

GC Esta roubalheira toda só vai acabar, a hora que Roubar erário público For considerado Crime contra a Pátria, Passível de Prisão perpétua confiscar todos os Bens, exilado do País e em alguns casos pena de morte!!
E justo!!

MF Piada esse MBL pedir doação, parece até coisa de igreja desonesta, e os babacas ainda acreditam.

CCE



DB MBL é uma farsa desgraçada, parabens, de volta ao mito das cavernas. Isso ai acéfalos, continuem doando grana para eles, vai achando que eles querem o bem do brasil sim, aham.

IG Eu sou povo Brasileiro, e não vejo 1 linha desta pagina contra os roubos do psdb por todo Brasil ,ja são maiores e as do Pt ,não vejo 1 linha contra o pmdb ,ninguem é mais acusado do que o Renan Calheiros,não vejo 1 linha que não seja o pt ,gostaria de saber esta pagina ê so contra o pt ,o Renan ameaçou caçar quem pediu sua prisão ,Cunha ninguem tira,Aécio ninguem investiga, para de enganartrouxa o problema do Brasil não resume ao pt.porque voces não fazem campanha ,para ninguem votar nos grandes partidos ,que so tem bandidos ,engana bôbo ,voces só podem ser financiados pelos dono do Brasil ,Psdb e Pmdb, **375**

AL Agora chamou janaina de senadora, ela é uma burrona dos karaiois

AN GENTE...alguem sabe como os senadores estao votando? Tem algum placar? Estou realmente apreensiva desse impedimento nao passar. Alguem sabe??

MS Movimento de jovens mimados que nunca deram duro na vida e acha que sabem alguma coisa.

Querem aparecer usando a mídia e se acham pop star.
VERGONHA NACIONAL.

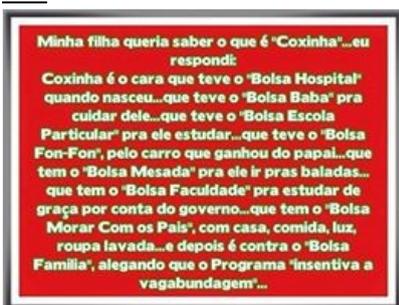


CF Jovens mimados que nunca deram duro na vida são comunistinhas e apoiam o PT e aliados.

PM



380

MS**MS**

AMV Sou totalmente a favor do impeachment, mas daí a chamar de festa... Acho que essa triste fase que o país atravessa pede mais serenidade que festa, mas beleza... O "tchau querida" está sendo tão esperado que empolga mesmo! Mas que após a festa, venha a serenidade e a responsabilidade ao escolher nossos governantes! E olhos bem abertos para o governo Temer!

CD Esse é o Movimento sério ... #Migo seus Lokos... vamos comemorar com vcs ,no barzinho de vcs ,gerando lucro pra vcs.... #TáSerto! Triste é ver q tem quem vai atrás vamos comemorar quando tivermos passado por essa nuvem negra que aponta no horizonte, quando não tivermos mais tanto medo e incerteza do amanhã... quando tivermos empregos que valorizem nossos esforços, saúde, dinheiro pra pagar nossas contas.... quando tivermos o que comemorar

E vcs aí nesse movimentozinho ,querendo comemorar.....#VergonhaAlheia

LV Quem gostar de comunismo que vá morar na Venezuela ou Cuba pra ver o que é bom!!!!!!
385

JG Caramba, só tem comunista aqui, vermelhos! Af, Cuba, Venezuela, Coréia do Norte, são maravilhosos exemplos de "democracia"! Essas faculdades de hoje, era petralha, só tem professor comunista, fazem verdadeiras lavagens cerebrais nos tico-teco da cabecinhas da juventude!

LRS Oi? eu li COMEMORAR? Comemorar o que? Acabou a miséria, a fome? Todos os negros estão nas universidades? Acabou a morte de jovens e mulheres? Acabou a violência doméstica? Acabou o tráfico de drogas? Acabou a violência urbana? E vocês ainda me falam comemorar?

PELO AMOR! Só não vê quem não quer que esse coletivo não tem nada de representativo! Não há o que comemorar, há o que lutar! Mas, bem, acho que vocês não entendem muito disso, então vou parar por aqui e parar de ler essa página pois é tanto asneira que eu li em tão pouco espaço de tempo que prefiro preservar a minha saúde mental...

MA E os vermelhos estão na av.Paulista fazendo arruaça.Baderneiros,tacaram fogo na Av.Paulista

PM com bombas de gaz lacrimogêneo.

ESB Desce o cacete nesses vagabundos!

MCCU Polícia dessa o pau neles.. **390**

LRC só sabem fazer baderna

LRC Não conseguem enxergar que o Brasil vai melhorar

RF Que vergonha!!!

LR OTTO ALENCAR: "VOTAREI CONTRA O IMPEACHMENT"

Brasil 29.08.16 08:35
Otto Alencar acaba de revelar seu voto pela primeira vez:

"Votarei contra o impeachment. Não estou convencido do crime de responsabilidade", disse, com exclusividade, a O Antagonista.

Por outros motivos, como a tentativa de emplacar Lula no ministério para livrá-lo de Sérgio Moro, o senador votaria pelo afastamento.

"Mas tenho que votar com base no que está nos autos."

Aproveite seu último mandato, senador.

TLM Aproveite Senador Otto para ganhar muitas eleições... #GolpistasNãoPassaram **395**

JS Sim Luiz o julgamento e sobre os 3 decretos de créditos suplementares nada tem a haver com lava jato ou qualquer outra coisa.

SP É isso... Comemorar sim...se pensarmos q depois de amanhã vamos acordar sem o PT SAFADO...CORRUPTO... Fora das nossas vidas e de quebra Sem a Anta... Não tem preço... OBRIGADA AOS MOVIMENTOS... Participei de tudo... E continuo participando até o último voto... E vou beber muuuuuuuito kkkkkkkk um brinde à todos pela luta!!!

RJ uma das loucas do senado disse que a ex-presidAnta vai aposentar com 5 mil mensais, e que por isso, ela precisa continuar trabalhando e assim pede que ela não seja apenas com a perda dos direitos políticos...

Mas ela eu queria entender o seguinte: me parece que a ex-presidAnta é economista... ora... como economista ela só pode atuar no serviço público? que tipo de profissional é ela que não vai conseguir um emprego em uma empresa privada?

TAF Bando de golpistas inúteis, coxinhas vão mamar no saco de Aécio que vocês ganham mais, 54 milhões de votos. Golpistas Safados quem apoia a corrupção e porque não vale nada igual aos golpistas, se querem um Brasil melhor vão trabalhar vagabundos

AO Tamos juntos para um Brasil melhor , fora Dilma Rousseff ladrona pilantra : **400**

LLGP Kkkkkkkk DOE e faça parte dessa festa e não é que tem tontos que doam kkkkkkkk

ARF Dilma fincou o pé, não renunciando e continuando a gastar o dinheiro público. Agora quer preservar o poder dar aulas em universidades públicas para "ensinar" que foi um golpe!!!! FORA TOTALMENTE DILMA! **402**